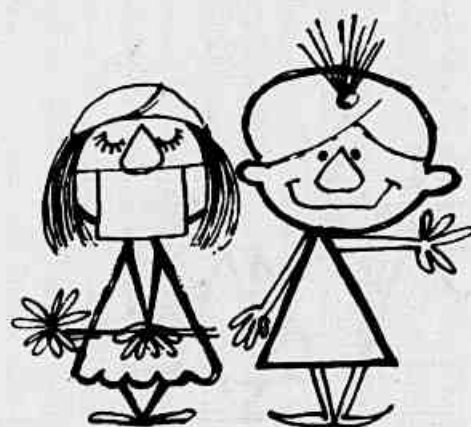


Semana

REVISTA DA



Ambrozio

Nº 18 — 3 maio 58 — Cr\$ 10,00



ABELINA DAS COUVES, A CANTORA

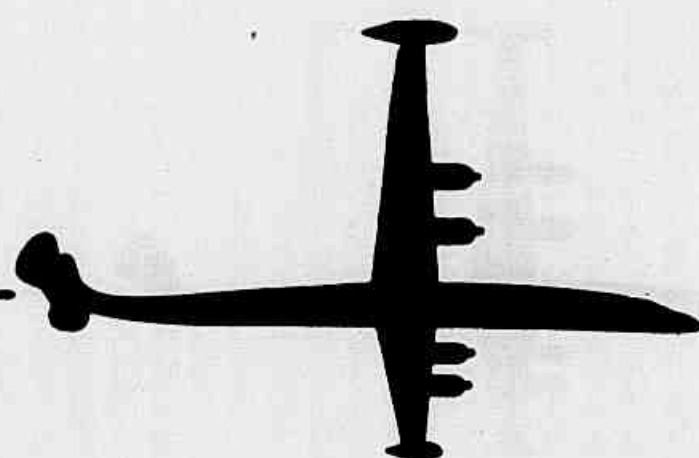
Lady Maxwell informa:

**UMA CADELA
"BEM"
LATE
NA JUSTIÇA**

Anísio Teixeira:

**RESPOSTA
AOS BISPOS**

*Uma nova aeronave...
em nova rota...
com um novo serviço!*



SUPER CONSTELLATION INTERCONTINENTAL

De Luxe

A passeio ou a negócios... indo a Nova York, prefira o Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig – a mais moderna aeronave para passageiros em voo no Hemisfério.

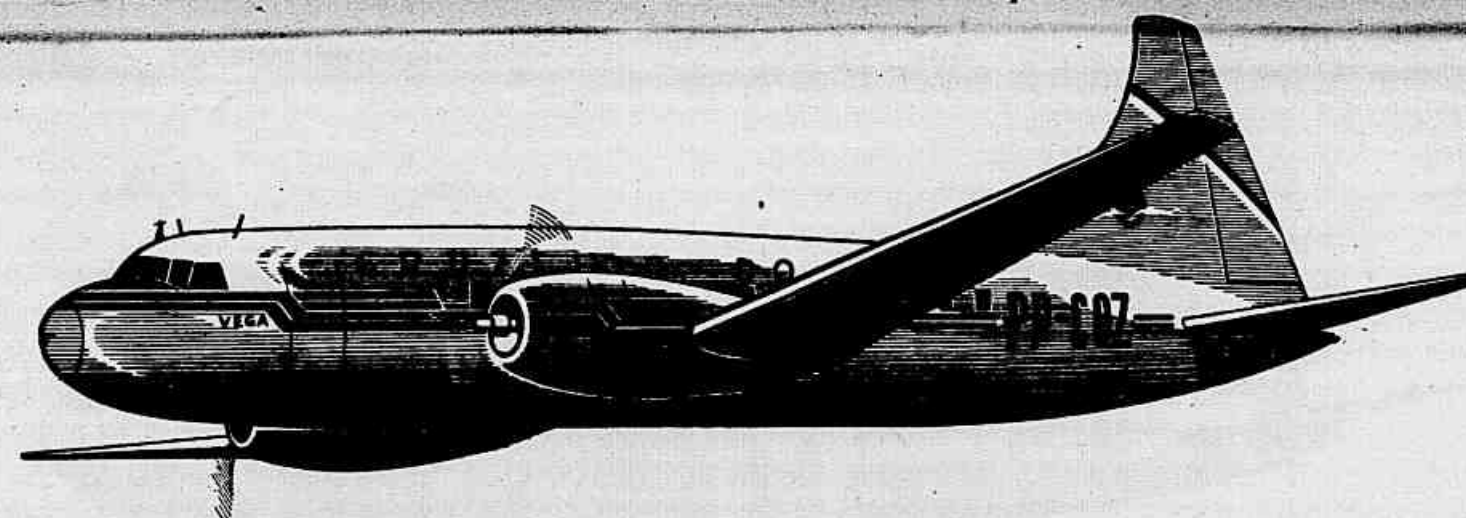
Uma única escala em Port-of-Spain... e a tradicional cortesia



VARIG

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortesia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 18, Rio, 3-5-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator-Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, V. M. Vasconcelos, Antônio Melo. ILUSTRADORES — Marius, Jaguar, Ambrósio, Raf, Babiniski, Brandão, Claudius, Paulo, Jesuino Ribeiro. ARQUIVISTA — J. Romeu Viana. EDITORES: — Internacional — Stefan Baciú. Política — Murilo Melo Filho. Departamento Especializado — Hélio Polito. Cinema — Ely Azeredo. Rádio — Ricardo Ramos. TV — Murilo Nery. Literatura — José Roberto Teixeira Leite. Humor — Luís de Azevedo. No Espaço — Cônego O' Grady. Teatro — J. Fomm. Sociedade — Lady Maxwell. Polícia: José Machado — REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: REVISTA. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570 — Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J. M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

LEIA:

LADY MAXWELL 7 — Uma cadela «bem» late na Justiça
21 — Sociais

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO 11 — Primeira Inscrição cancelada no DE
61 — Mais Titina

REALEZA 14 — O medo da Princesa é ficar Tia Margaret

NOVELETA 17 — Matéria de interesse humano

TEATRO 23 — Vive la France
39 — Jornada de um longo dia para dentro da noite

MEMÓRIAS 25 — Eu fui precursor da candidatura Vargas — Rafael Corrêa de Oliveira

GENTE 27 — Julian Gorkin, um trotskista, faz o retrato de Trotsky

INTERNACIONAL 30 — Eleições na Itália e adjacências

ENTREVISTA 34 — Anízio Teixeira responde aos bispos.

HUMOR 20 — Anúncio que não existe
43 — Ambrozio, o fiel, fala de um velho tema.

GASTRONOMIA 44 — Luís, Diário de um Gastrônomo

CONTO 45 — Saravás na Casa Escura — Geraldo Forbes

ESPECIAL 48 — As lavadeiras do Riacho Quintas

RÁDIO 53 — Abelim das Couves, a Cantora

OPINIÃO 66 — Aluízio Alves

CONTATO

TITINA, a garôta do D.E., vem aí.
Chega dia 2 ao Rio, onde vai passar o sábado, o domingo, a segunda e a terça-feira.

Na quarta-feira 7 e na quinta-feira 8 estará em Salvador.

A sexta e o sábado passará no Recife.
Domingo e segunda em Fortaleza.

Os dias 13 e 14 são para Belo Horizonte.

15 e 16 para São Paulo.

17 e 18 para Pôrto Alegre.

E então voltaremos a trabalhar em paz.

Rafah Camp, Egito, 14 abril 1958.

Senhor Diretor.

Tomo a liberdade de pedir a V.S. o especial obséquio de fazer chegar às mãos da senhorita Maria Helena Gioia a carta que segue junto.

Esperando merecer a vossa atenção, despeço-me atentamente

Grato

Adão.



Rafah Camp, Egito, 14 abril 1958

Maria.

Eu me lembrei de escrever para lhe dizer o seguinte: a sua foto que está na capa da REVISTA DA SEMANA, colorida e muito linda, eu arranquei e preguei na cabeceira da minha cama. Todos os dias, ao levantar-me, eu a contemplo.

Maria, acredite em mim, encontrar sua foto foi a melhor coisa que já me aconteceu por aqui.

Felicidades para você e um abraço dêste que tanto a admira

Adão.



Cabo Adão Alves de Mello
Brazilian Battalion
Unef Base Post Office
Beyruth — Líbano.

JULIAN Gorkin já foi comunista. Fundou o PC espanhol e foi delegado no Komintern. Rompeu com os stalinistas e foi condenado à morte, no primeiro grande processo soviético de repercussão internacional. Escapou do fuzilamento por milagre. Foi acusado e perseguido como trotskista. Hoje ele fala com exclusividade para a RS, "sem maquilagem e sem deixar de dizer as coisas mais difíceis".

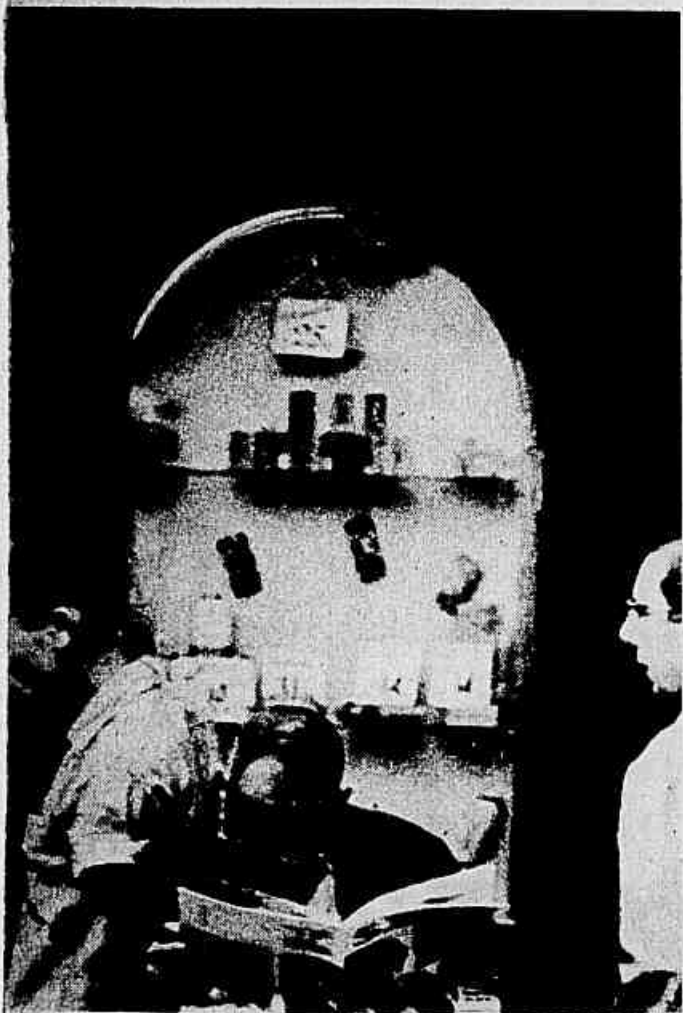


CARTAS

DESMEMORIADO

"Em 'Memórias do que eu vi e senti' (RS n. 15, 12-4-58), o sr. Rafael Corrêa de Oliveira está um tanto 'desmemoriado'. Houve um fato, um pelo menos, comentado por toda a imprensa da época (não tão distante) — o assassinio de Elsa Fernandes. Isto foi documentado com cartas do sr. Luís Carlos Prestes, nas quais ele insistia com H. V. Guimarães para que matasse uma pobre moça, sem nenhuma projeção pessoal que influísse em alguém. E cartas enérgicas! Assim, acho que ao sr. Luís Carlos Prestes fôsse fácil perdoar os assassinos de sua dita esposa. Se o sr. Rafael quisesse avariar a sua memória, encontraria outros fatos que eu não menciono mas que haviam de tirar as asas do 'anjo comunista' e nem poderia compará-lo com qualquer cristão".

Maria de Moura, DF



CRISTO

"... e protesto contra Cristo de tropical. Ele quando veio à Terra para salvar a Humanidade não estava vestido de tropical".

Maria do Rosário de Souza,
São Paulo

APLAUSO

"... e elogio a sinceridade dos depoimentos do sr. Rafael Corrêa de Oliveira, prin-

cipalmente quando se referiu a Luís Carlos Prestes e D. Hélder Câmara..."

Jorge Sourinho, DF

MEMÓRIAS

"O sr. Rafael Corrêa de Oliveira está escrevendo suas memórias em caráter puramente imparcial porque conhece alguns fatos apresentados e posso confirmá-los sempre que surgirem dúvidas".

J. B., São Paulo

RETIRADA

"Lamento a falta de gentileza e de companheirismo contida na crítica da pseudoleitora Helga. Peço-lhe o obsequio de retirar meu nome de sua folha de colaboradores".

Fernanda Barcelos, DF

PRÓS & CONTRAS

"Cumprimento a nova e ótima RS. Digo que o Palácio do Catete foi construído para a rua não porque a velha São Clemente não quisesse árvores pela frente mas porque ela, 'nouvelle-riche', conservava hábitos do tempo de pobreza, sentando-se à janela à tarde para ver o movimento. Reclamo da distribuição da RS na minha cidade. Felicito o DE porque até que enfim apareceu uma revista brasileira com coragem, que não liga aos falsos puritanos. Quero mais fotografias femininas. Mando junto um conto."

Geraldo de Figueiredo Forbes,
Santos, SP

§ Vide página 45.

Editor

POR CAUSA DE QUE

"... por causa de que vocês usam tanto por causa de quê? Isto não está errado?"

Heloísa Silva, DF

§ Por causa de que por causa de que está certo e por causa de que por causa de que fica mais bonito.

Editor

PROTESTO

"... contra Sophia Loren vestida na capa do número

15. Ela pode ser aproveitada melhor de outro jeito..."

Máriozinho Pereira, DF

RETROGRADO

"Não sou um velho retrógrado mas não posso compreender como é que modernizam a roupa de Cristo e fazem as moças entrar de túnica".

Wilson Figueira, B. Horizonte

CONTRA

"Achei tudo uma papagaia-da a cerimônia mas mesmo assim não posso concordar com o ar de galhofa com que vocês trataram a coisa".

Julião Ribeiro, DF

A FAVOR

"... e gostei mais ainda da cobertura que vocês deram depois, com o homem que foi Jesus Cristo por um dia!"

Maria Amélia Soares, Maceió

"... matéria de grande interesse humano..."

Sérgio de Azevedo, DF

"Permito-me sugerir, para que se complete a melhor cobertura feita sobre o assunto, uma reportagem com o jumento que Jesus Cristo montou".

Silvio Viana, DF

§ Vamos fazer.

Editor

ESPAÇO

"... e por que não tem saído matéria sobre No Espaço?"

Marília Vieira, São Paulo

"... No Espaço é uma das melhores coisas da RS. Reparei que não tem saído mais esta matéria..."

José Heraldo Tourinho, DF

"... o seu Editor Astronáutico foi para a Lua?"

José Sales Lenberg, S. Paulo

§ Está preparando o Número Especial No Espaço.

Editor

TITINA

"Titina Aguirre precisa tomar cuidado quando posa por

que nem sempre suas fotos saem como deveriam sair".

Júlio Afonso de Brás,
Belo Horizonte

"... e gostei muito dessa moça Titina. Ela deveria ter-se colocado melhor no concurso de Miss Universo, não acham?"

Juvenal dos Santos e Silva,
Distrito Federal

§ Achamos.

Editor

POCONÉ

"... e Poconé é um lugarzinho aqui de Mato Grosso, tipo Tiritomba. Moro aqui e acho bom. Se o conto fôr tão ruim quanto me disse um amigo, desculpe o tempo que lhe fiz perder."

Melo Leite, Poconé, M. Grosso

§ Não tem nada de se desculpar.

Editor

CRÍTICA

"... aconteceu que o exemplar por mim adquirido tinha nada mais nada menos que oito páginas em branco; se considerarmos que essas deveriam trazer o DE e Maria Helena Gióia, vê-se que a perda foi grande (lá se foram meus 10 cruzeiros)."

Roldão Simas Filho,
Niterói, E. do Rio

§ Embora façamos tudo para evitar coisas assim, pedimos desculpas e informamos: quando acontecer, passe na banca e troque o número. Quanto às outras críticas, todas são procedentes, menos a do telegrama no Contato. O erro era proposital e tanto não estava inteligível que o senhor entendeu. Obrigado. Escreva mais.

Editor

LADY MAXWELL

"Notei que de uns tempos para cá a coluna de Lady Maxwell tem saído em tom e estilo diferentes. Será que a coluna está sendo escrita por alguma equipe de auxiliares?"

Luíza Faria de Alcântara, SP

§ Lady Maxwell informa que não.

Editor



Don Julian Gorkin: "Na Rússia não haveria lugar para um Don Quixote".

O "TROTSKISTA"

JULIAN GORKIN

JULGA TROTSKI

Trotsky ou Stalin, o resultado seria o mesmo



“OS PARTIDOS COMUNISTAS do mundo inteiro, por ordem especial de Stalin e de Béria, criaram em torno de mim uma lenda trotskista que não responde à realidade. Se fôsse ou tivera sido um militante trotskista, não me esconderia disto, pois considero que é muito mais desonroso haver defendido a ditadura totalitária e as táticas tenebrosas de Stalin, do que haver simpatizado com a oposição que inspirou Leon Trotsky”.

Quem diz isto é o escritor espanhol (exilado) Julian Gorkin, autor do livro “Como foi assassinado Trotsky”, best-seller traduzido para 14 idiomas, atualmente secretário para a América Latina do “Congresso pela Liberdade da Cultura” e diretor da revista “Cuadernos”, editada em Paris.

Em 1922, Gorkin foi um dos fundadores do PC espanhol. Mais tarde foi delegado no Komintern, vivendo longos anos em Moscou, onde escrevia no “Pravda”.

Viajou muito, assistindo à várias reuniões secretas da organização, sob os mais diversos nomes. Em 1929, ao encontrar-se em Berlim, rompeu espetacularmente com o PC, passando a ser um dos seus maiores adversários. Durante a guerra civil espanhola foi um dos fundadores do POUM (Partido Marxista de Unificación Obrera) e diretor do jornal “La Batalla”. Por ordem direta de Stalin foi condenado à morte, no primeiro grande processo soviético de repercussão internacional, mas escapou milagrosamente ao pelotão de fuzilamento, enquanto seu companheiro Andres Nin foi liquidado. A morte de Gorkin chegou a ser anunciada várias vezes mas até o fim ele conseguiu escapar, fugindo para o México, onde viveu durante oito anos, mantendo esporádicos contatos com Trotsky. Em seu livro sobre

os acontecimentos da Catalunha, George Orwell analisa demoradamente o “caso Gorkin”.

Em depoimento exclusivo para a RS, Julian Gorkin aceitou em falar pela primeira vez sobre Trotsky, sem maquilagem e sem deixar de dizer as coisas mais difíceis.

O CAMINHO DA REVOLUÇÃO

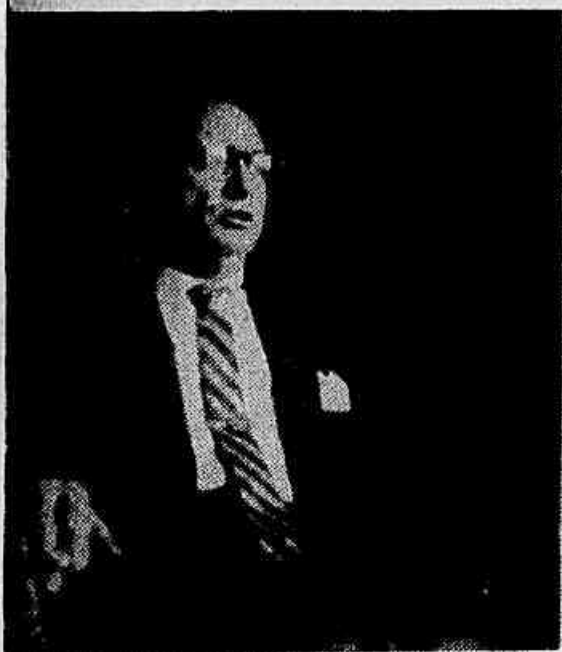
“Desde que, em 1929, rompi com a Internacional, comecei contra mim uma campanha violenta, acusando-me de simpatizar com Trotsky. Isto merece, sem dúvida, uma explicação. Minha crise com o comunismo começou já em 1925, em Moscou. Pude, então, dar-me conta de que o triunvirato formado por Stalin-Zinoviev-Kamenev tentava destruir o prestígio de Trotsky, na própria Rússia e na Internacional, por ser considerado este último como a figura mais destacada após a morte de Lenin.

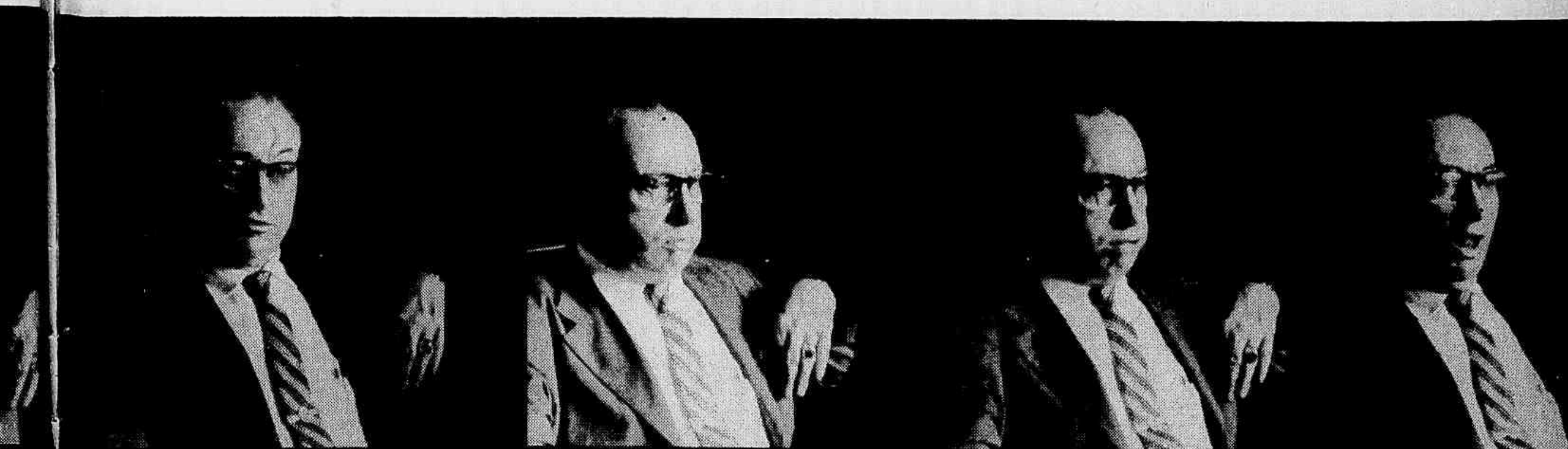
Funcionário do Komintern, já naquela época tinha grandes dúvidas sobre o ideal comunista, e comecei a sentir que a revolução russa e o comunismo degeneravam, e que, longe de representar o ideal de emancipação e de liberdade humana, conduziam ao estabelecimento de uma tirania sem igual na história da humanidade. Numa manhã, saí do hotel LUX, residência dos delegados importantes e dos funcionários da Internacional, encaminhando-me solitário para a Praça Vermelha. Desejava visitar a múmia de Lenin em seu mausoléu. Sempre me havia parecido uma monstruosidade o endeuamento do fundador do bolchevismo, em torno de cujo cadáver pintado estabelecia-se uma espécie de religião que justificava o estabelecimento de uma ditadura de tremendas projeções.

Ante a urna de cristal que encerrava a múmia de Lenin, guardada por dois milicianos vermelhos, entabolei um diálogo mudo com o grande chefe bolchevique. Ante ele perguntei-me: “Será que foste traído por teus sucessores, ou acaso o mal de origem está em ti mesmo e nas teorias das quais és o criador?”. E prometi dedicar meus próximos anos para encontrar uma resposta a esta muda pergunta. De 1925 a 1929 estudei a fundo a origem e o desenvolvimento do bolchevismo, e este estudo me levou à compreensão de que a doutrina leninista continha os germes totalitários desde o começo, isto é, desde 1903, e então decidi romper com todas as correntes bolcheviques, sejam leninistas, trotskistas ou stalinistas”.

O MAIOR

“Confesso que a figura de Leon Trotsky foi a que mais me impressionou, do ponto de vista cultural e da organização revolucionária, muito superior ao próprio Lenin. A superioridade de Lenin consistia somente em ter sido o chefe indiscutível e o organizador do Partido Bolchevique e, mais





tarde, o fundador do estado soviético. Lenin, porém, era demasiadamente russo e intelectualmente demasiado limitado a um marxismo vulgar e aos simples problemas de tática e de estratégia política.

"Trotsky, em troca, possuía uma cultura universal mais vasta, viajou constantemente, era um escritor e um jornalista brilhante que entendia não somente os problemas dialéticos, mas também os problemas literários sob a influência do mundo ocidental.

"Em 1905, Trotsky foi o verdadeiro chefe do movimento revolucionário russo e o primeiro presidente de Petrogrado, além de ter sido o primeiro a fundamentar a chamada teoria da revolução permanente.

"Foi Lenin quem adotou, mais tarde, as teorias de Trotsky — e não ao contrário. E foi Trotsky quem, à frente de um comitê militar revolucionário, dirigiu, em outubro de 1917, a tomada do poder em Petrogrado, enquanto Lenin encontrava-se escondido na Finlândia. Sem dúvida, Trotsky se submeteu sempre à chefia política de Lenin, desde 1917, se bem tenha sido ele quem salvou a revolução russa organizando o Exército Vermelho, salvando a capital que Lenin estava disposto a abandonar e dirigindo em Brest Litowsk as negociações com o estado-maior alemão, para tentar salvar a Rússia Soviética.

Todo o mundo sabe que com a morte de Lenin, em 1921, o poder devia ser dirigido por Trotsky, mas precisamente por ser este a figura mais destacada do bolchevismo, formou-se uma coalisão da velha guarda dirigida pelo triunvirato Stalin-Zinoviev-Kamenev, para destruir seu prestígio. Se Trotsky tivesse querido dar um golpe de estado para ficar no poder, teria sido seguido pelos quadros do Exército Vermelho e por todos os jovens soviéticos e nada poderia ser feito contra ele pelos elementos da velha guarda.

Trotsky preferiu, porém, submeter-se quase religiosamente à disciplina partidária e este fato foi sua perdição.

"Acaso creio eu que, se Trotsky estivesse à frente do Partido Bolchevique, em lugar de Stalin, teriam sido outros os destinos da revolução russa e do comunismo mundial? De maneira nenhuma. O totalitarismo bolchevique estava contido no leninismo, e desde o momento em que Trotsky havia adotado a metodologia e as teorias leninistas, o processo teria sido similar, pois o mal fundamental está contido na concepção do monopólio do poder por um só partido e este monopólio o representava Trotsky da mesma maneira como Lenin, e mais tarde Stalin."

Em sua biografia de Stalin, Leon Trotsky afirma que não foi Stalin quem criou a máquina bolchevique, senão que foi esta quem criou Stalin. Eu me perguntei sempre duas coisas: 1.º — então quem criara a máquina? e 2.º — o que valia uma máquina política, capaz apenas de conduzir à entronização de Stalin? "A máquina foram Lenin e Trotsky que a criaram, e essa máquina tinha que transformar Stalin em

seu único dono, o que demonstra que não conta a pessoa do ditador, senão o totalitarismo monstruoso da doutrina e da tática. Para mim, tão responsável pelo stalinismo é Lenin, quanto o próprio Trotsky, que mais tarde tinha que cair vítima dos métodos terroristas que ele mesmo ajudou a criar e que justificou até o fim da sua vida".

SEM IRA E PAIXÃO

"Que juízo merece, de minha parte, Leon Trotsky? Trata-se de uma das figuras que estudei mais a fundo em toda minha vida. Considero que se trata de um revolucionário dos mais completos que a história humana conheceu, de uma das figuras mais extraordinárias da primeira metade do século XX.

Sempre senti uma forte admiração pelo grande escritor político, pelo formidável polemista que era ele, pelo grande organizador revolucionário de outubro e fundador do Exército Vermelho. Pessoalmente, porém, mantenho juízo dos mais severos sobre sua personalidade.

Era um grande cerebral, completamente desumanizado, e a dialética nêle dominava todo sentimento humano. Em nome da dialética era capaz de justificar as piores monstruosidades, em nome do fim justificava os meios. Foi Trotsky quem esmagou a insurreição de Kronstad, que traduzia a verdadeira expressão revolucionária dos marujos. Foi Trotsky quem aniquilou o movimento anarquista camponês, que representava Magno. Foi Trotsky quem, em nome da disciplina, fez fuzilar os militantes que não se submetiam ao Exército Vermelho.

Além disto, exibía uma superioridade que o tornava insuportável a todos aqueles que não possuíam seus grandes dons intelectuais. Recordo-se uma anedota ocorrida com Molotov. Em certa ocasião, Trotsky disse a este, em tom de brincadeira: "Companheiro Molotov, você é a mediocridade mais brilhante do partido". E este respondeu: "Nem todos podem ser gênios como você, companheiro Trotsky". E os Molotov, depreciados pelo gênio de Trotsky, formaram bloco em torno de Stalin e abateram o homem genial que era Trotsky, ao qual faltavam a simplicidade e a compreensão de Lenin.

Comparei, historicamente, as figuras de Danton e de Trotsky. Para mim, são estes os dois maiores revolucionários que a humanidade jamais conheceu. Danton também era um homem genial, que desprezava os Robespierre, e exclamou em certa ocasião: "Não se atreverão contra mim! Eu fico calado — e se faz um grande silêncio no mundo". E os Robespierre, Saint Juste e companhia atreveram-se, liquidando-o!

Trotsky também não acreditava que teriam coragem de liquidá-lo, mas as brilhantes mediocridades que rodeavam Stalin não tiveram escrúpulos de fazê-lo.

Em síntese, considero que Trotski é um dos primeiros responsáveis pelo curso catastrófico aberto pela revolução russa, e que se ele tivesse sido o continuador de Lenin, talvez não tivesse cometido as monstruosidades do esquiosfrênico Stalin, mas não teria modificado o processo de degeneração da revolução russa, nem o perigo que esta revolução representou para a liberdade do homem e dos povos."

"Eu mantive relações com Leon Trotski até 1931. Sua oposição ao curso burocrático stalinista tornou-o muito simpático a mim, mas sempre me neguei a submeter-me a ele e a dar minha adesão aos grupos trotskistas da IV Internacional. Em 1929, Trotski me escreveu a última carta de Prinkipe, quando eu me encontrava em Paris e já rompera com a Internacional. Sua carta e minha resposta tornaram-se públicas em vários jornais trotskistas. Eu considerava que a fundação de uma nova Internacional em torno de Trotski aumentaria ainda mais a divisão no movimento operário, quando já ameaçavam os perigos nazifascistas que exigiam uma unidade das correntes operárias e democráticas, para opor-se a este perigo.

Negava-me, além disto, a seguir suas diretrizes na política espanhola, e o caráter de Trotski não podia admitir que alguém se opusesse a seus pontos de vista. Isto provocou a ruptura de toda relação entre nós. Em 1936, ao irromper a guerra civil espanhola, eu era um dos dirigentes do POUM, e diretor do jornal "La Batalla". Trotski enviou-me um artigo de Oslo, artigo que não vacilei em publicar. Como, porém, fizera algumas críticas, ele tentou criar um conflito e eu interrompi sua colaboração no jornal, como também toda relação com ele. Sem dúvida, isto não me impediu que fizesse gestões para que fosse admitido na Catalunha, já que o governo norueguês o expulsava de Oslo, e Trotski via o planêta sem vistos para ele.

Estas gestões atraíram-me a perseguição da GPU stalinista, e Trotski, quando conseguiu refugiar-se, pagou minha atuação acusando-me injustamente de ter sido um dos responsáveis do fracasso revolucionário na Espanha, mesmo sabendo que, por ordem de Stalin, havia eu passado 18 meses nos calabouços comunistas, como condenado à morte.

Quando cheguei ao México, Trotski manifestou várias vezes o desejo de ver-me, mas eu me neguei a visitá-lo. Conhecia-o demasiadamente bem, e sabia que nosso encontro nos levaria a uma violenta discussão e a uma ruptura total, inclusive do último laço humano, e desejava evitar esta ruptura precisamente porque o sabia ameaçado de morte pela GPU. Em troca, quando se produziu o segundo atentado que o levou à morte, velei seu cadáver e me entreguei a uma investigação que me permitiu descobrir toda a trama e a execução do crime, e ser o historiador, para a posteridade, deste "affaire".

Não fui, não sou e nunca serei trotskista, mas considerei que minha atitude humana constituía um dever de consciência contra o stalinismo e sua política terrorista e cumpri este dever. Não me arrependo disto, pois não se tratava para mim de uma homenagem a Trotski, mas de um serviço que podia prestar à verdade histórica e ao futuro dos homens — que sem verdade e sem liberdade não podem existir.

1 — ITÁLIA: 20 MILHÕES DE ELEITORES PODERÃO VOTAR CONTRA

VINTE MILHÕES de eleitores italianos decidirão, no último domingo de maio — em eleições de profunda significação internacional — se querem uma Europa unida ou se preferem manter seu país à margem da política ocidental, pelo menos de todas as obrigações e conseqüências dessa política.

O panorama pré-eleitoral é confuso. O Partido Democrata-Cristão, hábilmente construído pelo finado Alcide De Gasperi (e considerado a obra-prima política do antigo bibliotecário do Vaticano) está profundamente dividido entre as alas "sindicalista" (Pastore), "capitalista" (Giuseppe Pella), "in-

tegralista católica" (Gedda) e "integralista democrática" (Fanfani). Não é certo que a DC consiga enfrentar as eleições unidas.

O Partido Comunista também está desunido, principalmente depois dos acontecimentos seguintes ao relatório secreto de Krushev no XX Congresso do PCUS que, na Itália, não só resultou em grandes perdas nas fileiras comunistas, como em ruidosos expurgos de personalidades importantes (exemplo de Emilio Reale), inclusive "expurgos brancos" que se manifestaram na exclusão de mais de 60 destacados militantes — considerados "inseguros" — das listas de candidatos. Além disso, o próprio Togliatti perdeu muito em prestígio depois que em torno dele começou a travar-se uma luta surda pelo controle do partido, à qual não são estranhos os mais influentes líderes do Comitê Central, como Luigi Longo e Umberto Terracini.

Outro fator de perda de influência do PC foi o relativo afastamento de Neni da antiga política de "mão estendida": os socialistas nenistas estão-se aproximando de Saragat, chefe da ala direita dos socialistas.

Os partidos menores, embora sem grandes possibilidades, poderão, no entanto, exercer influências locais, em acordos com os maiores. A DC está fazendo grandes esforços nesse sentido.

De qualquer modo, um importante inquérito realizado em toda a Itália assinalou que 45% dos eleitores consideram o atual Parlamento um fracasso e acham necessário modificá-lo. O atual Parlamento é DC: vai-se ver que modificações os 20 milhões de eleitores italianos farão nele.

2 — TITO CONTINUARÁ NEUTRO

EM DISCURSO pronunciado na cidade de Ljubljana, o marechal Tito afirmou, uma vez mais, sua vontade de manter-se neutro entre os dois blocos, acentuando que seu país resistirá a qualquer tentativa soviética de aproximar a Iugoslávia ao bloco dos países satélites.

As palavras de Tito dirigiam-se, antes de mais nada, ao próprio premier Nikita Krushev, que durante os últimos meses fez várias tentativas para "melhorar" as relações russo-iugoslavas, obtendo se não uma adesão ao bloco soviético, pelo menos sinais evidentes de que a Iugoslávia se mantém mais próxima do Leste do que do Oeste, o que, nas atuais circunstâncias, significaria uma vitória na guerra psicológica que está se travando entre os dois campos.

Para os que conhecem a situação reinante na Iugoslávia, que é longe de ser satisfatória para o governo Tito, esta política constitui, sem qualquer dúvida, um dos êxitos que facilitam a permanência no poder de um regime que não é tão democrático nem tão popular quanto deseja afirmá-lo sua democracia popular.

3 — REVOLTA NA INDONÉSIA: FIM

NA INDONÉSIA desmoronam-se os últimos centros de resistência dos rebeldes que, ao declarar guerra ao governo central de Djakarta, afirmaram sua vontade de combater as influências soviéticas em todos os domínios, especialmente no terreno militar e econômico.

O governo Sukarno não teve que desempenhar grandes esforços para vencer os rebeldes, pois estes careciam não somente de uma boa defesa, mas, antes de mais nada, de uma coordenação política, capaz de apresentar sua luta como algo de organizado, visando um alvo definido.

Com a queda da cidade de Buttinkingi, efêmera capital do regime rebelde, cairá o último reduto importante dos partidários do coronel Maludin Simbolom, e os homens da "democracia dirigida" poderão, sem incomodar-se, recorrer ao auxílio do Leste, transformando a Indonésia em ponta-de-lança de aventuras de imprevisíveis conseqüências na Ásia.

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO



Foi aí que ela começou a fazer beicinho e pediu para continuar no D.E.

**PRIMEIRA INSCRIÇÃO
CANCELADA NO D.E.**

ACÓRDÃO

A DIREÇÃO GERAL DO D.E., de acôrdo com o Artigo 175, parágrafo 2.º, combinado com o Artigo 95, parágrafos 1.º e 2.º do Regimento Interno, e tendo em vista os acontecimentos de março último na cidade de Montevideu, capital do Uruguai, resolve:

1 — Cancelar a inscrição da senhorita Maria de Lujan Genovese Berisso do seu quadro permanente;

2 — O cancelamento é em caráter precário, respeitando-se as Leis uruguaias, que permitem a dissolução do casamento pelo divórcio;

3 — Em caso de divórcio a senhorita Maria de Lujan Genovese Berisso, para voltar ao quadro permanente do D.E. se obrigará a pagar a multa regimental de 22 fotos de maiô.

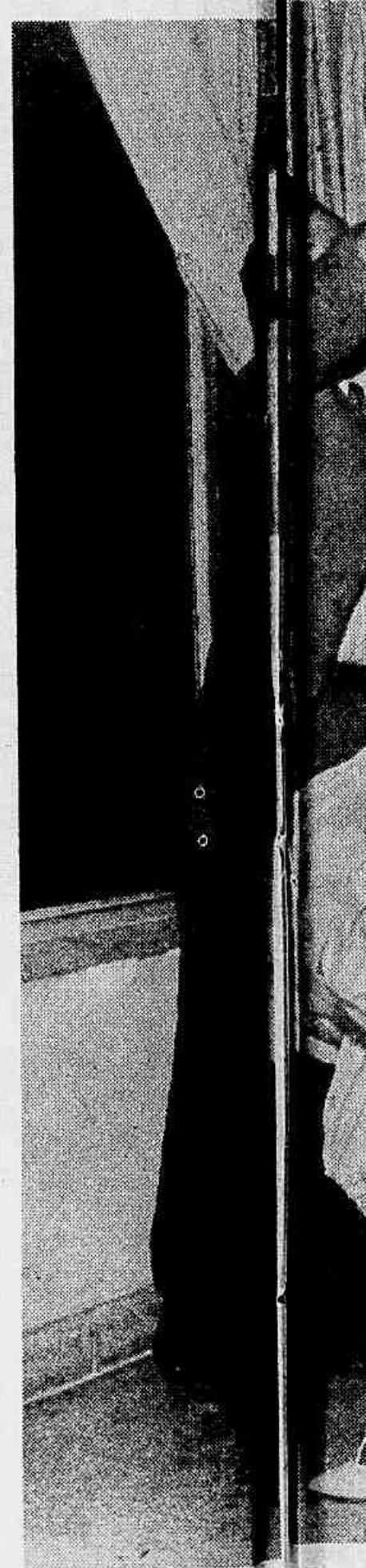
4 — Revogam-se as disposições em contrário.
Rio de Janeiro, 29 de abril de 1958.

A Direção Geral

Ela desfilou de noiva exclusiva para o D.E.



Pensou, pensou





ou
muito até decidir casar.



Bem, a inscrição, senhores, está cancelada.

QUANDO HÉLIO POLITO comunicou a Maria de Lujan Genovese Berisso (Gabriela Pascal) o cancelamento de sua inscrição no D.E. por causa de seu casamento ela chorou um pouquinho e disse:

— Mas não se dá um jeitinho, Polito?

Polito:

— Não, Maria. Impossível. O Regimento Interno do D.E. é implacável e seus artigos e parágrafos não dão margem a outras interpretações. Você casando está muito bem, muito bem, mas perde o direito a ser do D.E.

Aí Maria, que ouvia Polito com muita atenção, abraçou-se a uma árvore do jardim onde conheceu seu noivo e pensou muito, antes de decidir-se pelo casamento. Afinal, decidiu casar "porque amo muito o meu noivo" mas insistiu novamente:

— Polito, seja bonzinho. O meu noivo não quer que eu continue a ser modelo, mas não se importa se eu continuar no D.E.

Polito repetiu os artigos e parágrafos e pediu a Maria que posasse especialmente para o D.E. com o seu vestido de noiva. Ela disse que sim, era uma homenagem ao D.E., a sua despedida. E posou.

MARIA DE LUJAN GENOVESE BERISSO tem 21 anos, cabelos e olhos castanhos claros, nasceu em Montevideu e foi Miss Uruguai em 1957, concorrendo com as outras misses em Long Beach. Para ser Miss Uruguai Maria teve de mudar de nome por imposição do noivo. E escolheu Gabriela Pascal.

No concurso de Long Beach, Maria fez muita sensação, sendo considerada uma das mais belas candidatas e sua mãe, d. Maria Isolda Berisso, foi considerada "a mais bela mãe das misses concorrentes".

Depois Maria voltou para Montevideu, continuou estudando e desfilando como modelo. Um dia conheceu um rapaz, comentarista político de um jornal uruguaio, e se apaixonou por ele. Noivaram e se casaram em fins de março deste ano, no civil e no religioso porque Maria acha que casamento só no civil não vale.

Maria é a primeira D.E. que se casa. Sua inscrição no Departamento Especializado está arquivada com duas fichas: Maria de Lujan Genovese Berisso e Gabriela Pascal.

Fim.



Margaret gosta muito de crianças e de velhinhos, mas ela às vezes tem medo de não se realizar como mulher.

"Meg" não pode receber flores-III

O medo da Princesa é ficar tia Margaret



Quando visita possessões inglesas na África, a princesa leva flores para as crianças.

QUANDO A PRINCESA MARGARET sonha com o futuro ela se vê casada com um homem simples, que nada tenha de pompas nem de realeza. Ela deseja também uma pequenina casa-de-campo com muitos retratos de crianças nas paredes. A princesa Margaret é muito carinhosa para doze filhos e filhas de seus amigos e uma adorável "tia Margot" para o príncipe Charles e a princesa Anne. Ela passeia com eles em seu automóvel, cozinha panquecas para as crianças e lhes compra balas e brinquedos no movimentado centro comercial de Londres. A princesa Anne muita vez diz que "a tia Margot é a mais adorável de todo o mundo". Frequentemente, a princesa Margaret ensina as crianças a cantar.

Ela pode escolher qualquer homem para casar desde que ele seja aprovado pelo círculo social da Corte. Ele terá de ser rico ou manter um elevado nível de vida, precisará estar de acordo com os pontos de vista da Família Real, cumprir todos os seus deveres e obrigações e ser sempre (e constantemente) atencioso para com a princesa.

A princesa Margaret não poderá casar sem um consentimento por escrito da rainha, que certamente consultará o primeiro ministro e o arcebispo de Canterbury para saber sua opinião antes de dar permissão. Mas a própria princesa

terá de falar com o arcebispo particularmente. Filha devota da Igreja Estabelecida da Inglaterra, a princesa Margaret nunca iria desobedecer as leis.

Muitos acreditam portanto que tenha sido por isto que ela se decidiu a não casar com o coronel Peter Townsend, o homem que serviu ao Buckingham Palace e pelo qual a princesa mais se interessou. Como membro do Estado-Maior da Casa Real, Peter fazia companhia diária à princesa, saía sempre com ela e muito cedo se tornou íntimo de Margaret. Ela passeava com Peter pelos jardins, ria com ele, ia a festas, ensinou-o a dançar e a dirigir e conversava com o coronel sobre o modo de viver de pessoas que moravam atrás das paredes do Palácio.

"A convivência fez isto", foi como o Estado-Maior do Palácio considerou o início de um novo romance que nunca poderia ter acontecido. Peter era um homem divorciado e não descendia de família aristocrática. Com lágrimas e tristeza, a princesa Margaret teve de mandá-lo embora, finalmente. Poucos sabiam que eles ainda se comunicavam regularmente. Na sua viagem pelo mundo, Peter mandava postais e cartas para Margaret, marcando-os com sinais que

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

Loção
XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasiada-
mente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BEL-
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
IMPORTADORES -



ELETRICIDADE
FREIOS HIDRAULICOS
LIMPADORES PARABRISAS

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144

ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO -
A MILIONARIA DO CASTELO -

Margaret...

só a princesa conhecia. No seu aniversário, em agosto, ele lhe enviou um buquê de flores favoritas: lírios.

Embora a princesa Margaret há muito já não tenha mais esperanças de casar com o coronel, a lembrança dele não se afasta de seu pensamento. O homem que poderá agora se casar com Margaret e admitir que ela ainda se lembre de Peter é um moreno alto, chamado Billy Wallace, que a princesa conhece desde criança. Sua mãe, agora Mrs. Herbert Agar, é uma velha amiga da rainha-mãe.

“Ele trata Margaret como princesa, mas nunca se esquece de que ela é mulher”, muitos dizem.

O pai de Billy, o capitão Euan Wallace, político de destaque e uma vez ministro do Transporte, morreu quando o filho era ainda criança. Na última guerra, quatro irmãos de Billy foram assassinados.

Só Billy conforta agora a mãe.

Ele estudou em Oxford, com sacrifícios financeiros, e hoje é diretor-executivo da Silver City Airways Line em Londres. Conseguiu seu emprego simplesmente procurando por trabalho.

Billy foi o primeiro homem com quem a princesa jantou depois que renunciou a Peter Townsend. Ele certamente a entende. A rainha-mãe o chama de “Billy boy” e sempre lhe dá um presente de valor pelo Natal.

Poderá a princesa Margaret casar com Billy?

“Não”, é a resposta quase unânime.

Mas sua família ficaria contente se ela se casasse. Seria um final feliz de história de amor em quadrinhos e poderia dar à princesa Margaret o descanso sentimental que tão penosamente tem procurado encontrar.



A princesa Margaret acha difícil encontrar um amor sem protocolo.

MATÉRIA DE INTERÊSSE HUMANO

NOVELETA POLICIAL

BRETT
HOLLYDAY

A cicatriz subia e descia na cara do magro.

— Onde está êle? Nós viemos buscá-lo. Esperei para ouvir o que diria o cozinheiro; o homem tinha me visto passar para a barraca. Mas Sam também era novo ali, e êle podia apontá-lo aos dois homens.

Não foi assim. O cozinheiro apontou para a barraca e disse que estava ali.

Escapei para dentro e agarrei a automática de Sam. Estava engatilhada quando me encontrei com êles na porta. Não tiveram tempo de me olhar bem. Viram a automática e levaram a mão à cintura.



Tive sorte. Acertei na mão de um e parti o ombro do outro. Então gritei ao cozinheiro que trouxesse corda e mandei-o amarrar os homens enquanto eles praguejavam de raiva e me diziam que eu não podia fazer aquilo com os representantes da lei do Texas. Ainda estavam praguejando quando eu os fiz montar nos meus cavalos e os conduzi à cidade mais próxima, dez milhas ao sul.

Uma nota de dez dólares faz milagres com um chefe de polícia dum pueblo. Tinham uma cadeia de adobe, e eu esperava que as paredes resistissem até acabarmos o nosso trabalho. Sabia que eles levariam pelo menos esse tempo para se porem em comunicação com o outro lado do rio e conseguir providências.

Essa é a verdade sobre o caso — a primeira vez que é revelada. Sam não tomou parte nenhuma naquilo. Nem chegou a ver os subxerifes. Eu disse ao cozinheiro que calasse a boca e Sam disse que os dois tiros que ele tinha ouvido era eu atirando num coite. Desconfio que ele não acreditou; mas não fez nenhuma pergunta.

Sei que o governo armou barulho por causa do encarceramento dos dois subxerifes no México; mas aconteceu assim como eu lhe contei. Eles estavam fora de sua jurisdição e não podiam esperar coisa melhor quando atravessaram a fronteira.

O trabalho continuou no mesmo ritmo. Continuamos a mover terra, e ninguém mais nos incomodou.

É um país engraçado, nesse ponto. As pessoas não incomodam muito a gente. Diabo, tem havido revoluções que começam e terminam sem que os jornais digam uma palavra. Os mexicanos têm um modo esquisito de se ocuparem exclusivamente com os assuntos deles. Isto é, há de parecer esquisito a um jornalista americano. O senhor ganha a vida mettendo o nariz nos assuntos dos outros e não compreenderia a falta de curiosidade de um mexicano.

Mas é assim que eles são. Era como se o nosso acampamento estivesse num vácuo e nós dormíssemos e comêssemos e trabalhássemos naquele vácuo sem o menor contato com o mundo exterior.

Formou-se uma espécie de tensão entre mim e Sam quando vimos que o fim se aproximava. Iamos terminar uma semana antes do previsto, mas nenhum dos dois se alegrava muito.

Quando a última carrada de terra fôsse despejada no lugar, marcaria algo mais do que o simples fim de um trabalho. Tinha sido muito bom enquanto durara, mas tudo tem de acabar. Eu não sabia o que Sam estava pensando ao ver que ele me olhava de maneira esquisita naqueles últimos dias, quando as duas extremidades do atêrro se uniram; não sabia e não queria saber.

Depois que fôsse despejada aquela última carrada haveria tempo de descobrir o que Sam estava pensando.

Nós estávamos nos antecipando ao programa e o sabíamos. Mas nenhum dos dois tratou de ir mais devagar, de fazer o trabalho durar mais tempo. Nem mesmo a semana que ainda teríamos ao nosso dispor antes que houvesse perigo de chuva. É uma coisa que não se pode fazer nada para evitar — a pressa de terminar um trabalho quando o fim está à vista. Por esse tempo eu já conhecia o meu companheiro bastante bem, melhor do que jamais conheci outro homem; mas os pensamentos íntimos de Sam continuavam um segredo para mim.

Acho que nenhum homem sabe completamente o que outro tem na cabeça. Há uma certa barreira que não se pode atravessar. Por mais que ambos o tentem.

Compreende o que quero dizer?

O senhor é casado, não? Muito bem. Examine honestamente os seus próprios pensamentos. Que sabe deles a sua mulher? Não se iluda. Faça uma verificação honesta dos segredos que o senhor guarda consigo, e verá.

É disso que eu estou falando.

Há uma parte do seu íntimo que é o senhor mesmo. Provavelmente ninguém pode dar uma definição mais aproximada do que é a alma humana.

Essa a diferença entre um homem e um animal. Pode-se calcular com bastante exatidão o que um animal fará em determinadas circunstâncias. Só Deus sabe o que um homem vai fazer.

Assim chegamos à manhã em que Sam e eu paramos para olhar o atêrro terminado. Eram dez da manhã e a última jarda de terra tinha sido despejada e alisada.

Sam tinha entrado na barraca, e voltou para ver o fim ao meu lado. Estava escrito.

De repente tudo acabou. As parelhas estavam paradas, e os mexicanos estavam sentados nos calcanhares, fumando cigarrillos.

O sol caía escaldante, e uma bruma quente pairava sobre o vale; tudo continuava mais ou menos como nas últimas semanas — mas o nosso trabalho estava feito.

Não tardaria a vir outra turma com os dormentes e trilhos. Em breve estariam correndo trens de acordo com os horários sobre o atêrro que nos tinha custado tanto suor e ninguém saberia nada daquilo. No fim de tudo não parecia um trabalho tão importante assim.

Olhei para Sam e vi-lhe embaixo da camisa o mesmo volume que tinha visto ali no dia em que ele chegou numa égua mansa. Sam tinha entrado na barraca para afivelar a correia do 45.

Isso me deu uma idéia do que devia esperar, mas eu ainda não estava certo de saber o que ele tinha na cabeça. Disse-lhe:

— Não sei que diferença faz, Sam, mas eu detestava ter de ir embora antes de terminado isto.

Sam respondeu:

— Eu sei o que você sente.

Não olhei para ele quando observei:

— Há outros trabalhos esperando para serem realizados, ao sul daqui.

— Eu sei. É uma lástima que nós não possamos realizá-los juntos.

— Não podemos?

Diabo, eu estava sufocado. A voz dele estava mais clara, mais dura, do que a tinha ouvido antes:

— Acho que não. Ainda estão procurando o assassino de Bronson, do outro lado da fronteira.

— E nós precisamos nos preocupar com isso?

— Você não sabia desde o princípio que essa era a minha preocupação?

Sabia, naturalmente. Não adiantava de nada mentir a Sam.

Meus lábios estavam ressequidos. Umedeci-os com uma língua que dava a impressão de esponja seca.

— Que é que você tenciona fazer, Sam?

— Vou voltar para o outro lado da fronteira, que é o meu lugar.

Bom, aí estava. As coisas vinham se encaminhando para aquele ponto desde que ele tinha descido da água e tomado conta do nível.

Eu sabia, desde o princípio, que não podia ser de outro modo. Sam era desse tipo de gente.

Tinha bastante de engenheiro para ficar até o fim do trabalho, mas tinha muito de homem para seguir o caminho mais fácil e ir aos trópicos, onde ninguém se importa de saber quantas pessoas a gente matou.

Eu disse:

— Estou pronto no momento que você quiser. Tive grande prazer em conhecê-lo.

E trocamos um aperto de mão.

Aí está a sua história de interesse humano, moço. O resto o senhor sabe. Os jornais falaram muito no caso quando nós atravessamos juntos a fronteira. Saíram manchetes sobre o americano que tinha ido ao México e trazido sozinho o assassino de Bronson.

Os noticiaristas fizeram uma porção de conjecturas sobre o que aconteceu naquelas cinco semanas.

O seu jornal será o primeiro a revelar a verdade.

Se eu estou com raiva de Sam?

Não. Nem mesmo quando me sentar amanhã naquela cadeira para pagar o preço da morte de Bronson.

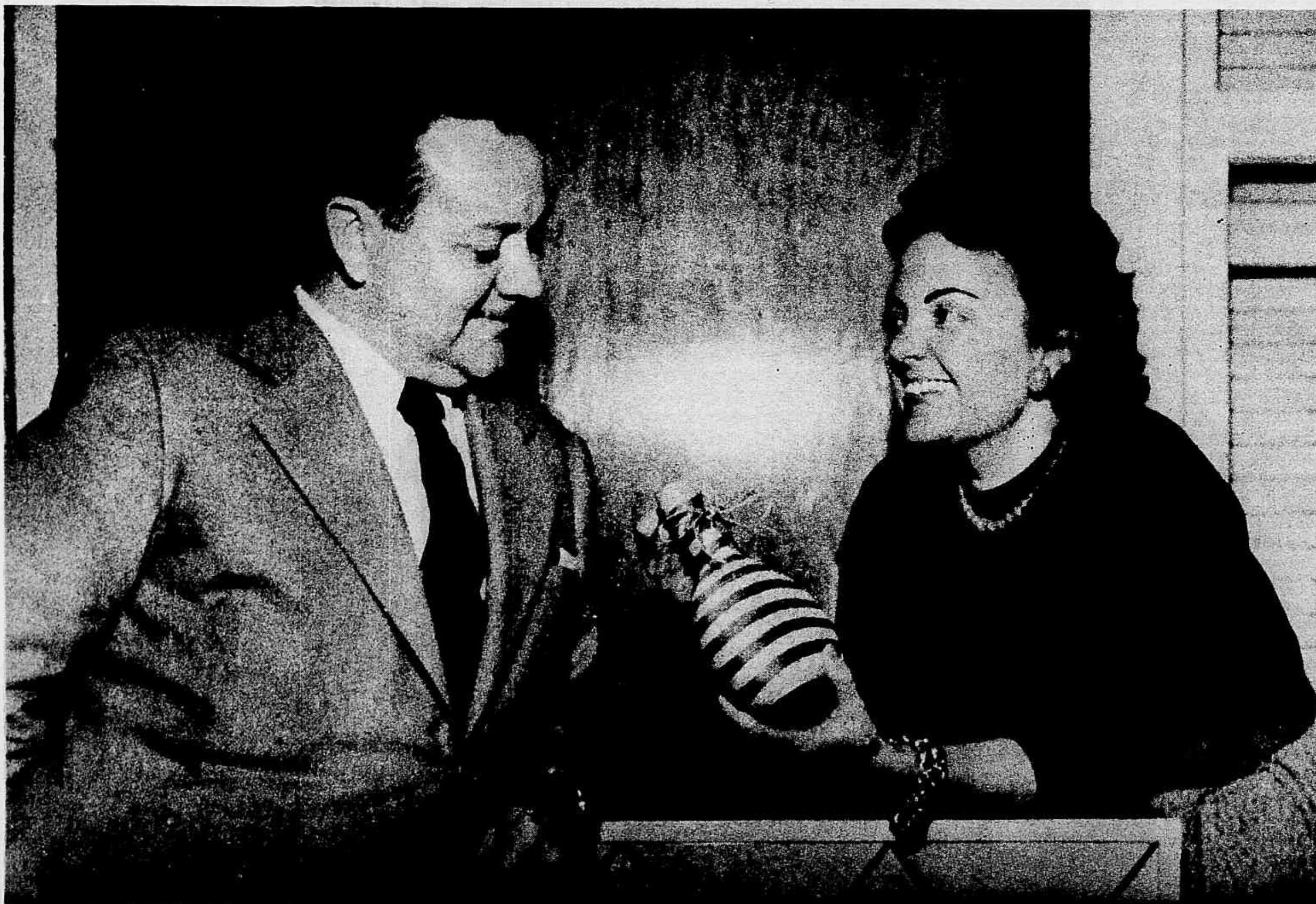
O senhor vê, moço, eu compreendo o que Sam sentia em relação ao trabalho dele. Escolheram-no para ir à minha procura porque Sam tinha estudado engenharia.

Mas o verdadeiro trabalho de Sam era na Polícia Mortada do Texas.

Uma novela como as ouvintes gostam:

"OS ANJOS TAMBÉM CHORAM"

Sérgio de Oliveira e Marilena Alves, que têm marcante desempenho em "Os anjos também choram".



Original de Raimundo Lopes, apresentado às terças, quintas e sábados, às 21 horas, na

Rádio

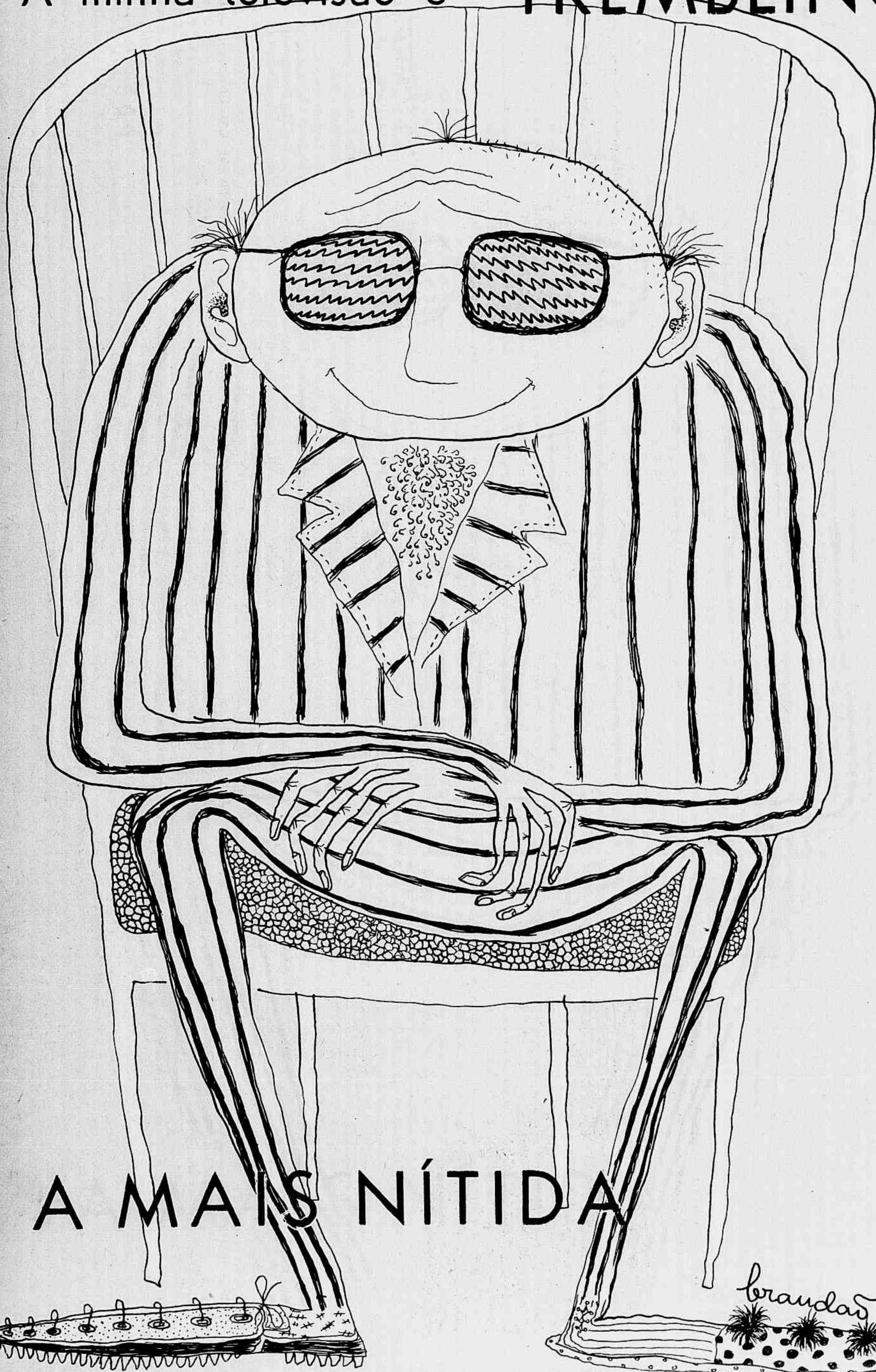
Mayrink Veiga

interpretada por um grande elenco, numa oferta dos

PRODUTOS

ARNO

A minha televisão é "TREMBLING"



A MAIS NÍTIDA

brandas

O ALFAIATE LITRICO ficou muito surpreso com a grande quantidade de elegantes que desejavam fazer roupas com ele. Tem dito que, em face dos preços altos que cobra, nunca viu um país de gente com tanto dinheiro.

DA SRA. ALVARO CATÃO, já na Europa, a uma amiga: "A Europa não está mais a mesma".

QUEM MELHOR NOTICIOU a morte de W. C. Handu (o compositor de "St. Louis Blues") foi Walter Winchell. Assim: "Handu está agora compondo música para um grande pistonista, popularmente conhecido pelo nome de Gabriel".

BRASILEIROS QUE TÊM visitado Paris ultimamente, elogiam muito a classe da atual sra. Dolores Littman (ex-Guinle), que está sendo considerada "uma das dez melhores hostess da Europa".

JORGE GUINLE DEU uma festa-aposta a Baby Pignatari em Nova Iorque. Apos-tou que levaria mais de vinte celebridades — e levou.

MEU AMIGO IBRAHIM Sued está citado seis vezes nos Anais da Câmara. A última é a deve ao deputado Adatao Lúcio Cardoso.

MARÍLIA (PENA COSTA) tem uma coluna em Santos, com temas do dia-a-dia. Mais uma mulher no jornalismo.

EM VEZ DE UMA serão três agora as Miss Brasil: uma para o concurso de Longh Beach (candidata a Miss Universo), outra para o concurso de Londres (candidata a Miss Mundo) e a terceira para o concurso de Miami — que também é Beach (candidata a Miss América).

POR FALAR NISSO, já há quem pense em fazer um concurso dêsses no Brasil. Estão querendo eleger a mais bela latina, no Rio de Janeiro.

A DEPUTADA IVETE VARGAS, interpelada sobre os seus problemas sentimentais, declarou: "Não tenho tido tempo para cuidar deles. Até outubro estarei cuidando de eleger um bom governador para São Paulo. Depois, talvez trate do amor".

JACINTO, MEU CARO: no dia do coquetel do José Alvaro para comemorar a sua volta ao colunismo, considere-me presente. Infelizmente o fato de ser Lady Maxwell me impede de comparecer nesta qualidade.

SOPHIA LOREN ESTÁ felicíssima: um criador americano depois de 16 anos de experiência, conseguiu uma orquídea preta que batizou de Sophia.

O ROUBO DE que foi vítima a sra. senador Juracy Magalhães custou-lhe apenas trocados. Não houve o anunciado

roubo de jóias. Um menino arrebatou-lhe a carteirinha de níqueis.

HÓSPEDES DO PLAZA Hotel queixam-se da facilidade com que a portaria deixa entrar certas pessoas.

A ATRIZ TÔNIA CARRERO, depois de ser muito caluniada no Teatro da Mesbla, fará o papel principal de uma peça já em ensaios. O enredo gira em torno de um bigamo.

POR FALAR EM Teatro Mesbla: tem sido censurada a sua pouca visibilidade. O palco fica quase no mesmo nível que a platéia.

NO FESTIVAL INTERAMERICANO de Música (Washington) os dois pontos altos foram brasileiros: Villa-Lôbos e Camargo Guarnieri com "Sinfonia n. 12" e "Côro para Clarineta e Orquestra".

O MAESTRO VILLA está cada vez fumando mais charutos.

O PARTIDO MAIS difícil e mais rico de Pernambuco — o deputado Nei Maranhão — vai se casar com Zaira Pimentel, "Miss Pernambuco de 1957". O pai dele acha difícil e as más línguas contam coisas.

BAUDOIN, REI DOS Belgas, deu "o primeiro baile de gala dos últimos 24 anos" no Palácio de Bruxelas. Diz-se (e é verdade) que para escolher uma rainha.

Convidadas, não compareceram: a princesa Margaret, da Inglaterra, e sua prima, a princesa Alexandra (duquesa de Kent).

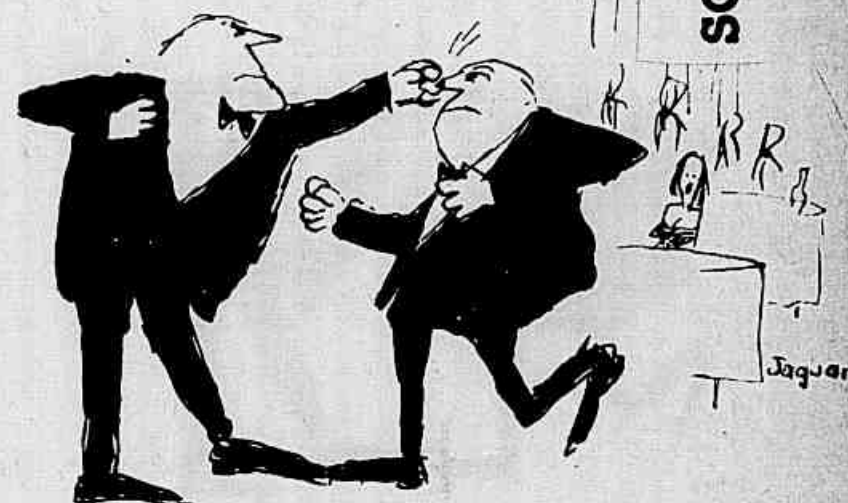
Baudoin dançou três vezes: com Beatriz (20 anos); Brigitta (21) e Isabel (25). A primeira será um dia rainha da Holanda; a segunda é a herdeira do trono sueco; a última é filha do conde de Paris, o herdeiro presuntivo da coroa da França. Esta "reúne as maiores possibilidades".

SEGUNDO UM ANTIGO costume belga, o homem solteiro reserva a última dança para a jovem pela qual sente mais inclinação.

LORD CHURCHILL VOLTOU à Câmara dos Lordes, na hora em que o ministro do Exterior discursava. A salva de palmas foi tão grande que mr. Selwin Lloyd parou de falar quase três minutos.

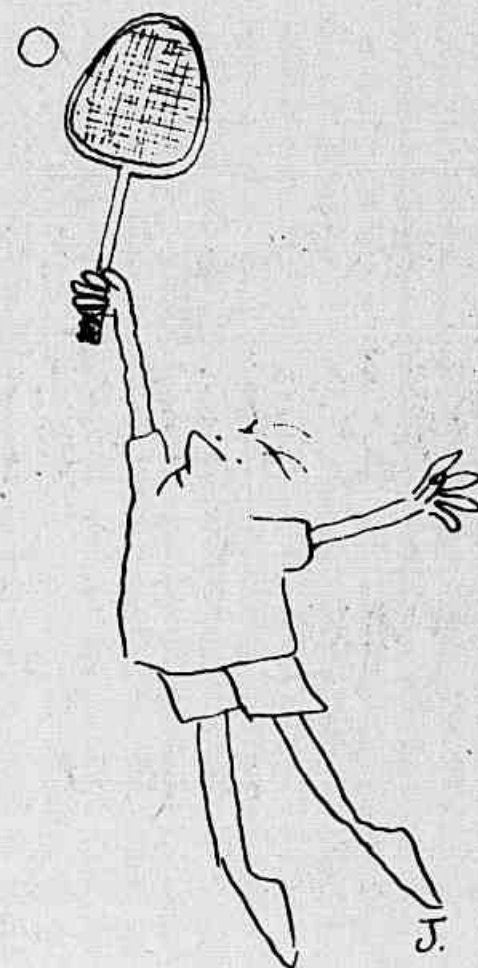
Aliás, ele ainda não está de todo bom. Inclusive, continua proibido de pintar, por causa das tintas, que lhe atacam o figado.

FOI NOTADA A presença de muita moça no coquetel com que o editor Carlos Ribeiro homenageou o poeta Manuel Bandeira. Manuel é um empedernido solteirão, que aos 72 anos continua a ter nos redutos femininos um grande público.



SOCIAIS

Lady Maxwell informa



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo. — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



EU SEI TUDO

Todos os meses

CURIOSIDADES

POLÍTICA

CONTOS etc.

ROMANCES

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN


INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXA INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 1.202

ROTEIRO DO SONHO...

JUCY MARIA

A VIAGEM EXPLODIU na quietude de minha vida. Foi como jorro de luz a ofuscar doce noite calada. Outros brasileiros — como eu — arrancados à rotina, viram-se no turbilhão colorido de um mundo diferente, pasmos com o descerrar de um novo horizonte, um novo "eu"! Era a caravana "Vera Astrachan", organizada pelo professor Ruy Estêves Azeredo. Éramos nós, sessenta e um brasileiros, surpresos diante de cada coisa e de nós mesmos — quantas vezes! O destino nos uniu a todos, numa tarde cinzenta em Miami. Mas nossas amizades estreitaram-se em Montevalló, nos edifícios em "brick" com tirinhas brancas, do Alabama College. Fomos penetrando uns nas almas dos outros, conhecendo ilusões e mágoas, amparando e sendo amparados. Fomos rindo e chorando — não há risos sem lágrimas — por uma estrada irreal onde a neve se dissolvia em nossos cabelos dando-nos aos olhos estranho encantamento. Caminhávamos por dentro de um postal, arremessando bolas mágicas de neve aos companheiros, na sedução de paisagem. Por meses a turma estudou, passeou, conheceu e ensinou. Verinha Astrachan deu concertos de piano entusiasmando platéias americanas. De maneira arrebatadora, interpretou Lorenzo Fernandez, na televisão de Birmingham. Fêz grande sucesso a menina Verinha. E a sugestão do colega dr. Nelson Carneiro para que a caravana levasse o nome de nossa estrelinha, teve unânime aceitação, com estrepitosa salva de palmas.

Por ocasião do aniversário da simpática dra. Ana, os brasileiros improvisaram expressiva homenagem nos salões do branco e majestoso Reynolds Hall. Cordial conagração de países e raças. Presentes estavam Colômbia, Venezuela, Porto Rico, Jamaica, Cuba e até mesmo a longínqua Índia. Alguns trouxeram um pouco de suas músicas típicas com números de guitarra e canto. Contribuímos com o nosso carnaval. Discos gritando calor e Brasil, lança-perfume e confete. Abraçados aos estrangeiros — já éramos irmãos — cantávamos contagiando a todos com a nossa irradiante alegria. Lá fora, gélido e luar branqueando os campos. Nos salões, veludos decotados, jóias em colos brancos ou morenos, perfume de bolos americanos mesclando-se ao odor saboroso do café bem brasileiro. Aquela noite de Montevalló, uma das melhores que vivi nos Estados Unidos, ligou nações e almas e findou risonha.

O "Valentine day" — 14 de fevereiro — surpreendeu-nos em Knoxville. Uma noite branca, de árvores noivas e leitões gramados. Noite dos namorados, tranqüila naquele bar com deliciosa cerveja em lata e o nosso grupo brindando à vida e ao amor. Nos olhos de Matilde, duas estrelas azuis. E eu perguntava: será possível que hoje num país chamado Brasil haja calor e uma loucura denominada carnaval? Andávamos como que em outro mundo, onde um gélido maná descia das alturas resguardando o pêjo de tôdas as coisas. Tudo aquilo foi capítulo quimérico pendurado agora, no passado, como fruta proibida, de misterioso sabor. Não poder esquecer o conversível de sonho deslizando pelas avenidas de luz azul de New Orleans; a lua dentro do carro, música do rádio seguindo os gestos das árvores inclinadas ao vento, lâmina de luar cortando faces. Levarei comigo o Blue Room, os risos, as doçuras e a amizade dos amigos. Percorri almas e caminhos — adquiri novas experiências — e dentro de mim, bem marcadas, ficaram lembranças que só a morte apagará!

VIVE LA FRANCE!

RARAMENTE, entre nós, um autor ganha mais de Cr\$ 200.000,00 por uma obra teatral encenada. Quando atinge essa cifra é motivo de notas extras nos jornais e felicitações. Lendo uma estatística parisiense, ficamos admirados com as importâncias arrecadadas em direitos autorais somente em espetáculos exibidos em Paris: só uma peça pode dar a seu autor uma pequena fortuna, garantindo-lhe uma existência sem preocupações financeiras. No ano passado, por exemplo, apuramos que as oito peças mais lucrativas em direitos autorais foram as seguintes:

1 — "Patate", de Marcel Achard, com Cr\$ 3.606.240,00; 2 — "L'Oeuf", de Felicien Marceau, com Cr\$ 3.508.704,00; 3 — "La Mamma", de André Roussin, com Cr\$ 3.160.800,00; 4 — "Irma La Douce", de Alexandre Bréffort, com Cr\$ 2.357.600,00; 5 — "Requien pour une nonne", de Albert Camus, com Cr\$ 1.468.560,00; 6 — "Journal d'Anne Frank", de Georges Neveux, com Cr\$ 1.370.000,00; 7 — "Pauvre Bitos", de Jean Anouilh, com Cr\$ 1.172.640,00; 8 — "Le Mal Court", de Audiberti, com Cr\$ 560.000,00.

Albert Camus e Georges Neveux, é bem verdade, receberam aproximadamente a metade dos direitos autorais, visto que foram os adaptadores de "Requien pour une nonne" e "Journal d'Anne Frank", respectivamente. Convenhamos, contudo, que as somas são bastante elevadas, inda mais se levarmos em conta que 1957 foi o ano que iniciou a crise de que o teatro francês ainda se resente.

As importâncias mencionadas referem-se apenas ao exercício do ano findo e a maioria dos espetáculos campeões continua em cartaz arrecadando muitos francos...

MONTHERLANT E SUA MELHOR PEÇA

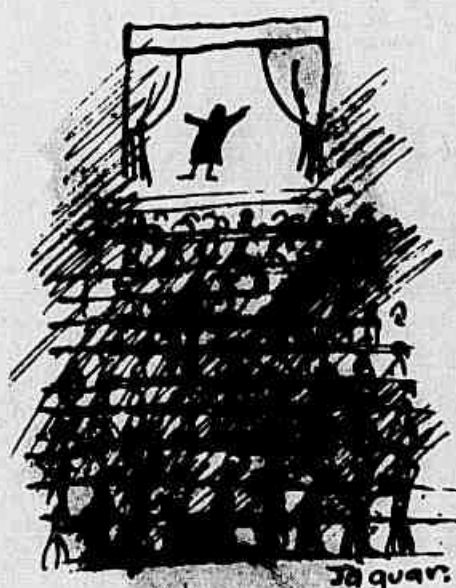
"A quem me perguntar qual de minhas peças é a que prefiro, responderei: Não direi a que prefiro, mas a melhor; esta é, sem dúvida, "Le Ville dont le prince est un enfant". Em segundo lu-

gar, classifico "Fils de Personne" e "Celles qu'on prend dans ses bras". disse recentemente Henri de Montherlant.

Por estranho que pareça, a melhor obra desse autor foi condenada, por sua própria sentença, a jamais ser encenada, mas apenas gravada em discos (conforme já comentamos em número anterior da RS).

DE S. PAULO

A crítica teatral de São Paulo manifestou-se de forma estranha sobre o espetáculo ora apresentado no Teatro da Cultura Artística, "Vinde ensaboar vossos pecados". Essa peça é a mesma "Dorotéia", de Nelson Rodrigues, que o Rio



assistiu há alguns anos no extinto Teatro Fênix. "Vinde ensaboar", contudo, foi adaptado para Dercy Gonçalves...

TEATRO DA PRAÇA

A inauguração do Teatro da Praça, fundado por Geraldo Queiroz, não será mais no mês de abril (estava prevista para o começo do mês). Alguns problemas forçaram o adiamento para maio. A peça inaugural (para adultos) será com

"Chapéu da palha de Itália", de Labiche, tendo Maria Sampaio como atriz convidada para um pequeno papel.

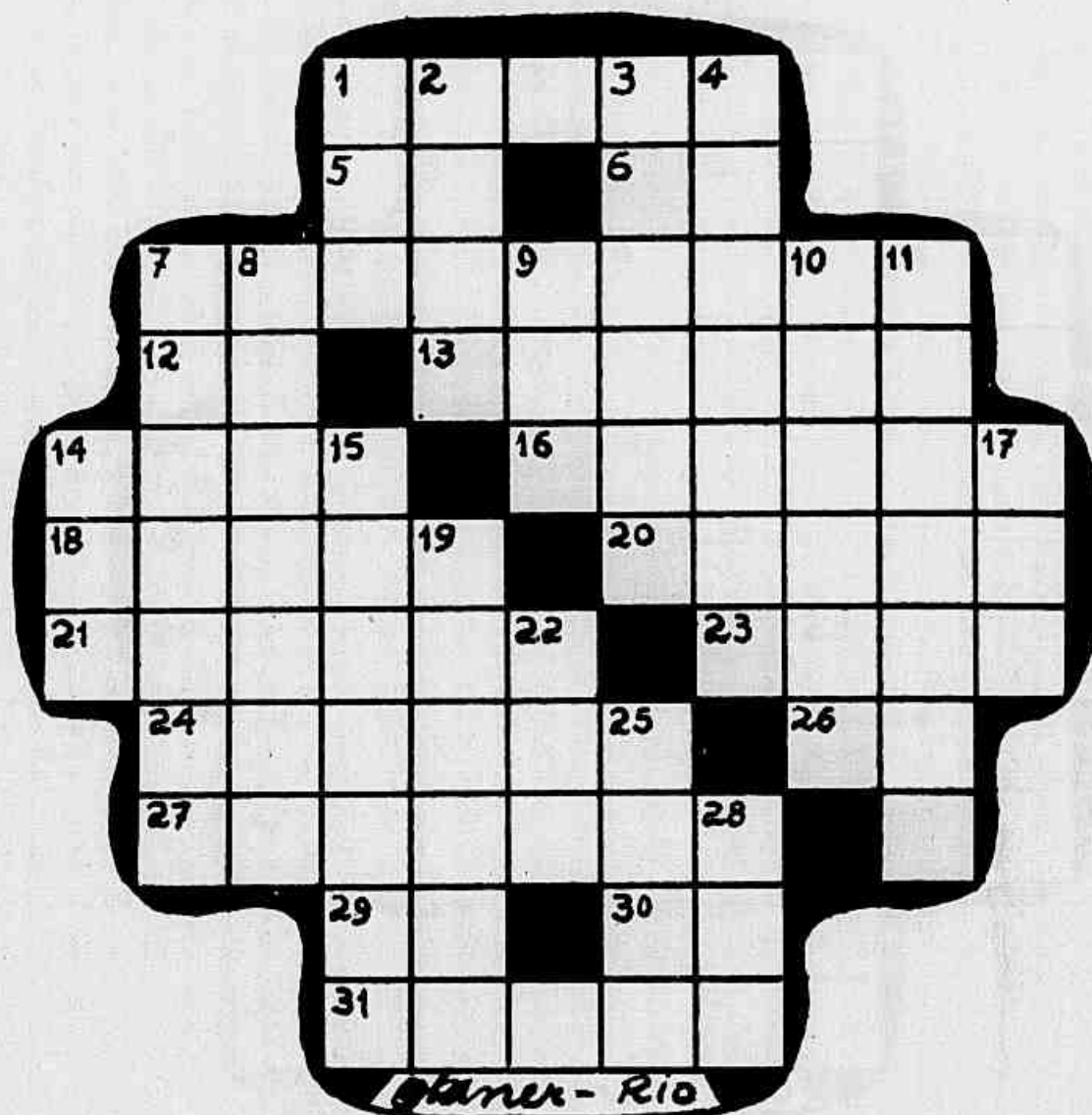
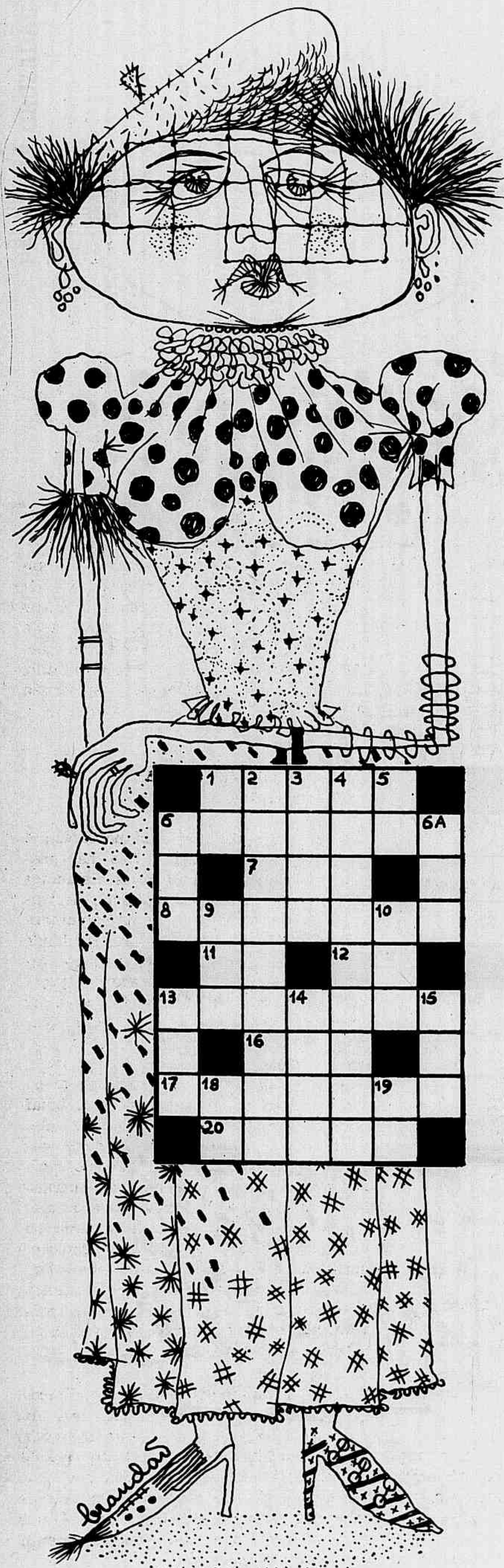
GIGI

Carlos Brant espera que "Gigi", de Collette, tenha êxito artístico e de bilheteria, melhorando as receitas de "Os Artistas Unidos", que não têm sido muito felizes. "Gigi" em Buenos Aires teve uma longuíssima permanência em cartaz, com Suzana Freire no papel-título, que também a representará nessa versão brasileira.

ATOR NACIONAL, ESSE DESPROTEGIDO

A profissão de ator aqui no Brasil é realmente desanimadora. Não há, praticamente, um conjunto cujos elementos sejam permanentes, com garantia de trabalho. E isso é perfeitamente compreensivo, levando-se em conta a dificuldade dos empresários em manter seus contratados, atendendo à necessidade das peças que encenam. De um modo geral, os artistas assinam compromissos por quatro meses; terminado o prazo, se a peça continuar em cartaz ou se o novo espetáculo comportar papéis para os artistas, os contratos são renovados por igual período. No fim da temporada, os elementos se despedem aguardando novas oportunidades de trabalho. Sabemos perfeitamente que os ordenados não permitem uma reserva de fundos para os meses de desemprego. Para a garantia de uma subsistência, os artistas profissionais têm de se sujeitar a "cachets" de televisão ou aceitar condições que muitas vezes se chocam com o caminho previamente traçado, redundando em desânimo e desilusão.

Ainda recentemente, o crítico Henrique Oscar trouxe a público o caso de Ezequias Marques Júnior, autor laureado em 1957, de incontestável talento, que se vê na contingência de abandonar a profissão por falta de recursos para permanecer na carreira artística. Esse é um assunto lamentável, que oportunamente voltaremos a comentar.



PROBLEMA N° 31

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Falta — 5. — Último mês do verão dos sírios — 6. Prefixo que denota direção, tendência — 7. Movimento da ave de rapina para apanhar a presa — 12. Título honorífico na China — 13. Soleira da porta — 14. Covil de veado — 16. Tirar a pouco e pouco as forças — 18. Peça que serve para fixar a amarra da âncora — 20. O uropígio das aves — 21. Descendente dos antigos romanos — 23. Cortas — 24. Saia lisa sem pregas — 26. Aum — 27. Prata — 29. Semelhança — 30. Símbolo químico do alumínio 31. Pássaro da família dos Tanagrideos.

VERTICAIS: — 1. Vila nos EE. UU. no Estado de Kentucky — 2. Arvore conífera da Índia — 3. Cór vermelha vivíssima — 4. Cairia — 7. Curuquerê — 8. Reduzir a determinadas proporções — 9. Ril — 10. Nome antigo genérico de várias dermatoses — 11. Grande arara preta — 14. Boteira — 15. Espécie de peixe (pl.) — 17. Tapeçaria antiga — 19. Parte do estame onde estão os sacos polínicos — 22. Deus dos antigos sírios, patrono das artes e da agricultura — 25. Peneirar — 28. Cartel.

PROBLEMA N° 31

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Pôr data — 6. Momices, trejeitos do rosto — 7. Peça que entra no contracadaste do navio — 8. O mesmo que areolado — 11. Símbolo químico do índio — 12. Outra coisa — 13. Cada um dos vasos que conduzem o sangue do coração para todo o organismo — 16. Rêde dos índios do Brasil — 17. O mesmo que assentara — 20. Planta da família das Aquifoliáceas.

VERTICAIS: — 1. Concede — 2. País sul-americano — 3. Carne; azevinho — 4. Meter-se-iam em atoleiro — 5. Símbolo químico do rádio — 6. Rema para trás. 6A. Ente — 9. Sorrir — 10. Naquele lugar — 13. Gemidos — 14. Desinência peculiar a vários números representativos de dezenas — 15. Pedra do altar — 18. Prefixo, o mesmo que ex — 19. Escarnece.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N° 30

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ab — bar — Ca — átime — éga — moto — Eros — arena — presa — setelas — briol — calaria — abalo — astro — arai — tris — somar — maori — ai — imo — za.

VERTICAIS: ator — bites — bo — Ra — caros — após — amal — monobafia — geralista — Esau — átrio — piora — eia — Caás — caumi —

atros — così — broz — rirá — ri — mó.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: matar — maletas — imo — dá — AM — embroma — lá — or asa — resolve — rasai.

VERTICAIS: má — ali — temerosos — ato — Ra — modelar — somaria — ama — amo — asa — aia — Er — vi.



Rafael Corrêa de Oliveira

EU FUI PRECURSOR DA CANDIDATURA VARGAS

O MEU PRIMEIRO ENCONTRO com o sr. Getúlio Vargas teve lugar no palácio do governo, em Pôrto Alegre, a 29 de outubro de 1929. Eu dirigia, então, a "Praça de Santos". Era um diário oposicionista que não tinha grande circulação em Santos, mas repercutia profundamente no Brasil inteiro. As suas informações políticas e a orientação revolucionária de seus editoriais refletiam o pensamento dos brasileiros emigrados, com os quais eu me comunicava diretamente. E, por isso, talvez, a imprensa independente, no resto do País, reproduzia sempre o que a "Praça de Santos" publicava sobre política. O fato é que ao meu jornal coube o papel de precursor da candidatura Getúlio Vargas à presidência da República. Como se deu isso?

Em junho de 1929 já se conhecia a impugnação de Minas Gerais ao nome do sr. Júlio Prestes, presidente de São Paulo e candidato oficial do sr. Washington Luís à sua sucessão. Tinha-se, portanto, como certa a candidatura oposicionista do sr. Antônio Carlos, presidente de Minas e político de indiscutível prestígio nacional. Receava-se, todavia, nos meios revolucionários, a possibilidade de uma composição das forças partidárias que evitasse a campanha eleitoral com todos os perigos da insatisfação política e da crise econômica, — uma crise do café, como a atual.

As oposições queriam precipitar os acontecimentos, mas Antônio Carlos ainda não se comprometera decisivamente. As suas declarações aos jornais eram vagas, doutrinárias, pouco veementes. O jornalista que conhecia melhor o seu pensamento era o sr. Assis Chateaubriand, mas este estava impedido de divulgá-lo sem ordem do presidente mineiro, de quem recebera avultada soma para construir o prédio da Avenida 13 de Maio, onde funciona, hoje, a Caixa Econômica.

Eu não ignorava isso e, assim, pouco receava um "furo" de Chateaubriand. Convinha-me, no entanto, saber exatamente até onde Antônio Carlos iria na sua resistência ao Catete. Resolvi fazer uma tentativa nesse sentido e fui a Belo Horizonte.

Antônio Carlos me tratava com relativa simpatia pessoal. Eu era um jornalista que não pedia dinheiro, e isso me dava certa autoridade.

O presidente de Minas me recebeu numa fria tarde de julho no palácio da Liberdade. E as suas primeiras palavras, ao abraçar-me, foram estas:

— "Meu caro Corrêa de Oliveira, parece que ainda desta vez o "seu" grande Andrada não irá ao Catete".

Referia-se evidentemente a um artigo em que eu o chamava de "grande Andrada na luta contra a oligarquia política". Essa recepção acolhedora me levou a falar abertamente sobre a situação política. E Antônio Carlos me disse as seguintes palavras, que são absolutamente autênticas:

— "O presidente da República insiste em impor-nos o seu candidato, que não podemos aceitar, porque a impugnação mineira está colocada no terreno dos princípios. A preservação da nossa força moral é da maior importância. Minas não quer dar o candidato, mas, apenas, impedir uma imposição do governo federal. Temos no sul do país um homem novo que unificou a política do seu Estado e poderá ser a bandeira da nossa campanha. É o Getúlio Vargas..."

— Mas Getúlio Vargas é capaz de marchar na cabeça de uma revolução, senhor presidente?

— "Ah! meu amigo, isto é outra coisa, e o futuro poderá alterar a situação", respondeu-me o sr. Antônio Carlos.

— E o vice-presidente?

— "Virá do Norte..."

— Estácio Coimbra, por acaso?

— "Não. O João Pessoa é mais enérgico e nos traz o apoio inestimável do Epitácio."

Eu perguntei, então, ao presidente Antônio Carlos se podia divulgar essas notícias, e ele me disse que não:

— "De modo algum, porque ainda estamos atraindo outros elementos. É uma questão de dias. Vá ficando por aqui. Aproveite as delícias de nosso clima e espere as novidades..."

Prometi tudo. E naquela mesma noite, no trem que me trazia ao Rio, escrevi um artigo datado de Belo Horizonte, com o seguinte título: "Getúlio Vargas e João Pessoa candidatos à presidência e vice-presidência da República". Daqui transmiti para Santos, telefonicamente, o texto integral do artigo, cuja publicação explodiu como verdadeiro petardo nos meios jornalísticos. O "Jornal do Comércio", na sua primeira "vária", transcreveu integralmente o meu trabalho, com este comentário: "O artigo do sr. Rafael Corrêa de Oliveira retrata a verdadeira situação da política nacional."

E, assim, me vi, repentinamente, transformado em precursor da candidatura Vargas.

Não sei se Antônio Carlos se aborreceu comigo. Ele nunca me disse nada a respeito. Eu procedi como jornalista. Não lhe devia dinheiro. Não estava, portanto, obrigado às conveniências de Chateaubriand.

Em outubro recebi um convite do sr. Oswaldo Aranha para visitar Porto Alegre. Fiz a viagem por estrada de ferro. Parei em Passo Fundo, onde Artur Caetano promoveu um comício. Meia hora antes dos discursos recebíamos a notícia da morte de João da Mata Corrêa Lima, num desastre de

automóvel, na Paraíba. Era esse rapaz uma inteligência privilegiada e um caráter de bronze, — sem dúvida alguma a figura mais brilhante da política paraibana naquele momento. Morreu em plena campanha eleitoral, ao regressar de um comício no Recife. Em Passo Fundo o ambiente era de franca rebeldia. Um velho veterano de muitas campanhas nas lutas interiores do Rio Grande, me falava da próxima revolução nestes termos:

— "Essa vai ser das boas. Já estou com o cavalo preparado".

O rijo gaúcho esperava, apesar da idade, sitiar o Rio de Janeiro cavalcando o seu corcel.

O trem chegou a Porto Alegre quase às 19 horas. Sessenta minutos decorridos, o palácio do governo avisava o hotel, onde me hospedara, que o presidente do Estado me receberia após o jantar. Fui na hora exata.

Depois de anunciado pelo contínuo, quem me apareceu foi uma garôta pequenina, de olhos levemente zombeteiros e sorriso acolhedor.

— O papai ainda está jantando. Se o senhor já jantou espere um pouco que ele está terminando.

Disse-lhe que esperava e continuei de pé.

— Por que você não senta?

Sentei-me, achando uma certa graça naquele tratamento familiar. Depois a menina me perguntou:

— Você é o jornalista de S. Paulo?

— Sim, senhora, sou eu mesmo.

E, naturalmente, continuaríamos a conversa se não fôssemos interrompidos por dois homens que vinham do interior da casa. Era o presidente Getúlio Vargas acompanhado pelo sr. Paim Filho, seu secretário da Fazenda. O presidente dirigiu-se à filha com um sorriso de verdadeira ternura:

— Que estavas falando aí?

Em seguida me disse: — Ela gosta de política.

A menina retirou-se, e a fisionomia do sr. Getúlio Vargas mudou completamente. Tornou-se um homem distante. Pediu-me notícias de S. Paulo.

Vivendo em Santos, eu conhecia, naquela época, o complicado mecanismo das operações sobre café, e seus mistérios me eram familiares. Rápidamente expus a crise que São Paulo atravessava, as suas causas, o malôgro da política financeira do presidente Washington e as dificuldades crescentes que ele teria de enfrentar num período de agitações eleitorais.

O sr. Getúlio Vargas me ouviu atentamente, com uma visível satisfação. Quando terminei, perguntou:

— "E as nossas possibilidades eleitorais?"

Creio que me irritei com essa interrogação, por que respondi quase ásperamente:

— Eleições com o sufrágio a descoberto, as perseguições ostensivas, as ameaças, a corrupção, os mortos votando, o "bico de pena" a funcionar descaradamente, — isso é lá possível, senhor presidente! Isto é um problema que só se resolve pelas armas...

O sr. Paim Filho, enquanto eu falava, fazia caretas repetidas, mexendo com o nariz e a boca num cacoete nervoso. E o sr. Getúlio Vargas, já com os olhos oblíquos e o rosto inchado, encerrou a audiência de modo sombrio, proferindo estas palavras, quase protocolarmente:

— "Bem, o senhor deve ficar por aqui uns dias para conhecer o Rio Grande. E amanhã se comunique com o Oswaldo Aranha."

Quando cheguei ao hotel escrevi no meu caderno de notas: "Getúlio: péssima impressão, não é o homem capaz de conduzir a flâmula de um movimento revolucionário. É um político como os outros."

No dia seguinte, depois de meu encontro com Oswaldo Aranha, comecei a respirar.

Novos entusiasmos vieram, e novas decepções também. Mas isto fica para outra oportunidade...

Lady Maxwell informa:



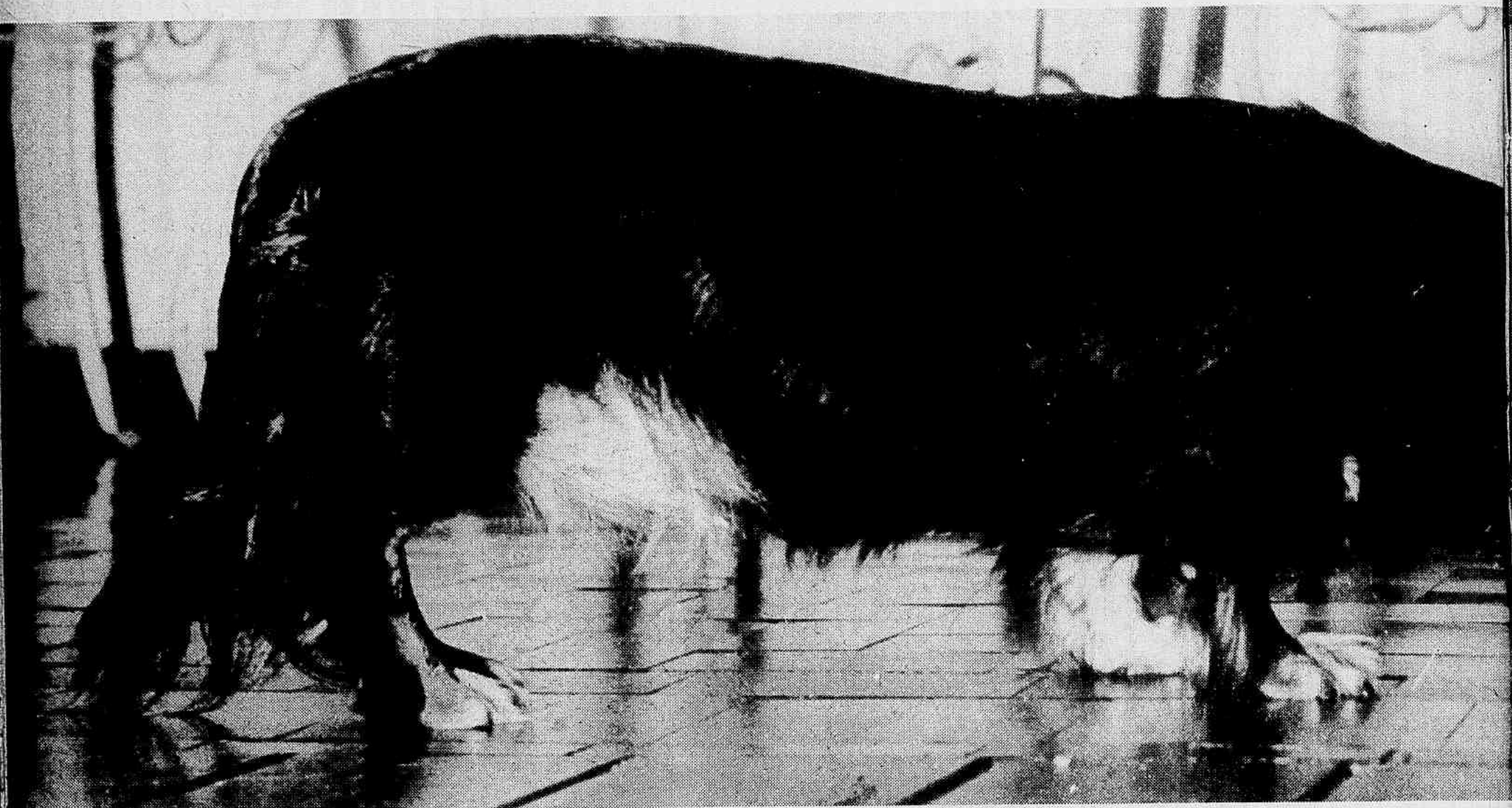
UMA CADELA “BEM” LATE NA JUSTIÇA

A SENHORA DO SENADOR Alberto Pasqualini está se defendendo na Justiça brasileira do ataque de mr. Samuel Simpson. Motivo da briga: Karen.

Quem é quem:

A sra. Alberto Pasqualini, née Suzana Thompson Flores, é uma das mais bonitas e elegantes senhoras da sociedade gaúcha transportada para o Rio de Janeiro.

Mr. Samuel Simpson é um técnico industrial inglês que veio para o Brasil em 1956, trabalhar na sua especialidade — linho.



Em sociedade tudo se sabe. Mas desta vez Lady Maxwell soube primeiro: uma cadelinha basset provoca um processo difícil

Karen é uma cadelinha basset irlandesa, de pêlo comprido (o que é raro), mais conhecida pelos criadores como uma "Daschund", preta e bronzeada. Valor: 100 mil cruzeiros. Mas mr. Simpson diz que "não vende a bichinha nem por 300 mil cruzeiros".

A história, segundo mr. Simpson:

Ele comprou Karen a 8 de janeiro de 1954 na Irlanda do Norte de um certo mr. Kernan. Contratado para vir trabalhar como técnico no Brasil, foi ao consulado em Belfast para saber em que condições poderia viajar com Karen. Veio para o Rio em 1956, com a cadelinha e mrs. Simpson. Tempos depois, mrs. Simpson ficou doente e ele foi obrigado a voltar à Inglaterra, onde sua senhora fez um tratamento de saúde durante três meses.

Sabendo que na Inglaterra havia quarentena de seis meses para animais vindos do exterior, mr. Simpson pediu à senhora Harold Muller que tomasse conta de Karen, no Rio, até a sua volta.

Esta senhora Harold Muller, que entra na história como Pilatos no Credo, não podia ficar com Karen; e indicou a sra. Marie Cruz (Marie Agnes Zelbers Fróes da Cruz), sua amiga. Marie concordou em ficar com a cadelinha, que recebeu de mrs. Simpson a 18 de junho de 1957, dizendo que deixaria Karen com um casal sem filhos, de confiança, o senador e senhora Pasqualini.

Três meses depois, de volta, mr. Simpson recebe da sra. Pasqualini a seguinte informação: "Envenarei a cadelinha se ela fôr retirada de minha posse por meios legais".

Mr. Simpson então entrou na Justiça com uma ação de busca e apreensão de Karen, pedindo a indenização de 100 mil cruzeiros caso a cadelinha seja envenenada.

O processo entrou na 7.^a Vara Cível do Distrito Federal a 20 de dezembro de 1957 com o número 22 930 (que não é cachorro, é camelo). O juiz Darcy Lopes Ribeiro determinou a busca e apreensão da cadelinha, que foi feita por dois oficiais de Justiça. Karen está agora entregue "em depósito", com o 3.^o Depositário Judicial, desde o dia 31 de dezembro de 1957.

A história, segundo a sra. Pasqualini:

Ela ganhou Karen da sra. Marie Cruz, que disse ter ganhado a cadelinha da sra. Harold Muller (Johanna Margaret

Muller). A sra. Johanna Muller, por sua vez, diz que ganhou-a dos Simpson, que iam voltar para a Inglaterra definitivamente. E diz mais: "Eles me entregaram até os documentos de Karen".

A sra. Marie Cruz diz que não ficou com Karen porque seu marido não deixou.

Mr. Simpson responde: "Eu não dei a minha Karen para ninguém. Deixei os documentos dela com a sua guardiã para que a cadela não ficasse sem papéis de identidade. Deixá-la aqui sem os documentos seria o mesmo que viajar sem carteira de identidade".

Bastidores:

§ O juiz Darcy Lopes Ribeiro está bastante atrapalhado com o caso, e não sabe como vai resolvê-lo.

§ O senador Pasqualini está muito doente, de cama, e tinha a Karen como "a melhor distração e companhia". Sofreu muito com a separação.

§ Mrs. Simpson também voltou a ficar doente, desta vez porque está "sentindo uma falta terrível de Karen".

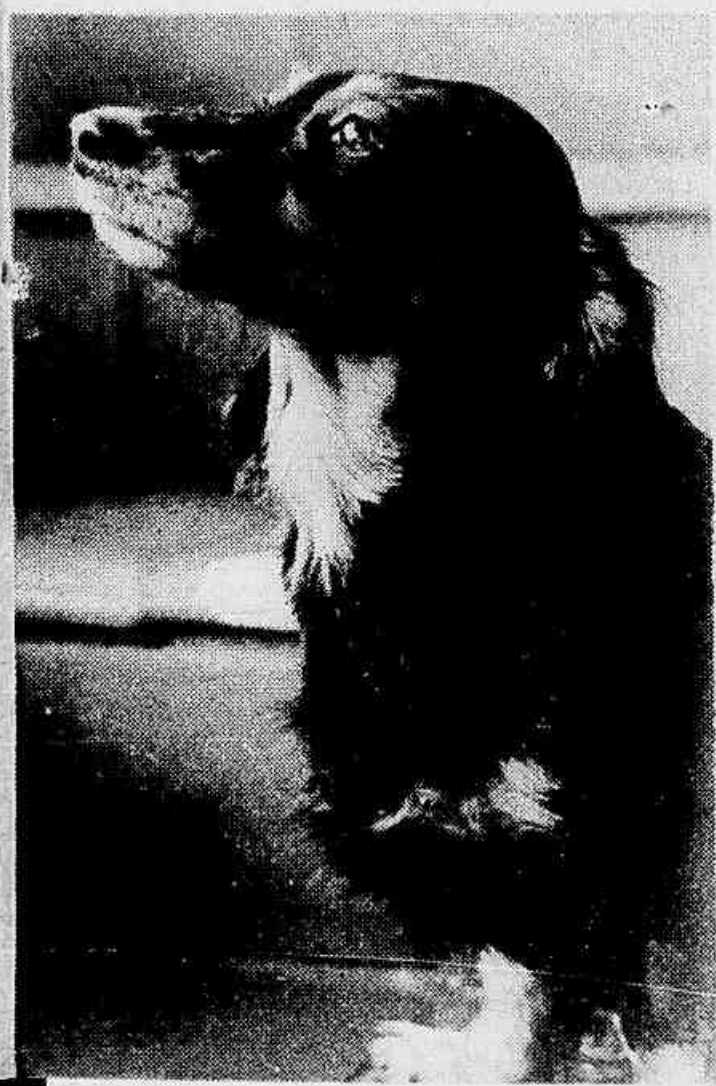
§ Karen, cada vez que muda de casa, fica doente. Deixa de comer. Deixa de beber. Deixa de latir. Mas continua muito bem educada. Só faz pipi na rua, deita quando a gente manda, morre quando alguém aponta um revólver para ela e finge que atira. Agora já atende a ordens em português, mas ainda prefere que falem com ela em inglês. Gosta de sorvete e dá preferência para água gelada. Ronca satisfeita quando come doce, principalmente se ganha um pedaço de chocolate de leite. Só vai deitar quando todos na casa se deitam e só levanta quando a última pessoa sai da cama. Gosta de tomar banho, mas sente-se melhor quando o banho é morno. Seus pais foram campeões e em casa de mrs. Simpson tinha uma babá para cuidar dela.

Adora passear de carro, dormir em cima de almofadas e brincar de pegar. Dá carreiras de satisfação quando qualquer pessoa da casa chega da rua e persegue-a — inclusive agarrando a roupa — se não recebe um cafuné na ocasião. Não lê Proust.

§ Depositário Judicial (Dr. Moacyr Carneiro) levou-a para casa, "onde ela pode ser melhor tratada". E talvez tenha criado outro capítulo da história, porque Karen habituou-se em sua casa, onde todos gostam dela.



de solução.



Karen provoca saudades em seus donos e ciúmes naqueles que pretendem a sua posse.



Balbino mostra-se tranqüilo pela sorte de Vieira.



POLÍTICA

DOIS FILHOS DO BARRANCO

NA CIDADE DE BARREIRAS, pequeno núcleo de população no oeste baiano, quase nos limites com Goiás, à margem do Rio Grande, afluente do rio S. Francisco, nasceram Antônio Balbino de Carvalho Filho e Tarcílio Vieira de Melo.

Ambos são inteligentes. Balbino bem mais culto que Vieira, com boa cultura humanística e jurídica; Tarcílio servido por uma memória prodigiosa. Ambos bons oradores, mas de estilo diferente. Balbino é homem de gabinete, de estudo, planejador, frio; Vieira é arrebatado, sem pisar firme no chão, sem olhar onde pisa. Balbino não bebe, não fuma e não joga; Vieira, sim. Balbino é católico praticante; Vieira, não. Balbino diplomou-se em direito pela Faculdade Nacional de Direito; Vieira pela Escola de Direito da Bahia.

E é em torno destes dois homens, filhos do mesmo barranco sanfranciscano, que se faz no momento o trançado da política sucessória da Bahia.

Balbino ingressou na política um pouco antes de Vieira. Mal recebeu, aqui no Rio, o seu diploma de bacharel, arribou para a Bahia. Abriu banca de advogado e ingressou no jornalismo. Foi trabalhar no "O Imparcial", no momento em oposição cerrada ao interventor Juracy Magalhães. Não lhe foi, assim, difícil, com a volta do Brasil ao regime democrático, eleger-se deputado pela então Ação Autonomista. Foi vice-líder da bancada da oposição (o líder era Nestor Duarte) e parlamentar combativo.

Por esse tempo, Vieira vivia no interior, inicialmente como promotor e depois como juiz de Direito. No concurso para a magistratura, obteve o 1.º lugar, e há quem diga que repete, até hoje, sem que falte uma palavra, e com a mesma entonação, a prova oral que fez perante o Tribunal de Justiça da Bahia.

O Estado Novo passou Balbino para trás. O interventor



Vieira de Melo quis fazer da liderança da Maioria caminho para o Aclamação

BRIGAM NA SUCESSÃO BAIANA

Pinto Aleixo retirou Vieira da comarca onde servia para, a princípio dirigir o Departamento das Municipalidades e ocupar, depois, a Secretaria do Interior, onde começou a fazer o prestígio que, até hoje, desfruta em quatro ou cinco municípios baianos.

Balbino cometeu, neste tempo, o seu primeiro erro político. Não podendo ir para o PSD, onde Vieira assentara praça, nem para a UDN, onde se encontravam os autonomistas com quem se desaviera, teve que buscar o PSP — então Partido Sindicalista — atraído pelos descendentes de velho cabo eleitoral sanfranciscano de quem era advogado. Foi candidato a deputado federal, mas não se elegeu.

Convocada, entretanto, a Constituinte baiana, passou ao PSD e foi eleito, por grande margem, deputado estadual. Foi líder de sua bancada, enquanto Vieira vinha para o Rio como representante da Bahia. A Constituição da Bahia

é obra quase toda de Balbino. Dizia o sr. Otávio Mangabeira que nunca viu capacidade de trabalho igual: meia hora após o recebimento das emendas para parecer, Balbino tinha todos prontos, e sempre muito bem fundamentados.

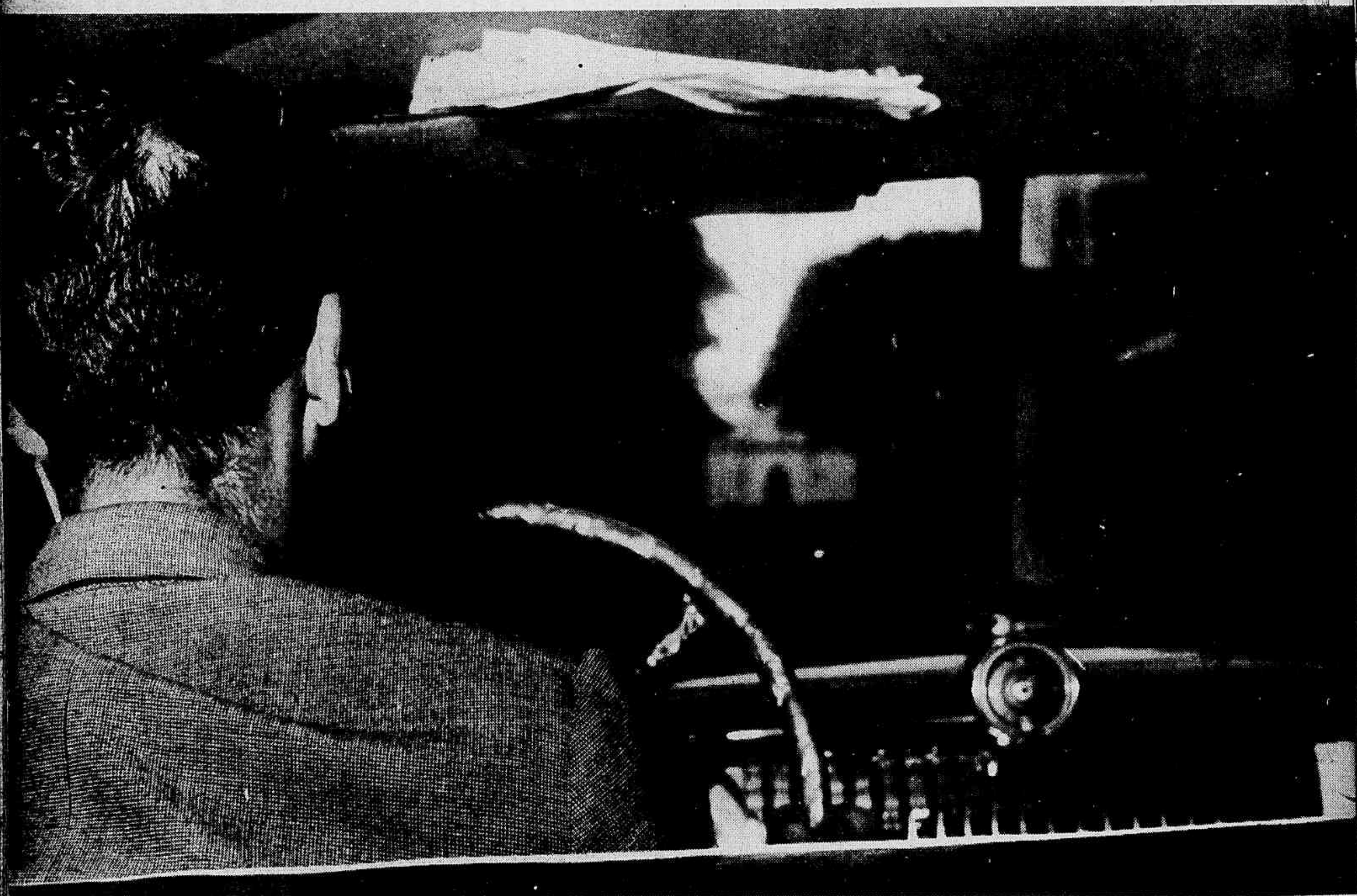
Quando Getúlio foi eleito presidente da República, já estava Balbino deputado federal, em pé de igualdade, portanto, com Vieira: dispunham da mesma tribuna e se mexiam no mesmo ambiente. Um podia estar mais atento aos passos do outro.

Regis Pacheco, governador, quis fazer de Vieira ministro, na pasta então posta por Vargas à disposição da Bahia. Balbino, porém, evitou. Na batalha contra Vieira, foi ajudado, inconscientemente, pelos autonomistas, que pretendiam o posto para o senador Aluizio de Carvalho, com quem Vargas fizera boa camaradagem no Senado. Balbino ganhou

(Continua na pág. 38)

EXTRA

POLÍCIA E BANDIDO



35 HOMENS COM INSTRUÇÕES especiais estão dirigindo táxis (alugados a quilômetro nos mais diferentes pontos do Rio de Janeiro, do Leblon a Cascadura. São da Polícia e pretendem prender os assaltantes que vêm pondo em pânico os motoristas profissionais.

Esses 35 homens estão bem protegidos, mas ainda não é possível revelar de que maneira. Viajam sós, desarmados, tal como um motorista qualquer mas se forem assaltados correm pouco risco. Os assaltantes é que dificilmente escaparão. Inclusive, a detenção será feita de tal maneira que valerá como prova judicial irrecusável. Não há possibilidade de resistência.

Pouquíssimas pessoas sabem como vai funcionar o sistema e mesmo gente categorizada do D.F.S.P. tem sido mantida afastada, para evitar indiscrições. O segredo mantido pela Polícia é justificado. Sabendo como funciona o sistema, um assaltante pode se furtar a ele.

A maioria dos 35 motoristas-policiais é mesmo de motoristas de praça que há muito tempo vêm trabalhando com a Polícia e que se submeteram a um treinamento especial para a ocasião.

A operação custará pouco à Polícia, embora estejam mobilizados mais de 100 homens para a cobertura do assunto. Os táxis sofreram adaptações numa garagem do Rio Comprido e só um mecânico e um eletricitista tomaram parte no trabalho, assistidos por dois técnicos da Polícia. Essas adaptações, particularmente, custariam Cr\$ 50 mil por unidade.

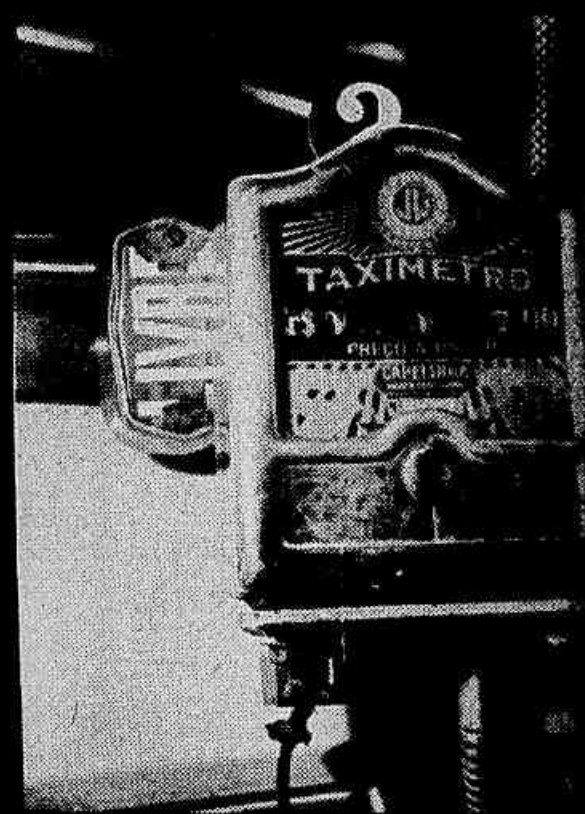
O sistema foi pôsto a funcionar na semana passada e já sofreu uma modificação: o mecanismo da defesa do motorista ficava armado apenas com a chave de ignição ligada e com a bandeira do taxímetro abaixada. Um dos motoristas sugeriu novo meio de armar, procurando evitar que, assaltado antes de dar a partida, o motorista ficasse sem defesa.

NUM MESMO TAXI

A Polícia vem mantendo em segredo um plano para acabar com a onda de assaltos aos motoristas de táxi do Rio de Janeiro. As autoridades estão divididas entre duas opiniões: uma, favorável a que o segredo seja mantido; outra, que pretende seja dada publicidade ao plano.

RS resolveu romper o segredo, aceitando a argumentação do segundo grupo. Eles acreditam — e nós também — que a publicidade do plano teria uma grande ação preventiva, evitando a grande maioria dos assaltos pelo temor dos assaltantes de virem a cair numa armadilha. Nosso informante agiu movido apenas pelo interesse público.

Editor.



A Polícia Técnica estudou dezenas de sugestões, antes de receber a que foi adotada. Algumas delas:

a) botão de chamada nos táxis para a Rádio Patrulha, com "sinal de alarma". Carros da RP fariam então uma triangulação, cercando o assaltante;

b) revestimento plástico especial ligado na bateria para dar choques no assaltante. Os motoristas-cobaias estariam protegidos;

c) gravação em fita de toda conversa mantida no táxi;

d) máquinas fotográficas instaladas em pontos estratégicos, para fotografar os passageiros;

e) saídas para jatos de gás que dominariam o assaltante, fôsse qual fôsse a sua posição no carro.

Paralelamente, outras medidas vão ser tomadas:

1 — licença especial para que os motoristas recusem passageiros fora do ponto, à noite;

2 — determinação para que os motoristas peçam a carteira de identidade dos passageiros, deixando registrado no ponto o nome do fulano, o número da carteira e a autoridade expedidora;

3 — policiamento nos pontos, para guarda dos registros;

4 — permissão para que os motoristas se recusem a aceitar passageiros, à noite, se esses não quiserem se identificar;

5 — permissão para que os motoristas se recusem a mudar de itinerário, a pedido do passageiro;

6 — permissão para que os motoristas se recusem a apanhar mais passageiros, durante o trajeto.



Anízio Teixeira não pode
ir se queixar aos bispos.

EXCLUSIVO

OS BISPOS É QUE SE QUEIXARAM DÊLE

AFIRMANDO QUE O manifesto dos bispos é inatual e prima pelo arcaísmo ("contraria o clamor geral pela escola pública universal e gratuita") e que o seu crime é querer dar essa escola ao povo, o sr. Anízio Teixeira deu uma entrevista exclusiva à REVISTA DA SEMANA respondendo às acusações contidas no manifesto e dizendo que — ao contrário do que pensa o Episcopado gaúcho — não pretende "descristianizar" o Brasil nem extinguir o ensino religioso nas escolas brasileiras.

Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e secretário-geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) Anízio Teixeira detém em suas mãos o ensino no Brasil. Acusado por uns e endeusado por outros, ele já sofreu muitas perseguições de padres e políticos "mas nenhuma tão violenta como a que foi iniciada há pouco tempo pelos bispos do Rio Grande do Sul", que o acusam de pretender "esperar da escola pública ou comum os mesmos resultados pré-revolucionários previstos com ansiosa expectativa pela doutrina socialista".

QUEM É: Anízio Spínola Teixeira é um homem baixo, magro, cabelos ralos, veste-se regularmente, inteligente e estudioso dos problemas nacionais, principalmente questões de educação e gosta de filosofia. É baiano quase mineiro: nasceu há 57 anos no município de Caetité (Bahia), na fronteira do Estado de Minas Gerais. Estudou no "Teachers College", da Universidade de Colúmbia, Estados Unidos, onde se formou em "Master Education", foi secretário de educação da Prefeitura carioca no tempo de Pedro Ernesto e exerceu o mesmo cargo na Bahia, no governo do sr. Otávio Mangabeira, tendo sido conselheiro de Educação Superior da UNESCO. Quando o baiano Simões Filho, no governo Vargas, foi ministro da Educação e Cultura, chamou-o para dirigir o INEP, onde ele está até hoje. Depois Anízio criou a CAPES e recentemente criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que tem sede no Rio e centros regionais em várias cidades do País. Livre-

no
ue
na
es
s-
o

o-
u-
l.
es
da
de
é-

os
is,
se
ra
de
oi
to
a,
no
a,
ou
is,
e-



Os bispos querem uma volta à Idade Média

pensador, professor de filosofia do Instituto de Educação do Rio, Anízio começa a trabalhar exatamente às 8 horas da manhã e só volta para casa às 8 da noite. Muitos funcionários não suportam o "full-time" de Anízio e o resultado é o seguinte: pedem transferência para outra repartição.

ACUSAÇÃO: Os que não concordam com o sistema educacional de Anízio Teixeira e combatem suas idéias são principalmente padres católicos — e políticos "que não são atendidos em seus pedidos de bolsas escolares para afilhados". Dizem de Anízio:

1. é teórico marxista, comunista, quer implantar no Brasil o sistema de ensino soviético;
2. comanda o ensino no Brasil há vários anos e até hoje não resolveu o problema;
3. está certo teoricamente em questões de ensino, mas na prática sua teoria falha;
4. quer monopolizar para o Estado o ensino primário do Brasil, acabando com as escolas particulares;
5. quer acabar com o ensino religioso nas escolas brasileiras;
6. publica no INEP livros de autores materialistas, como a "Iniciação à Ciência", de Julian Huxley, em dois volumes e auxilia, comprando o encalhe, a revista paulista "Anhembi", que é anticatólica;
7. mantém um DIP mais organizado que o de Getúlio Vargas na ditadura: quando se fala mal dele chovem cartas, telegramas de solidariedade ao diretor do INEP e tudo vai parar nas redações dos jornais.

DEFESA: Os que defendem Anízio Teixeira e sua obra no comando da educação brasileira dizem:

1. Anízio é o único (e foi o primeiro) homem no Brasil a traçar, esquematizar, elaborar e pôr em prática um sistema educacional em bases nacionais;
2. ninguém melhor do que ele pode dirigir a educação do Brasil;
3. tem extraordinária capacidade de trabalho: dirige o INEP e a CAPES das 8 da manhã às 8 da noite, reúne professores e cientistas, discute em mesa-redonda os problemas do ensino, ouve, fala, escreve, elabora e põe o plano em prática. Último deles: o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, já funcionando;
4. é profundamente honesto: não tem um tostão. Vive modestamente com sua família, jamais se aproveitou dos cargos que tem exercido;
5. suas obras (livros, conferências, etc.) são as mais perfeitas e completas em questões de ensino no Brasil;
6. a campanha que fazem contra ele tem raízes numa coisa que está acontecendo atualmente no Brasil: Anízio é um homem inflexível nos seus pontos de vista, no programa que traça e na sua execução. E a época é de "flexibilidade";
7. é mais sacerdote que os outros: dedica-se inteiramente à causa do ensino no Brasil e às vezes passa o dia sem comer, trabalhando.

O MANIFESTO DOS BISPOS gaúchos foi dirigido ao presidente da República no dia 8 de abril, 58, e publicado nos jornais de todo o País no dia 10. Dividido em quatro pontos e assinado no dia 29 de março pelos bispos de Porto Alegre (Dom Vicente Scherer), Santa Maria (Dom Antônio Reis), Pelotas (Dom Antônio Zattera), Caxias do Sul (Dom Benedito Zorzi), Passo (Dom Cláudio Colling), Uruguaiana (Dom Luís de Nadal), Auxiliar de Caxias (Dom Cândido Maria), Coadjutor de Santa Maria (Dom Luís Victor Santori) e Auxiliar de Porto Alegre (Dom Edmundo Kunz) o manifesto pede nas entrelinhas a substituição de Anízio Teixeira do INEP e da CAPES "por querer fazer a revolução socialista nas escolas brasileiras, o monopólio estatal

da educação" e pede "providências necessárias e inadiáveis para a cessação desse estado de coisas, tão nefasto, a qualquer respeito, nos mais legítimos e excelsos interesses nacionais". Diz mais que "a Igreja não ignora a gravidade e a extensão do problema educacional brasileiro, principalmente quanto ao ensino primário, a reclamar urgentemente solução capaz de sobrepor-se às alarmantes deficiências, que tanto e tão fundamente afetam a vida nacional".

ANÍZIO RESPONDE: "Não pretendo o monopólio estatal do ensino primário, não pensei nisso, porque gosto de respeitar a Constituição. E ela garante o ensino nas escolas particulares. Não pensei em pleitear a reforma da Constituição... Mas a mesma Constituição diz que o ensino primário é obrigatório, universal e gratuito". Agora pergunto aos ilustres bispos católicos: pode a escola particular ensinar obrigatoriamente, universalmente e gratuitamente às crianças brasileiras? Penso que não e os bispos hão de concordar comigo neste ponto. O que tenho dito em conferências, o que tenho escrito nos meus livros, o que tenho pregado sempre, e continuarei pregando é maior quantidade de escolas públicas para o Brasil e a municipalização do ensino primário. Será isso crime? Meu crime será esse? Então é um belo crime!

"O que os ilustres bispos parecem temer não é o monopólio do ensino porque nem eu nem ninguém pensou nisso. Eles devem temer, não sei se com justas razões, é que a criação de escolas, públicas nos municípios com os recursos municipais, estaduais e federais seja prejudicial às escolas particulares que por não terem alunos (ninguém vai preferir pagar a escola tendo a pública gratuita) terão de fechar suas portas.

DETURPAÇÃO INTENCIONAL

Analisando o manifesto dos bispos gaúchos, e depois o dos mineiros, o professor Anízio Teixeira afirma:

"Eles dizem, citando a Civitas Solis de Campanella na "Nova Atlantis" de Bacon, o Estado de Platão, Pontes de Miranda, a Constituição, que eu quero preparar a revolução partindo das escolas. Dizem que eu prego a escola única (pública) como preparatória e executora da Revolução Social. Dizem que a minha escola pública ou comum é também oficial e única. Nada disso. Eles deturpam intencionalmente as minhas palavras, as minhas frases. Num bloco de frases, num período longo, pode-se tirar uma frase apenas dando-lhe a interpretação que se quiser.

"O que eles querem mesmo é que a escola particular seja pública também, com dinheiro do governo. Não pretendo de modo algum "descristianizar" o Brasil, não quero extinguir o ensino religioso nas escolas brasileiras. Se eu tivesse intenções totalitárias não pregaria a municipalização do ensino ou seja, a escola municipal, administrada por um local, pois a escola, hoje, está sendo concebida como uma comunidade integrada dentro da comunidade maior da cidade, da vila ou do povoado e só a administração local concorrerá para tornar possível essa integração. Passando a escola a ser instituição fundamental da comunidade, servindo-a e dela se servindo para a vitalidade e riqueza dos seus processos educativos, o professor deixará de ser o estranho, a autoridade consular e passageira, um quase hóspede da comunidade para se sentir responsável e integrante dessa comunidade. Se eu fosse totalitário eu não pregaria essa solução para o problema educacional do Brasil: pregaria a direção única da escola pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação".

"Não advogo, nem advoguei o monopólio da educação pelo Estado, mas julgo que todos têm direito à educação pública,



Quatro horas na escola é pouco. Anízio Teixeira quer a escola de tempo integral.

e somente os que o quiserem é que poderão procurar a educação privada. Numa sociedade como a nossa, tradicionalmente marcada de profundo espírito de classe e de privilégio, somente a escola pública será verdadeiramente democrática e somente ela poderá ter um programa de formação comum, sem os preconceitos contra certas formas de trabalho essenciais à democracia. Na escola pública, como no Exército, desaparecerão as diferenças de classe e todos os brasileiros se encontrarão, para uma formação comum, igualitária e unificadora, a despeito das separações que vão, depois, ocorrer. Exatamente porque a sociedade é de classes é que se faz ainda mais necessário que as mesmas se encontrem, em algum lugar comum, onde os preconceitos e as diferenças não sejam levados em conta e se crie a camaradagem e até a amizade entre os elementos de uma e outra. Independente de sua qualidade profissional e técnica, a escola pública tem, assim, mais esta função de aproximação social e destruição de preconceitos e prevenções."

Dizendo que os bispos não compreenderam ou não quiseram compreender suas palavras, o sr. Anízio Teixeira afirma:

"A educação comum para todos já não pode ficar circunscrita à alfabetização ou à transmissão mecânica das três técnicas básicas da vida civilizada: ler, escrever e contar. Já precisa formar, tão solidamente quanto possível, embora em nível elementar, nos seus alunos, hábitos de competência executiva, ou seja, eficiência de ação; hábitos de sociabilidade, ou seja interesse na companhia dos outros, para o trabalho ou o recreio; hábitos de gosto, ou seja de apreciação da excelência de certas realizações humanas (arte); hábitos de pensamento e reflexão (método intelectual) e sensibilidade de consciência para os direitos e reclamos seus e de outrem. Para tudo isso a escola primária deve e precisa ter tempo integral para alunos e professores".

Anízio Teixeira diz que os bispos querem que o Brasil volte à situação de 100 anos atrás, querem o arcaísmo, o ultrapassado, o sistema de dualismo educacional onde a aproximação entre o aluno "popular" da escola primária com o aluno de "elite" do Liceu ou da Universidade era impossível. E afirma:

"A Constituição diz que a escola primária é universal, universal no ideal de uma educação escolar para todos os cidadãos, sem privilégios de classe, de dinheiro, de herança, criando uma nova concepção de sociedade. E é isto o que queremos: a formação comum do homem. O conhecimento e o saber deixaram de ser atividades de alguns para se transformar na necessidade de todos, a escola nova moderna não pode ser a instituição segregada e especializada de preparo de intelectuais e "escolásticos". Os bispos querem, ao que parece, essa escola, uma escola medieval, com métodos medievais. Não é possível. Queremos construir a escola nova, onde não haja privilégios. Não podemos concordar com os métodos atuais de ensino no Brasil, copiados da Idade Média, onde o lente era o leitor e os alunos ouviam e aprendiam. Não queremos a escola brasileira, com seus períodos curtos de aulas, seus pobres livros esquemáticos. Entre nós o "professor" pode ser qualquer pessoa que saiba mais ou menos ler. Nessa escola brasileira tudo pode ser dispensado: prédio, instalações, biblioteca, professores. Mas uma coisa não pode ser dispensada: a lista completa de matérias. Qualquer daquelas matérias tem de existir no currículo. Uma só que retiremos porá abaixo todo o edifício da nossa cultura! Positivamente, ainda estamos vivendo com a velha noção do "conhecimento completo" da Idade Média, porque a verdade é que os currículos enciclopédicos decorrem, em grande parte, do medo dos professores de perderem aulas, que são o seu ganha-pão, com a simplificação dos currículos..."

ESCOLA E REVOLUÇÃO

Os bispos gaúchos disseram, no seu manifesto, que Anízio Teixeira quer fazer a revolução socialista no Brasil começando da escola. Por isso quer a "escola comum". Anízio responde:

"As escolas não foram criadas para renovar as sociedades, mas para perpetuá-las e, por isto mesmo, a sua relação com as estruturas sociais de classe teria de ser a mais estrita. Nenhum sistema de escolas jamais foi criado com o propósito de subverter a estratificação reinante. A realidade, porém, é que a idéia da "escola comum ou pública", nascida com a Revolução Francesa, importa exatamente em sobrepor-se ao conceito de classe e prover uma educação destinada a todos os indivíduos, sem a intenção ou o propósito de prepará-los para quaisquer das classes existentes. Isto foi o que eu disse no meu livro "Educação não é privilégio". Os ilustres bispos interpretaram justamente o contrário."

Encerrando sua entrevista à REVISTA DA SEMANA o professor Anízio Teixeira declara que não sabe todos os motivos reais da campanha que os bispos católicos vêm fazendo contra ele, "talvez seja devido à confusão reinante no País". Reafirma que não abandonará seu programa de educação nacional, que o manifesto dos bispos é uma volta ao passado e que não pretende retirar a idéia de Cristo das crianças brasileiras.

Anízio Teixeira, desde que os bispos gaúchos lançaram o seu manifesto condenando os métodos de ensino do INEP e da CAPES, tem recebido manifestações de solidariedade de todos os meios intelectuais (jornalistas, escritores, poetas, professores, educadores), dos meios políticos (Câmara e Senado), dos meios universitários e do cardeal-primaz do Brasil, dom Augusto, da Bahia, que lhe enviou uma carta de solidariedade. Anízio não quer publicar a carta, embora dom Augusto o tenha autorizado.

— Não é preciso. Não costumo utilizar o prestígio dos meus amigos para me defender. Dom Augusto é meu amigo, autorizou-me a revelar e publicar a carta de solidariedade que me enviou mas não vou publicá-la. Defendo-me das acusações dos bispos com fatos, com minhas idéias, com o meu programa de educação em bases nacionais. Acho que essa entrevista à REVISTA DA SEMANA é uma resposta suficiente aos bispos.

O ministro de Educação já afirmou que o Governo não pensa em substituir Anízio Teixeira da direção do INEP e da CAPES.

SUCESSÃO BAIANA

(Continuação da pág. 31)

a batalha, embora em favor de um homem que não o via com bons olhos: o sr. Simões Filho.

Balbino começou a cortejar Vargas muito de perto.

E, quando Vieira despertou, Balbino era ministro da Educação de Vargas.

Homem que raciocina de lápis à mão, Balbino era, em pouco tempo, candidato ao governo da Bahia. Era o candidato de Vargas, e contava com o apoio da UDN, do PTB e do PR, dominado por Manuel Novais. O normal seria o PSD marchar coeso, para um nome pessedista que já trazia, a seu favor, pronunciamentos tão valiosos. Vieira aliou-se a Simões, que o tinha, aliás, na pior conta. Manobrou à vontade com a miopia mental de Regis. E derrotou Balbino na convenção. Obteve, a seguir, de Novais, a falta ao compromisso firmado. Mesmo no PTB, foi aberta uma brecha com a dissidência de Landolfo Alves. E Pedro Calmon foi feito candidato, em oposição a Balbino, com o resultado conhecido.

Eleito Juscelino, Vieira quis fazer, do itinerário de Balbino, o seu itinerário. O governador vetou, porém, o seu nome para o ministério que devia caber à Bahia; coube-lhe, contudo, a liderança da Maioria, que lhe chegou aos ombros através de Alkmim, de quem se fizera confidente e aliado. Achou Vieira que isso seria o bastante para chegar ao governo da Bahia. Cometeu, entretanto, de saída, um erro que Balbino não havia cometido na sua viagem para o Aclamação. Balbino nunca se disse, ostensivamente, um anti-Regis; Vieira fez da sua bandeira o anti-Balbino. E o governador, com mais razão, pôs-se em campo contra ele que se punha frontalmente contra um governador pessedista. Foi fácil a Balbino, com este fundamento, obter solidariedade para a reação de mais de 80% do partido.

Vieira está assim encontrando dificuldades até para ser candidato, apesar do empenho demonstrado em início, por Juscelino, que chegou mesmo a chamar Jango e Novais, exigindo de ambos apoio à candidatura de Vieira; sabendo que os bispos baianos pensavam em lançar um manifesto contra a candidatura do seu líder, mandou chamar com urgência, o bispo de Caitité, na Bahia, de quem é compadre, e rogou-lhe nada fosse publicado. Três fatos, entretanto, liquidaram com a candidatura de Vieira e fizeram o próprio Juscelino abandoná-lo.

1.º — Vieira disse que estava tão certo da vitória de Oliveira Brito, na eleição da Mesa da Câmara, como na sua para o governo da Bahia; foi derrotado e perdeu a liderança;

2.º — Vieira dispôs-se a iniciar sua campanha na Bahia, numa quarta-feira santa, no que fracassou impressionantemente, e teria que fracassar levando-se em conta o espírito católico do povo baiano;

3.º — Vieira espalhou aos quatro ventos que iria derrotar Balbino na eleição da Mesa da Assembléia. Fazendo candidato seu um amigo de Balbino que não autorizou a manobra, e, mesmo jogando com cartas de Juscelino e Jango, foi derrotado por 35 a 25 votos.

A luta sucessória baiana está, assim, em termos da velha luta Balbino — Vieira. Balbino está senhor do PSD, de que é presidente e conta com 16 dos vinte deputados que compõem a bancada pessedista na Assembléia.

Nos quadros da política baiana, é a UDN, isoladamente, a agremiação mais forte, levando-se em conta sua unidade e a liderança absoluta que sobre ela exerce o senador Juracy Magalhães, pessoalmente o político de mais prestígio na Bahia. Diz Balbino que Juracy é o único político baiano que "ainda realiza o milagre de transferir votos". A tendência udenista é a de manter-se fiel ao esquema que elegeu Balbino.

Jango, como Novais, dispunha-se a apoiar Vieira; sentiram, porém, o medo de Juscelino de se meter numa emprei-

tada fracassada, e buscaram, juntos, arrastar Balbino e Juracy para uma candidatura do PTB. Novais admite mesmo a hipótese de ingressar com sua gente, no petebismo.

O Partido Libertador está ainda sem rumo; a tendência do seu presidente Luís Viana é marchar para uma composição com albino, com quem já conferenciou, demoradamente. Mangabeira prefere, porém, Vieira, enquanto Nestor Duarte revela maior simpatia por Hélio Machado, prefeito da capital.

O PSP e o PRP estão articulados com o sistema Balbino — Juracy. "A Tarde", entretanto, jornal que sempre pesou nas campanhas políticas baianas, já iniciou a propaganda da candidatura Mangabeira, vitorioso, aliás, num inquérito que promovera. A ausência de Simões Filho enfraquece-lhe, todavia, o ânimo.

O PDC tem, naturalmente, como seu candidato, o prefeito Hélio Machado, nome já recomendado pela direção nacional. Hélio está porém, fraquíssimo, mesmo na capital: o ritmo das suas obras tem caído vertiginosamente e com ele o seu prestígio popular. Está sem dinheiro até para pagar o funcionalismo. Enquanto isto, Balbino deixou para inaugurar muitas obras neste ano eleitoral.

Estão no sistema coordenado pelo governador Balbino, a UDN (23% do eleitorado baiano), o PSD balbinista (de 20 a 23%), o PSP (5%) e o PRP (3 a 4%). Mesmo não sendo pessedista o candidato, desde que um bom nome, este sistema de forças tem sua vitória assegurada.

Hélio Machado continua candidato, mas o seu partido conta apenas com 4% do eleitorado; espera, contudo, capitalizar os votos trabalhistas que o fizeram prefeito e mesmo de udenistas, caso Juracy não seja candidato. Confia na repetição, na Bahia, do fenômeno Jânio.

Vieira poderá contar com 7 ou 10% do eleitorado baiano filiado ao PSD (contrário a Balbino), com Jango (12%, sujeitos às reduções decorrentes das lutas de alas em que se divide o petebismo na Bahia) e com o PR (outros 12%, reduzidos agora com a expulsão de Hildebrando Góes — 25 mil votos — e Hermógenes Príncipe 10 mil).

Resumindo:

Sistema Balbino — Juracy	51 a 54%;
Sistema Jango — Novais	24%, para menos;
Vieira (dissidência pessedista)	7 a 10%;
Hélio Machado	4%, para mais;
Partido Libertador	8%;
Eleitorado independente	2%.

Caso Jango mantenha o compromisso que ainda não cancelou com o sistema de forças que elegeu Balbino, e chegue essa coalisão a acordo em torno de um bom nome, disporá de 63 a 66% do eleitorado, e Novais tenderá forçosamente para ela buscando salvar-se, apesar da alergia que Balbino tem por sua figura e por seus processos políticos.

Vieira não seria, assim, candidato e se colocaria a serviço da "A Tarde", ou de Hélio Machado.

Os udenistas baianos insistem ainda pela candidatura Juracy. Aliás, em meios mesmo não juracistas está tomando corpo o "slogan" de que "é a vez de Juracy". Este é o candidato não pessedista mais sensível ao balbinismo pela firmeza de atitudes, pela combatividade e pela lealdade posta em prova, mais uma vez, no pleito passado. O líder udenista receberia certamente sufrágios independentes e, para o seu nome, tenderia boa parte do eleitorado republicano (de início udenista) e trabalhista. A UDN nacional prefere, contudo, que Juracy aguarde a sucessão presidencial.

JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE



A ESTRÉIA

O'Neill sofreu muito para fazer esta peça. E sua viúva não respeitou suas últimas vontades.

"A Carlota,
no duodécimo aniversário do nosso casamento.

Caríssima.

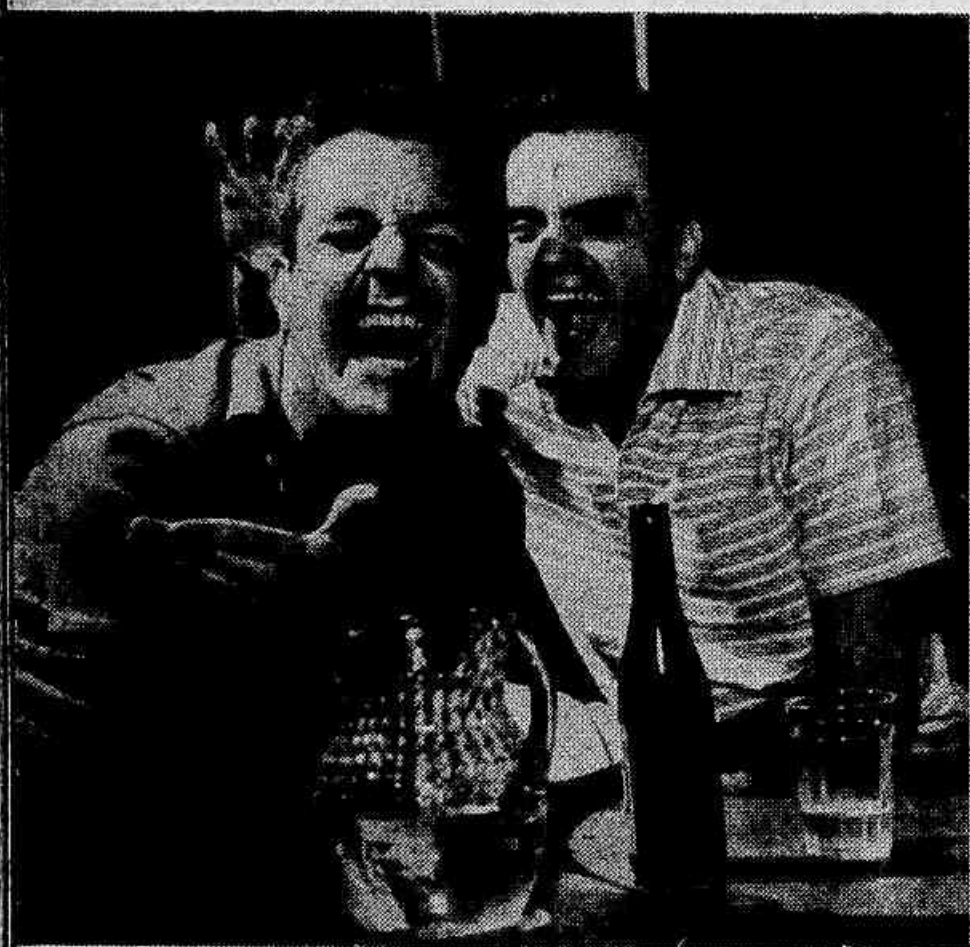
Mando-lhe o texto original desta minha peça da velha mágoa, escrita com lágrimas e sangue. Um triste e inadequado presente, pode parecer, para um dia que celebra felicidade. Mas você compreenderá. Receba-o como um tributo ao seu amor e carinho que me deram fé no amor e a coragem de enfrentar o meu passado e escrever esta peça, com profunda piedade, compreensão e desejo de perdoar a todos os quatro tormentados Tyrone.

Minha amada, êstes doze anos nos foram uma jornada para a luz, para o amor. Saiba quanto sou grato e quanto a amo.

Gene — Tao House, 22 de julho de 1941".



A família Tyrone é a família O'Neill. Walmor Chagas faz Edmund, que é o próprio Eugene.



GENE é como se assinava — para os íntimos — Eugene O'Neill. E esta dedicatória está na peça "Long day's journey into night".

O'Neill foi muitas vezes criticado duramente por seus patricios, criando um ambiente difícil para o escritor em sua própria terra. Por causa disso ele escreveu "Jornada de um longo dia para dentro da noite" com a recomendação expressa de que ela nunca fôsse encenada em palcos norte-americanos. Com isso, segundo pensava, "patentearia o sentimento que sofria".

Por ser a peça autobiográfica, acrescentou que somente deveria ser divulgada 25 anos depois da sua morte.

Carlota, sua viúva, não respeitou a vontade do morto, "para mostrar o quanto ele havia sofrido" e para que a peça

"fôsse uma lição para muita gente". Primeiro autorizou a publicação. Depois, autorizou a "première" mundial no Teatro Dramático Real de Estocolmo, em fevereiro de 1956. Três meses mais tarde a peça estava publicada nos EE.UU. e em 1957 servia para representar o país no Teatro das Nações, depois de ser grande sucesso em vários centros — inclusive na Broadway.

Os direitos (americanos e canadenses) da peça foram transferidos por Carlota O'Neill para a Universidade de Yale, com a condição de que a renda revertesse para a manutenção da importante coleção das obras de seu marido na Universidade e para o Teatro Dramático Real de Estocolmo, a quem O'Neill era grato "pelo carinho e respeito que sempre lhe dedicaram".

"Jornada de um longo dia para dentro da noite" é uma dessas obras que significam muito — segundo os críticos. Escritor com uma grande bagagem, O'Neill conheceu sucessos e fracassos, mas seu nome era sempre citado entre os melhores dramaturgos contemporâneos. Em 1941 ele acabou de escrever essa peça, que trazia escondida de todos, porque "foi escrita pela necessidade de libertar-se das profundas e dolorosas cicatrizes que marcaram sua vida enquanto ao lado dos pais e do irmão". Para tanto — dizem ainda os críticos da sua obra — não hesitou em transportá-los (e a si também) à cena, sem máscaras nem meias verdades.

O Teatro Cacilda Becker montou a "Jornada" e vai estreá-la dia 8, no Rio. Distribuição dos papéis:

O velho James Tyrone	Ziembinski
A mãe Mary Carvan Tyrone	Cacilda
Jamie, o irmão mais velho	Freddy Kleeman
Edmund (Eugene O'Neill)	Walmor Chagas
Catleen, a criada	Kleber Macedo



A FNM pode fechar ou ser vendida



A FABRICA NACIONAL DE MOTORES pode fechar as portas a qualquer momento ou passar a grupos privados, cuja pressão atualmente é grande e se faz através de tentadoras propostas de compra.

O Governo já tem ciência de que, por falta de pagamento em dia (compromissos cambiais) do contrato com a Alfa Romeo (sob controle do Governo italiano) o fornecimento de motores poderá ser suspenso de um momento para outro, acarretando a paralisação completa da produção. Sabe mais que, por má administração e pela ausência de um critério único em relação à empresa, sua situação financeira é precaríssima. O Banco do Brasil já esgotou todos os limites de adiantamento e os bancos particulares que tradicionalmente vinham fornecendo os meios financeiros para o funcionamento da fábrica estão retraídos, temerosos de um estouro.

Ao lado desses fatos, um outro — igualmente grave — não passa despercebido: o interesse de grupos estrangeiros, alguns já estabelecidos no Brasil (indústria automobilística), em adquirir o acervo da Fábrica. De todas as propostas para compra da FNM uma das mais recentes e, sem dúvida, a que foi feita em termos mais veementes, é da Mercedes Benz, através do sr. Julikowicz.

A proposta de Julikowicz, guardada em sigilo pelas autoridades, foi tida em vários setores como excepcionalmente sedutora. Julikowicz é um nome muito conhecido nos meios comerciais do Brasil e da Europa. É ele quem controla a Mercedes Benz brasileira. Ainda recentemente, antes de partir para a Europa, desfez-se de cerca de 25% das ações que possuía na empresa (de um total de 75%) em favor da Mercedes de Stuttgart, por seis e meio milhões de dólares (500 milhões de cruzeiros). Julikowicz é, entretanto, um homem de negócios de tino comercial louvado nos centros mais adiantados da Europa. Ao se desfazer do controle total da Mercedes brasileira não deixou de continuar a dispor do seu controle de fato. Da seguinte forma: os motores dos caminhões (a diesel) são fundidos no Brasil, mediante acordo com a SOFUNGE (grupo Eduardo Simonsen — Oto Barcelos). Conseguiu anular esse contrato e, articulado com um grupo paulista de menor expressão, adquiriu e está montando uma oficina de fundição de motores que passará a realizar a tarefa que, no momento, continua a ser realizada pela SOFUNGE.

Julikowicz é homem afoito e acostumado aos grandes empreendimentos. Quer muito mais do Brasil — onde pensa fixar-se de futuro. Deseja adquirir a Fábrica Nacional de Motores, assumindo os riscos do contrato do Governo com a Alfa Romeo e todas as demais obrigações da empresa. Comenta-se que sua proposta não foi inferior a 20 milhões de dólares.

Nenhum fato diz mais da oportunidade dessa proposta do que a situação de acefalia em que se encontra a FNM, desde que o Governo aceitou a demissão do engenheiro Leão de Moura e, a seguir, por motivos óbvios, a do brigadeiro Amarante. Entregue à voracidade e à incompetência do

que ali se convencionou chamar de "grupo mineiro", à frente o sr. Joubert Guerra (diretor comercial), que é quem põe e dispõe, apesar da presença, alguns dias na semana, do sr. Mário Pires (médico fisiologista) e presidente "doublé" da Superintendência das Empresas Incorporadas.

Diante da pressão financeira, por um lado, e política, por outro, a FNM foi obrigada a firmar contrato com representantes em diversos Estados, mediante uma garantia (elevada) em dinheiro que lhe permitisse, temporariamente, uma situação de desfogo. A estes contratos se opôs, nos bastidores, um dos grupos que dispunham da distribuição dos caminhões FNM — a Intimex (o outro é a Voraz S.A.), desejoso também de assumir o controle da própria Fábrica.

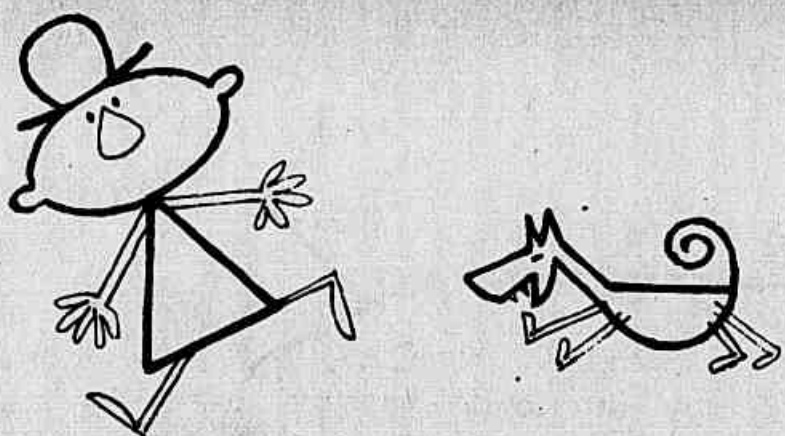
Entre os grupos contemplados em vários Estados citam-se representantes no Rio Grande do Sul e Bahia, através das influências dos deputados Hermes Pereira de Souza e Vieira de Melo, respectivamente (a escolha da Bahia, de caráter político, determinou a saída do general Amarante). O major-deputado Molinaro (remanescente do MMC) anunciou a apresentação de um requerimento instituindo uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as irregularidades e a verdadeira situação da FNM, mas, até agora, não o apresentou (chegou a recolher as assinaturas necessárias).

Enquanto isso alguma coisa parece indicar uma pressão do grupo italiano (Alfa Romeo) para a fabricação de automóveis de passeio, com o apoio do ministro Lúcio Meira. Caso não consiga esta pretensão, a Alfa Romeo, em atraso de pagamentos, ameaça suspender a remessa de motores, levando a FNM à paralisação.

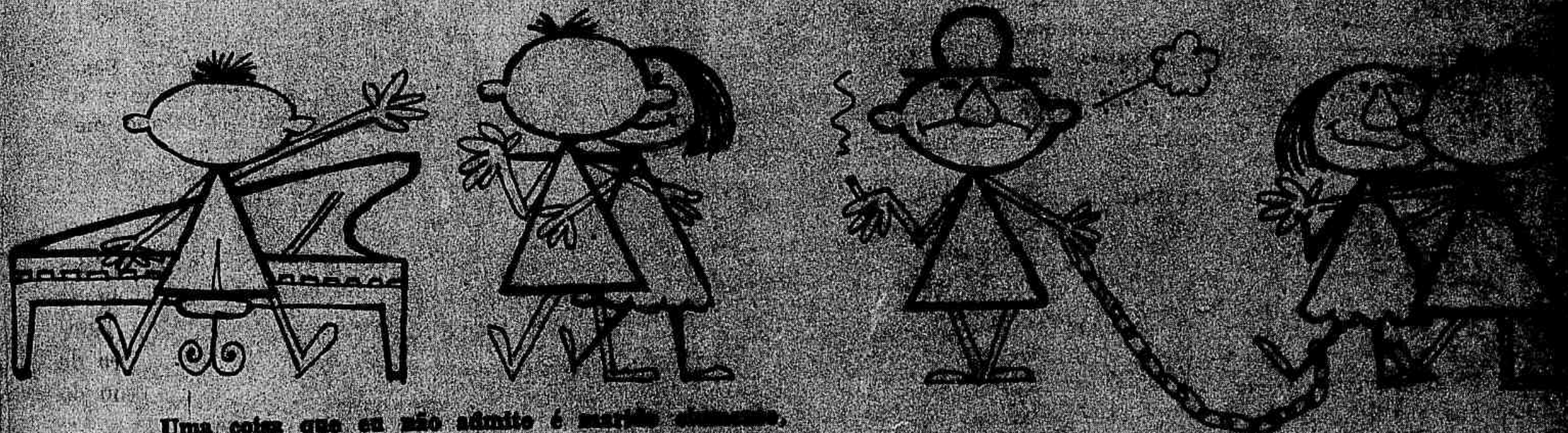
De qualquer forma, impossibilitada a FNM de prosseguir em seu programa de expansão, dadas as aperturas de dinheiro (cruzeiro e dólar) corre perigo. O BNDE, onde pontifica o grupo Lucas Lopes, se manifestara contrário ao programa de fabricação de tratores leves.

A elevação do custo do dólar, com o advento da indústria automobilística nacional, criou para a FNM novas dificuldades. O engenheiro Leão Moura foi obrigado a deixar a sua direção por não concordar com a manutenção do preço do caminhão FNM, como desejava o sr. Juscelino. Queria Leão de Moura que a Fábrica continuasse funcionando em regime econômico de empresa privada porque sabia dos apetites que sobre ela se concentravam com a ajuda de setores influentes, encastelados no Governo. Da saída de Leão Moura até aqui, ainda não foram decorridos seis meses, e a nova direção da Fábrica já fez ciente aos distribuidores que o preço do caminhão FNM vai passar da casa do milhão de cruzeiros. E — o que é inteiramente surpreendente — com a aprovação do sr. Juscelino Kubitschek.

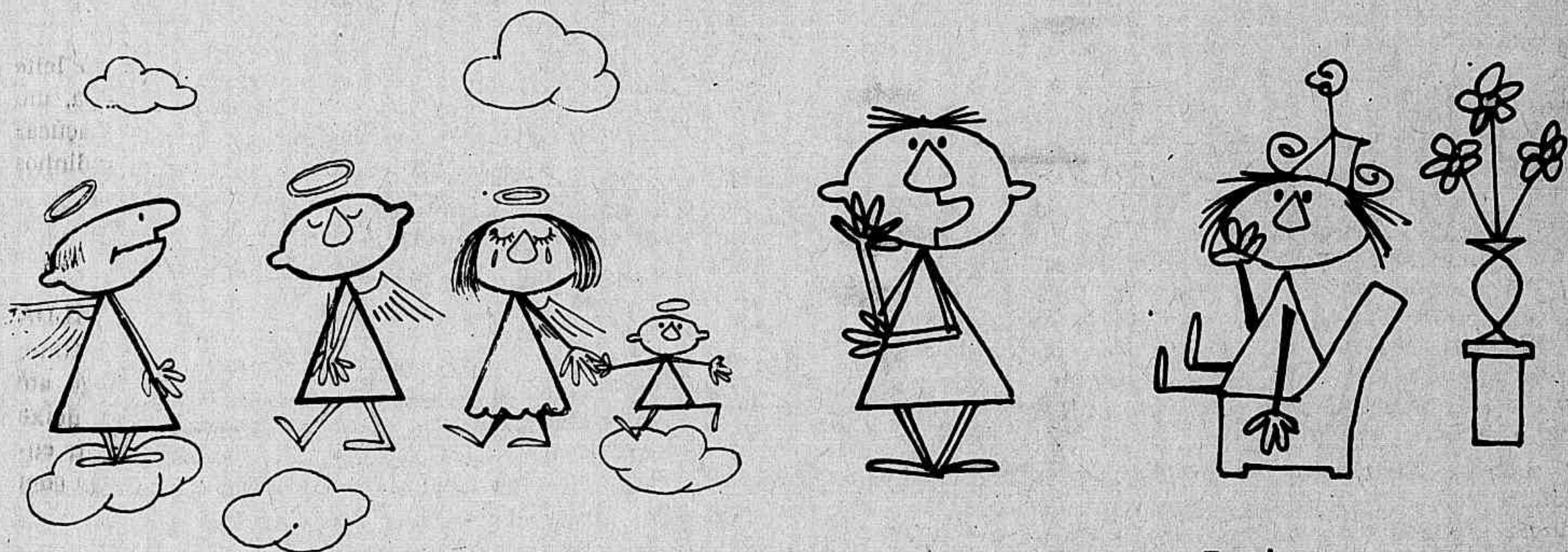
Estes são apenas alguns fatos. Muita coisa, certamente, de maior gravidade ainda, envolve a Fábrica Nacional de Motores. O requerimento do major-deputado Molinaro destina-se a esclarecer o misterioso véu que encobre as irregularidades da FNM. E por que ele não saiu ainda, é o que resta apurar.



AMBROZIO

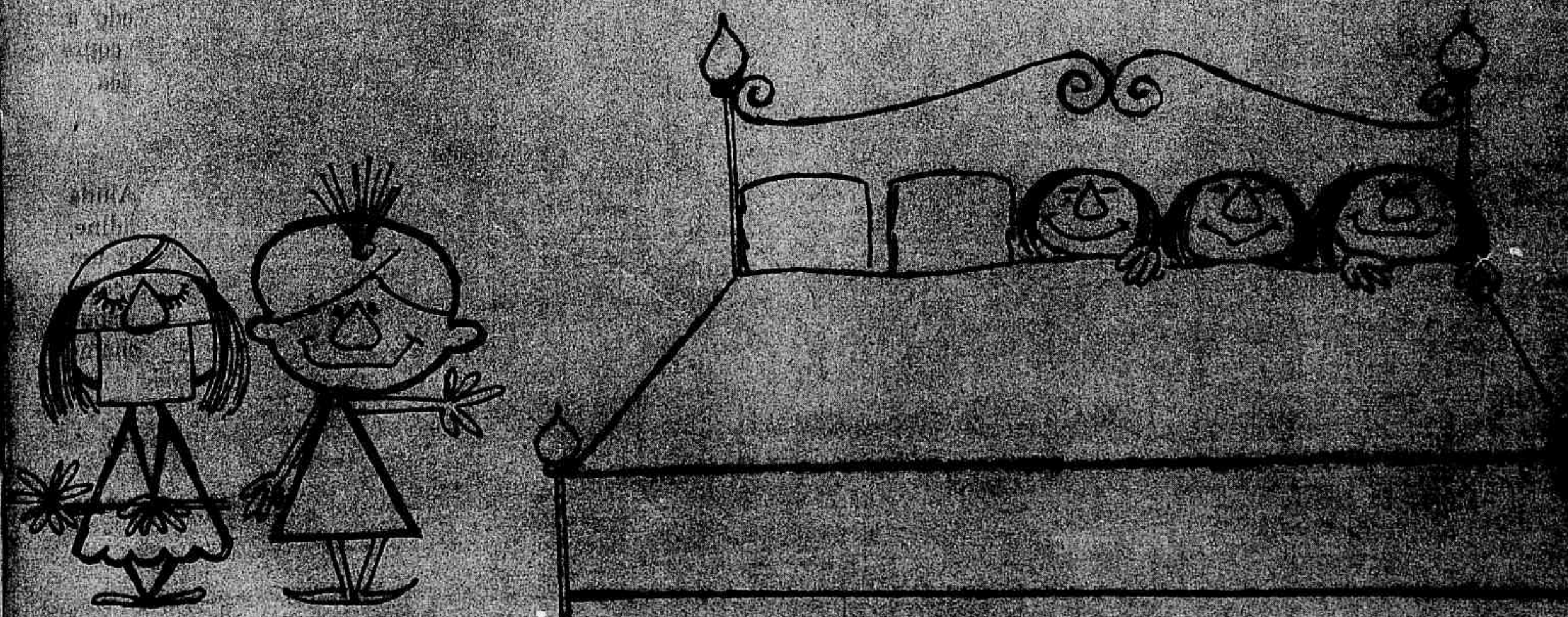


Uma coisa que eu não admito é marido infeliz.



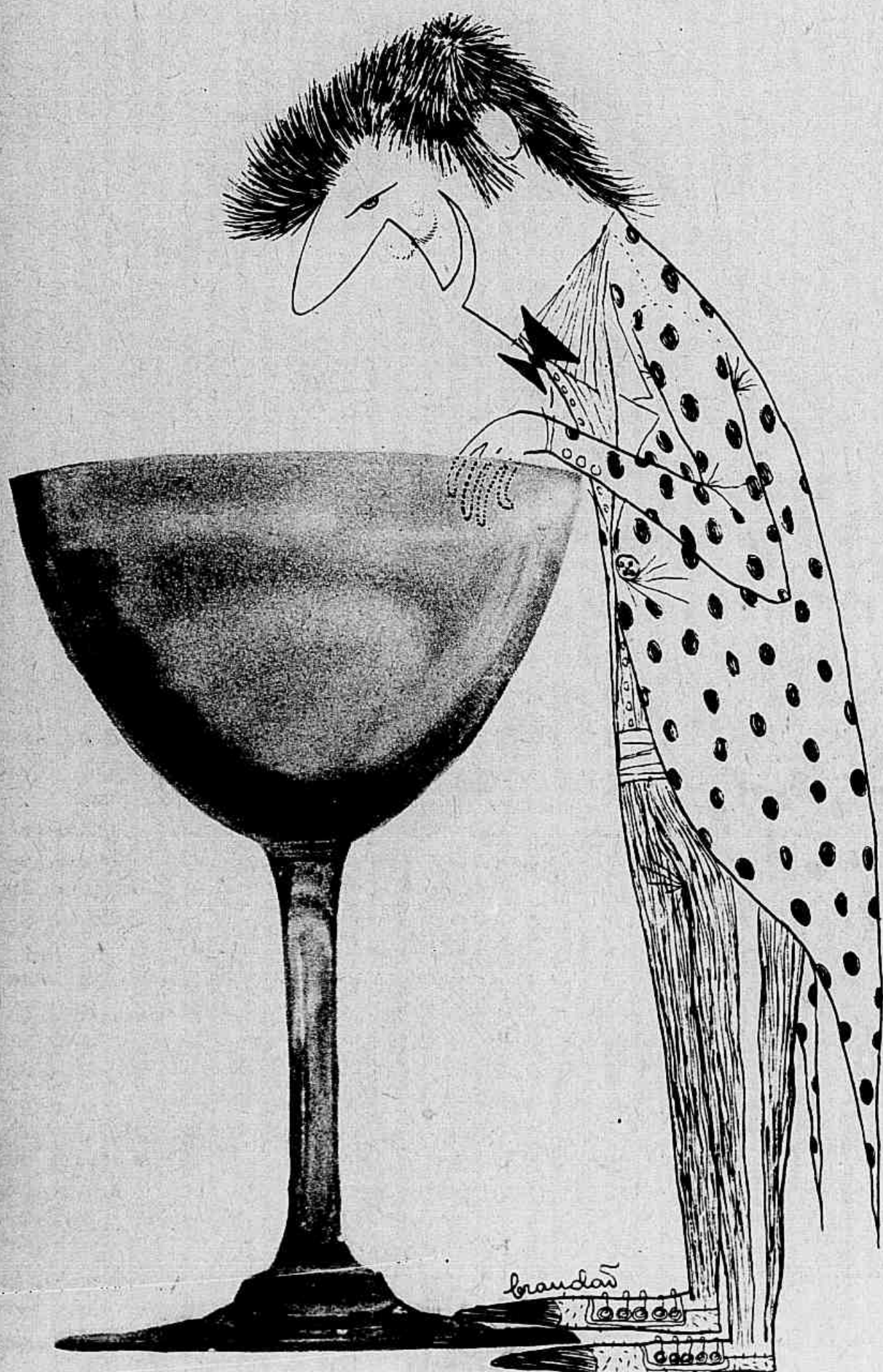
Mas por que é que você fica tão cansada sempre que vai à casa da titia ?

Fora !



... e eu juro que lhe serei eternamente fiel.

GIN À LOLLOBRIGIDA



Paris, abril.

LUÍS.

Gina Lollobrigida passou por aqui. Como a moça não gosta de bebidas fortes preparei para ela um refrêscos, à base de gin. Ela disse depois, ao conhecer a receita: "Mas isso é formidável; eu sempre detestei o gin".

Lembre-se, meu caro: ninguém pode dizer que é um perito em matéria de bebidas se não sabe preparar muito bem uns seis ou oito refrêscos. Evidentemente não estamos falando de refrêscos simples, caldo de fruta mais água mais açúcar. Estamos falando de refrêscos.

GIN A LOLLOBRIGIDA — Suco de três cajus; duas colheres de açúcar; um cálice de gin; sifão. Servir em taças de champagne sobre gelo. É importante não guardar sobras, porque o refrêscos escurece e fica com mau aspecto. Enfeite com duas uvas.

ABACAXI NO PÓRTO — Rale um abacaxi; molhe com um litro e meio de água; ponha num pano e esprema. Tempere com açúcar à vontade. Na hora de servir acrescente um cálice de vinho do Pôrto e pedacinhos de abacaxi.

COCO AU KUMMEL — Junte o leite de um côco verde a um copo-d'água, um cálice de kummel, gelo picado e açúcar à vontade. Bata e sirva com canudinhos de palha.

REFRÊSCOS DE VINHO EM CALDA — Duas garrafas de um bom vinho tinto; meio quilo de açúcar. Leve ao fogo até reduzir à metade. Retire do fogo, deixe esfriar e guarde. Na hora de servir, encha copos até a metade, completando com água (mineral) gelada.

CHAMPAGNE PICK-ME-UP — No shaker: um cálice de conhaque, um de vermute francês e uma colher de xarope de goma. Sacolejar. Servir um dedo a cada um, em taças de champagne, completando a taça com champagne seca.

LE GRAND PICK-ME-UP — Ainda no shaker: três colheres de granadine, três cálices de conhaque e o caldo de um limão. Sacolejar bem. Num jarro, complete com champagne ou vinho espumante gelado. Sirva em taças de champagne.

Um abraço, do seu irmão em Baco

Jean Pierre Narcejac



Saravás na casa escura

**FORBES
GERALDO**

I — OS CRIMES

O primeiro crime não chamou muito a atenção. Coisa rotineira. Dias depois dois moleques brincando no outro lado da cidade encontram um corpo, ou melhor, parte de um corpo. Vem a polícia, examina e vê que o achado está mutilado da mesma forma que o de alguns dias antes, para ser preciso, treze dias antes. É só um tronco humano, sem pernas, braços ou cabeça. O primeiro tronco era de homem, este é de mulher.

É essa a única diferença. Em ambos não há vestígio de violência sexual, nem vestígios da causa-mortis, nem impressões digitais.

Só se sabe que morreram pelas onze horas da noite. Estão nus, mas as roupas estão perto. Latrocínio não era, pois os bolsos das roupas têm dinheiro. Vingança? Talvez, quem sabe?

A polícia se apavora com medo da imprensa. Mas que culpa tem ela? Não há nenhum indício, nenhuma pista.

No dia seguinte, os jornais berram estridentemente que a polícia é inepta, os esquerdistas anunciam que os crimes são obras do capitalismo, os sensacionalistas inventam hipóteses absurdas...

Nas delegacias, superiores berram com inferiores, inferiores berram com bi-inferiores e assim por diante, numa escala descendente de berros, gerada pela ânsia de desafogar o ódio.

Minha gente, berrar não adianta, trabalhem, pensem. De nada valeram as advertências. Os berros continuaram até encontrarem o terceiro tronco num subúrbio.

É igualzinho aos dois primeiros nos detalhes policiais. Este tronco é de homem e foi achado sete dias depois do segundo.

Após a interrupção causada pelo estupor, voltam os gritos e berros chegando um jornal a declarar: "Um é pouco, dois é bom, três é de mais!"

Há pânico entre a população. O assassino não escolhe vítimas.

Apelidam-no de o "Mutilador" em honra ao "Estripador" estrangeiro. Há muitos comentários, mas providências que é bom, nada.

Treze dias depois do terceiro crime, descobre-se o tronco de uma mulher morta pelas onze horas da noite, e, sete dias depois desse crime encontra-se o tronco de um homem que também morreu durante a noite.

A polícia agora tem uma pista. Sim, nota-se que os crimes são cometidos com um intervalo certo de dias correspondendo ao sexo das vítimas: treze dias — mulher; sete dias — homem.

A esse indício a polícia chama de pista da dízima periódica.

A cidade aguarda então para o décimo terceiro dia depois do quinto crime, a morte de uma mulher, e passa a viver ansiosamente no intervalo.

Chega o décimo terceiro dia mas surpreendentemente não é achado nenhum tronco humano. A polícia de tão desmoralizada que está manda que se procure bem, pois tem que haver um cadáver.

Mas não se encontra nada no dia marcado. No décimo quarto dia continua a busca. Será que houve um adiamento do crime?

Como o dia passa devagar! E além de passar devagar, não traz nenhum resultado.

Só no décimo quinto dia encontram o tronco de uma mulher. É examinada e verifica-se que foi morta há dois dias!

Continua valendo a pista da dízima periódica. Espera-se agora a morte de um homem. Há pânico entre os varões.

II — SHERLOCK E SEU INIMIGO

Havia entre os investigadores que acompanharam todas as diligências, um aspirante todo especial.

Franzino, de rosto redondo com bigodes, moreno, falante, vacinado, solteiro com vinte e oito anos de idade e fumando cigarro barato, eis o aspirante a detetive Osvaldo Gomes.

Seu maior sonho é ser promovido, ser detetive de primeira classe.

Acompanhou atentamente a todas as investigações e é a única pessoa que percebeu um detalhe importantíssimo. Examinando bem os lugares dos homicídios, notou um ponto de semelhança entre todos eles.

Havia pegadas muito apagadas de pés descalços, mas em que dava para perceber um certo acalque do pé direito.

Presumiu tratar-se de marcas deixadas por um manco, mas não revelou nada a ninguém com medo de caçadas e do ridículo.

Sonha agora, em descobrir o assassino antes do próximo crime. Quando volta entretanto à realidade, caça de si mesmo por sonhar bobagens.

Falta três dias para morrer um varão.

Pedro dos Santos ou Pedro manco é um prêto forte, mas quarentão, com diploma da Ilha Grande, muita preguiça e pouca vergonha. Vive de esmolas dadas por causa da perna direita mais curta.

Há cerca de três anos aprendeu a ler e entrou para Umbanda.

Uma vez alguém lhe disse que nos ritos africanos ascendentes da macumba, havia mortes e mutilações humanas, chegando-se a cremar partes do corpo humano.

Então Pedro manco, não sei por que cargas d'água, resolveu ser uma espécie de sacerdote brasileiro da macumba. Levou algum tempo inventando um ritual e depois começou a matar por ordem de Ogum.

Não há dúvida que Pedro, além de manco, agora está louco.

Faz tudo calculadamente. Os membros das vítimas de certos dias são queimados em dias certos. Os restos são enterrados.

Chega o dia em que um homem deve morrer. Há pânico entre os varões.

III — DESENLACE

Pachorrentamente levanta-se o sol no horizonte. Surge indecisa a manhã. Passa-se toda ela vagarosa e enervantemente.

Pela tarde há queixa no distrito em que Osvaldo Gomes está lotado, contra o mau cheiro de umas macumbas no morro. Pergunta-se o nome do causador, para registro, e anotam: Pedro de tal (vulgo: Pedro manco). Não se dá maior importância ao caso. Briguinha comum de morro.

Só um cérebro privilegiado como o

do nosso detetive, estabeleceria uma relação.

E Osvaldo, que é tão falante, agora não diz nada. Só ele sabe de certas coisas e não vai contá-las para depois ter que dividir a glória.

Passa o resto da tarde pensando no que há de fazer. O sol pachorrentemente como se levantou, deita-se agora. Osvaldo está pensando enquanto chega a noite em que um varão há de morrer.

Há pânico na grei.

Finalmente, decide-se. Sem falar nada a ninguém, pelas oito horas da noite, põe um revólver no bolso e sai em direção ao morro.

A caminho, Osvaldo Gomes, que é franzino, de rosto moreno com bigodes, falante, vacinado e solteiro com vinte e oito anos de idade, vai fumando um cigarro barato e pensando no seu grande golpe dramático. Prender o criminoso quando ele vai sair para o crime! Que estupendo!

As nove horas da noite o detetive chega ao barraco de Pedro, o manco que também é louco. Bate palmas.

Pedro vem atender desconfiado e pergunta o que é. Sem responder Osvaldo entra no barraco.

O quarto em que ele está é muito escuro e é preciso acomodar a vista. Depois de alguns minutos de silêncio, identifica-se e vai direto ao assunto: "Por que você matou tanta gente?" — pergunta ele ao negro.

Na escuridão do ambiente não dá para se perceber a fisionomia de Pedro. Entretanto, ao receber a pergunta ele portou-se como se tivesse levado um choque.

Estremeceu e depois, ficou estático, atônito.

Quando voltou a si foi para dizer que não sabia do que o detetive estava falando.

Osvaldo, porém, está certo do seu raciocínio e espreme o criminoso com perguntas. Ele nega. Redobram as perguntas.

Passa-se uma hora sem resultado nenhum. Enfim, subjugado, e sem espírito para mentir Pedro confessa.

Sim, foi ele quem matou as mulheres e homens mutilados. Foi ele, mas a mando de Ogum. Estava apenas cumprindo ordens. Depois cala-se sem emoção nenhuma.

Osvaldo exulta. Já se vê promovido e sendo recebido pelo presidente da República. Sim, foi ele quem raciocinou, ele que fez tudo, ele que pensou e investigou tudo.

Pobre detetive! Julga que pensou em tudo.

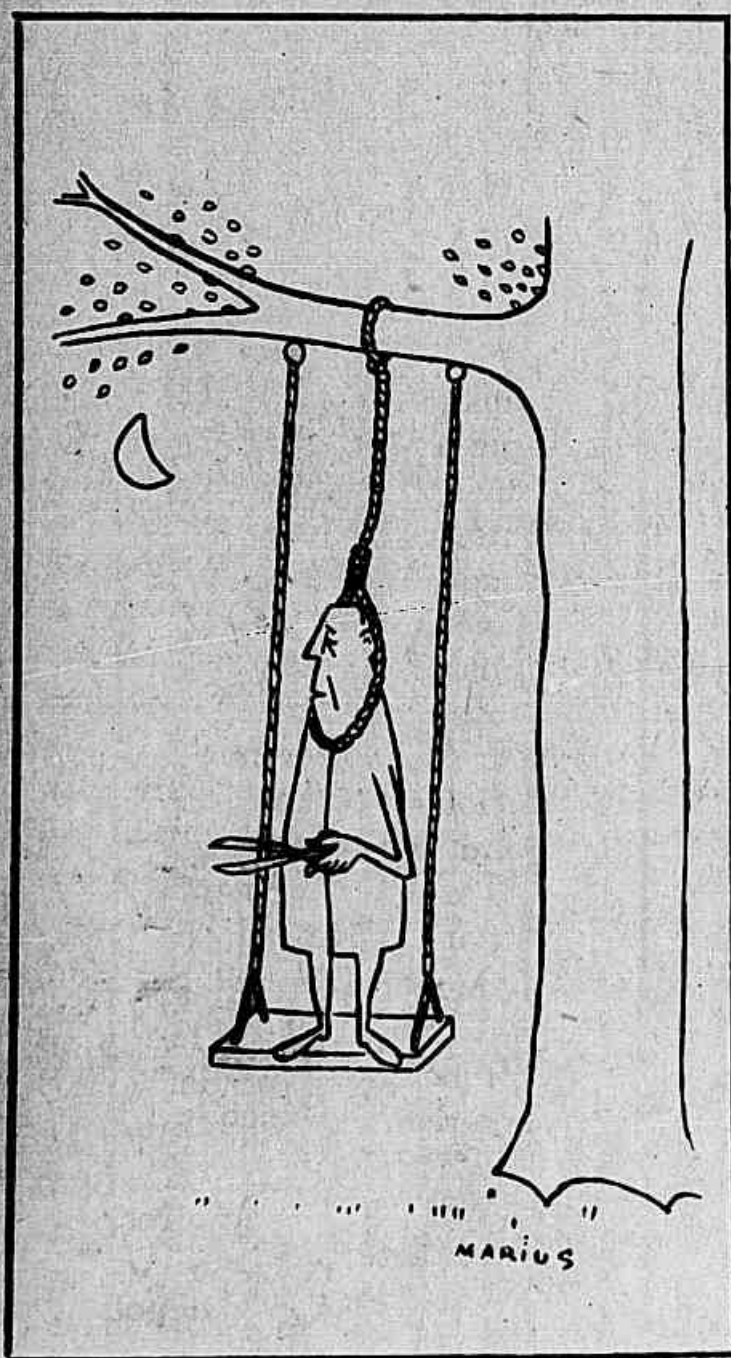
Não, não pensou em tudo.

Levemente, Pedro, o manco, que também é louco, levantou-se.

Aproximou-se na penumbra e subitamente estrangulou um ex-futuro detetive de primeira classe que era vacinado e solteiro.

Um grito de agonia cortado pela morte, coroa a tragédia. Um cigarro barato fuma no chão. Há pânico na cidade.

Pelo resto da noite houve saravás na casa escura.



MARIUS



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

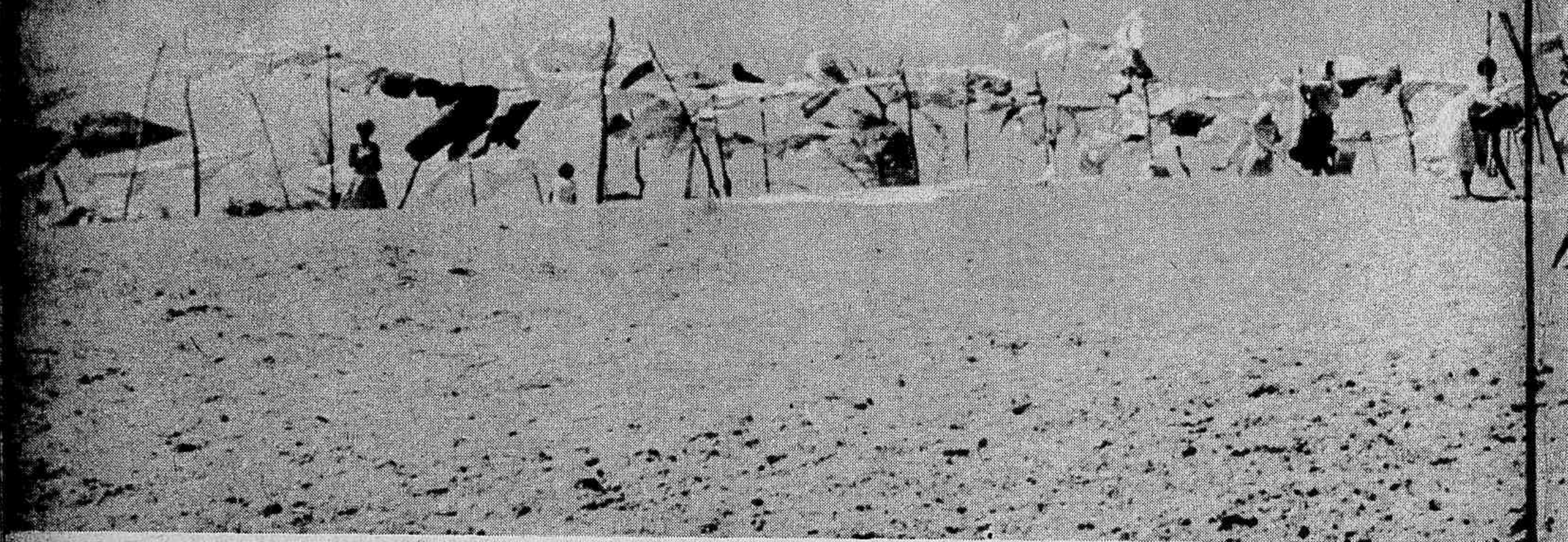
Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias



E lá vai a lavadeira, lá vai, com sua trouxinha para lavar.





As lavadeiras das Quintas começam a lavar roupa às 3 da manhã. Então brigam por causa de várias coisas, até amor.

ESPECIAL

AS LAVADEIRAS DO RIACHO QUINTAS



Aí AS MOÇAS começaram a discutir, e discutiram, discutiram até que uma delas, a mais fraquinha, ganhou a briga dizendo: "Ou você pára de gritar ou vai ter porque eu já estou ficando com a ciligrina".

Ciligrina quer dizer com o diabo no corpo e as moças são lavadeiras das Quintas, Natal, Rio Grande do Norte. Brigam sempre por causa de vários motivos, principalmente por uma pedra.

Quando o repórter perguntou à moça que perdeu a briga se ela era do Rio Grande do Norte mesmo ela respondeu que não, era da Paraíba isto sim.

— Sou de corpo forte e paraibana, moço, mas a questão é que os nervos são fracos.



Filha de lavadeira lavadeira é.

DEIXAM LÁGRIMAS NO RIACHO

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, que é conhecido como o homem que mais conhece o Rio Grande do Norte contou assim como nasceu o riacho chamado Quintas, em Natal:

"Se você pensa que tem alguma história especial pode ficar logo decepcionado. Tudo é muito simples: tinha uma pessoa que vendia aquela água às lavadeiras. A água não era sua, não lhe pertencia. Um dia o governador soube, mandou abrir um pequeno canal e proibiu que se cobrasse alguma coisa pela água. E as lavadeiras foram aumentando de número, foram aumentando e agora se pode ver aquele espetáculo".

Quem chega nas Quintas acha logo que tudo parece com filme italiano de De Sica e Lolô. As lavadeiras começam a lavar roupa de madrugada e terminam quando não há mais sol. Muitas delas dormem ali mesmo, em rédes amarradas nos "pé de pau".

A primeira briga do dia começa às três e meia da manhã, quando elas disputam as pedras para lavar roupa. Depois brigam por outras coisas mais, uma delas, muito bonita e considerada Miss Lavadeira das Quintas, perdeu o namorado para a vizinha e então houve discussão e briga de puxar cabelos e etc.

Dizem nas Quintas que filha de lavadeira, lavadeira é. Por causa disso as meninas ficam perto do riacho vendo a mãe lavar roupa e aprendendo. Quando crescem são consideradas lavadeiras.

E tem os dramas também: além das questões amorosas, a lavadeira velhinha que tem o filho doente em casa, a outra que tem um filho estudante e se esconde da gente que passa porque não quer que ninguém saiba que seu filho é filho de lavadeira.

E tem mais uma moreninha chamada Adenilza Ferreira, que lava roupa de short. Adenilza disse ao repórter que tem estudos, já frequentou colégios de Natal, mas um dia faltou dinheiro em casa e o jeito foi ser lavadeira das Quintas.

Bem, ainda tem uma pretinha muito simpática. Disse ao repórter que um dia estava lavando roupa completamente nua e então apareceu um fotógrafo e uma sua coleguinha disse: "Sebastiana, óia o home tirando tua chapa nua". Ela disse que continuou nua porque seu nome não é Bastiana, é Mariana. Depois disseram a ela que a foto ia ser publicada numa revista do sul. "Eles tiraram a foto eu tava de costas, mas se eu olhar a foto eu reconheço minhas costas".

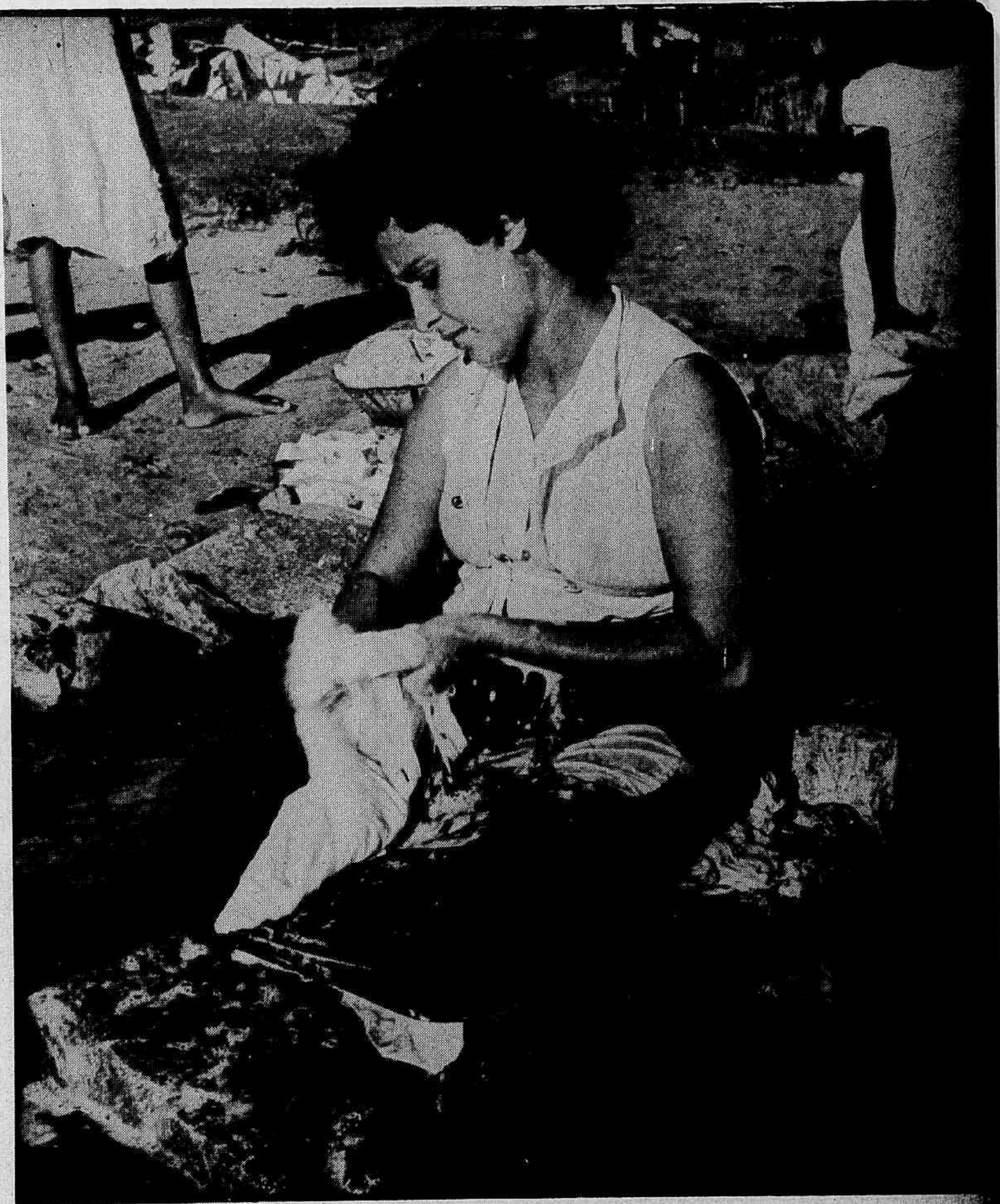
Sobre casamento as lavadeiras das Quintas têm opinião firmada:

"Aqui tem home pra burro, mas é negócio que não dá futuro. Pra que casá? Sômente pra dizer que tem marido e ter de sustentar êle? Olhe, seu moço, esta aqui é minha fia, mas com êsses cabra da peste ela não casa não, viu?"



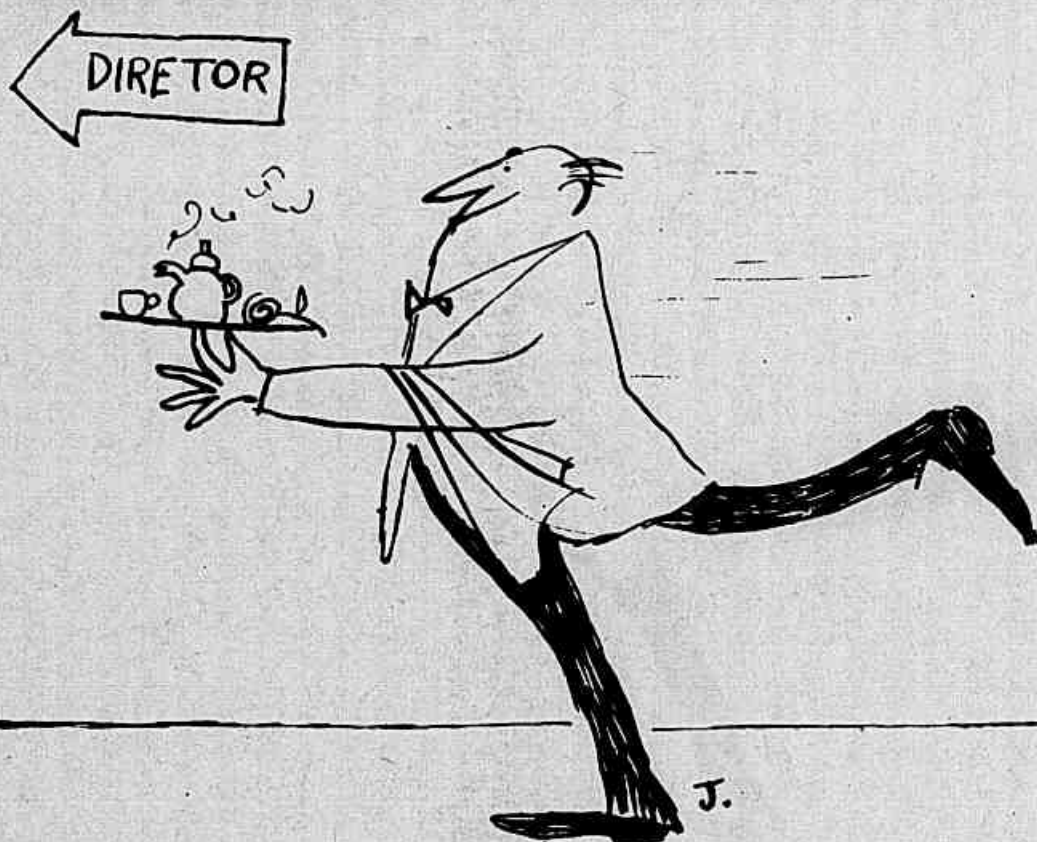
Elas antigamente compravam a água do riacho.





Só não é Miss Lavadeira porque não fizeram concurso ainda.





O PROFESSOR HERMES Lima era colecionador de bajulações publicadas nos jornais e considerava a "peça" mais completa de sua coleção a notícia de um jornal de Minas em que era descrita uma caçada de que participava o governador Melo Viana:

"O viado se atirou pressuroso à pontaria do governador Melo Viana que, além de grande democrata, é exímio caçador".

UMA FOTOGRAFIA publicada num dos últimos números da RS em que aparece por trás do prefeito Negrão de Lima o locutor Mário Garófalo fez-me lembrar um golpe publicitário desse "speaker". Foi na posse do presidente Getúlio Vargas. Terminados os discursos e a cerimônia, o locutor se aproximou de Vargas e gritou para uma cadeia de emissoras: "Presidente, as Casas X resolveram fazer uma remarcação geral no seu estoque em homenagem à sua posse! O que V. Exa. tem a dizer sobre isto?"

O presidente, em pânico, não conseguiu responder logo. Garófalo repetiu a pergunta, acrescentando "o Brasil inteiro aguarda a sua palavra". O presidente disse: "Acho uma ótima idéia". E retirou-se, enquanto o locutor gritava repetidas vezes a frase do presidente sobre a remarcação da Casa X.

O SR. HENRIQUE DODSWORTH sustenta a tese de que o café é um dos melhores índices de prestígio dos chefes. Não se trata do café como produto de exportação e produtor de dólares mas o simples cafézinho de todas as horas. Se um chefe pede café e esse vem rapidamente e fresco isso significa prestígio do chefe. Quando em contrário, é desprestígio. A explicação de Dodsworth para esta reação é a seguinte: os contínuos dos gabinetes sabem melhor a situação política dos seus chefes do que eles, porque ouvem conversas nas salas de espera.

O NETO DE JOAQUIM Nabuco, Joaquim Aurélio Nabuco, era conhecido no

Exército por cabo Aurélio para se diferenciar de um sargento de cor de nome Joaquim Nabuco. O cabo Aurélio achou tudo perfeito porque também é sobrinho de Afonso Arinos, autor da lei contra o preconceito racial.

O PROFESSOR DEOLINDO Couto, que inaugurou os cursos da Universidade do Brasil sobre pesquisa científica, tem em seu gabinete no Instituto de Neurologia uma prova de um aluno do 5.º ano, de nome Olavo dos Guimarães Bilac. A prova do poeta é sobre Sistema Nervoso Neurovegetativo, isto é, Vago Simpático. Bilac na prova pede (com muito jeito) benevolência ao professor.

MIGUEL COUTO destacou-se muito na Medicina. Ele trabalhava na clínica que até hoje tem o seu nome até altas horas da noite e comia de marmita no consultório. Não queria abandonar os clientes. Trabalhava muito mas o que lhe dava mais dinheiro eram as suas salinas, onde um português era seu empregado.

Certa vez, Miguel Couto atendeu Machado de Assis e quando o escritor lhe pediu a conta ele disse numa carta muito gentil: "Quanto à importância das minhas visitas leve-as em conta do débito que todos os brasileiros têm para com o seu talento".

A um estudante de medicina que foi procurá-lo pedindo para ser curado de um vitiligo, Couto sorriu, levantou a manga do avental e lhe mostrou uma mancha esbranquiçada no braço: era vitiligo.

Do filho de Miguel Couto e atual governador do Estado do Rio conta-se que quando começou a perder os cabelos foi consultar um dermatologista francês e lhe disse: "Gostaria de conservar os meus cabelos". O francês respondeu secamente: "Se o sr. quer conservar os cabelos tem de comprar uma caixinha de papelão e guardar nela todos os que caírem".

CÂMERA
LENTA

JOSE DA SILVA



DEPOIS DE TRES NOMES. ANGELA MARIA QUER VOLTAR A SER O QUE ERA

ABELIM DAS COUVES, A CANTORA

ÂNGELA Maria, a cantora de rádio que de 15 em 15 minutos já pode comprar 11 mil cruzeiros de perfumes franceses, disse a um amigo, durante um almoço (segunda-feira, 11-4-58, em São Paulo, no Othon Hotel), que vai casar em julho com um industrial egípcio chamado Rodolfo. E que vai morar no Cairo.

Enquanto muitos dizem que "êsse é mais um romance de Ângela" outros garantem que "desta vez ela casa mesmo por que está escondendo o noivo da imprensa e dos fãs, chegando até a ficar muito importante".

Ângela ganhava Cr\$ 2,50 por hora quando trabalhava como operária, aos 16 anos, numa fábrica de lâmpadas num subúrbio carioca, mas hoje, só em programas de televisão e rádio entre Rio e São Paulo, faz Cr\$ 150 mil de ordenado.

Ela também faz "shows" por todo o Brasil, trabalha em cinema e grava discos com sucesso, razão por que deve dois milhões e duzentos mil cruzeiros ao Imposto de Renda em 1957, mas já disse que "não vou pagar tudo isto".

Mas entre preferir ser Ângela Maria ou a sra. Sara Kubitschek, ela responde: "Ângela Maria".

Dizem muitos que Ângela Maria, além de sua voz, tem sucesso porque "cada brasileira pensa que pode cantar como ela no banheiro, e assim entra para o seu fã-clube". Outros afirmam que "Ângela pode ter inimigos gratuitos no rádio mas ninguém tem coragem de se revelar porque ela é Ângela Maria, a maior cantora de música popular do Brasil".

Ângela, cujo nome de batismo é Abelim Maria da Cunha, depois de ser chamada de "Zica" em criança e de "Jane" quando cantava em programas de calouros, escolheu Ângela Maria para nome radiofônico porque "é o nome bonito" da sua sobrinha.







Angela trabalha 18 horas por dia, todo dia do ano. Mas chega um momento em que ela precisa de ir para casa. Descansar.

Ela, hoje, tem momentos freqüentes de certa melancolia quando olha firme para um canto e diz: "Às vezes prefiro voltar a ser a Abelim das Couves, que lavava louça num riacho da terra onde nasceu".

ÂNGELA nasceu a 13 de maio em Conceição de Macabu, distrito de Macaé, no Estado do Rio, filha de pais Batistas, que hoje freqüentam a Igreja de Deus com os outros sete filhos.

"Protestante não pode ser artista de rádio, para cantar minha filha deixou de ser crente", diz Julita Maria da Cunha, mãe de Angela Maria.

Mas Angela diz que tem mais 4 ou 5 anos de canto, porque depois quer dar aula de Bíblia às criancinhas.

"Meu anjo-da-guarda não cresceu junto comigo; ficou criancinha", diz a cantora, que foi muito levada quando criança, tirava boas notas no colégio e, segundo sua mãe, "namorava um pouquinho".

Dizem que o primeiro namorado de Angela hoje é mecânico de automóvel, fã de seus discos e mora no Norte.

Angela Maria, que quando se zanga dá centenas de voltas dentro do apartamento ("Nenhum fotógrafo conseguiu ainda de mim uma chapa quando estou zangada"), fuma muito e depois tem de fazer gargarejo para cantar, já saiu noventa e sete vezes em capas de revistas (inclusive na alemã "Quick" com o nome de Maria Angela), tem automóvel com chofer,

recebe o "Jornal do Brasil" e o "Correio da Manhã" pelo café e tem quase dez álbuns de recortes e fotografias de suas entrevistas.

Ela desde menina gostava de cantar e freqüentava a Igreja Batista da rua Frei Caneca. "Angela não sabia nem falar direito e já cantarolava", diz sua mãe.

Quando mocinha, trabalhou primeiro na fábrica Nova América, mas suas colegas hoje já não a vêem mais.

Angela era boa operária, mas às vezes largava o serviço para mexer com colegas. Quando o chefe zangava, suas colegas corriam para ajudá-la.

"Foi um tempo em que eu vivia na base da inocência. Tinha 16 anos, não pensava em nada, só vivia contente", diz Angela, que depois foi trabalhar na seção de lâmpadas da General Electric.

"Seu" Maneco, que era o chefe de Angela, diz que "ela era muito brincalhona, deixava as lâmpadas queimar e se derreter".

"Eu não queria nada com o trabalho", diz Angela, "faltava muito, queimava minhas mãos e só vivia cantando. No canto da minha seção eu mesma fazia o meu "inferninho": cantava fingindo que estava no rádio ou na "boite".

Outro chefe de Angela, o sr. A. Verisse, quando ela cantava certa vez, lhe disse:

"Menina, isto não é rádio. Se você quer cantar porque não vai para o pátio na hora do almoço?"



Abelim já foi Zica e Jane

Ela sempre segurou fazendas ou lâmpadas.

Lembrar-se de que o sucesso também cansa.

Ângela aceitou o convite e dava "shows" diários para os operários deitados na grama para ouvi-la depois do almoço.

Ainda hoje, na fama, Ângela diz que sempre vai cantar com prazer para os operários da General Electric e da Nova América.

"E de graça: é só eles pedirem", diz a cantora, que já foi porta-bandeira do bloco da GE e levou uma surra do pai porque saiu fantasiada de índia no Carnaval.

ÂNGELA foi tentar o rádio cantando em programas de calouros. Não sabia cantar música popular, não tinha ritmo, mas mesmo assim ganhou Cr\$ 3 mil em todos os programas de calouro que freqüentou. E muita vez o auditório pedia bis, como se ela já fôsse cartaz.

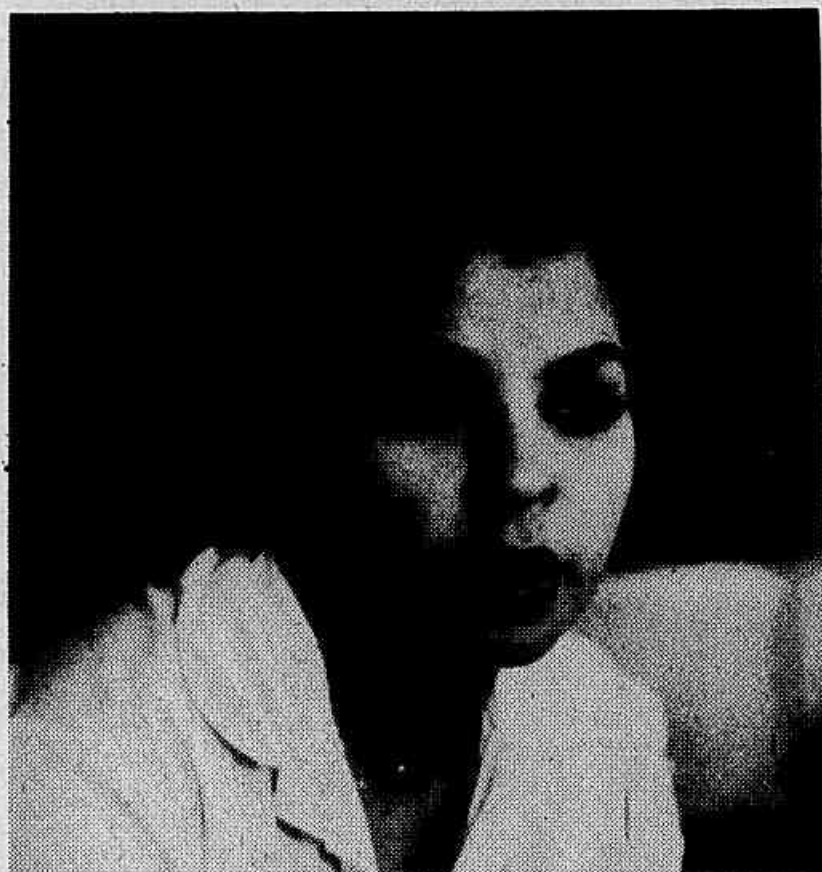
Jorge Curi, animador da "Hora do Pato", conta que Ângela certa vez foi ensaiar para cantar no programa.

"Ela ensaiou o "Canto da Saudade", acompanhada pelo falecido pianista Ferreira Filho. Uma concorrente veio reclamar comigo depois que Ângela cantou, dizendo que era desonesto eu colocar uma cantora profissional num programa de calouros. Ninguém podia acreditar que uma caloura cantasse tão bem".

Ângela diz que "naquele tempo minha voz era puro cristal. Eu não fumava, não bebia gelado e nem dormia tarde".

Quando já se preparava para desistir de programas de calouro porque, apesar de sempre vencer nunca lhe davam





chance de conseguir um pequeno contrato no rádio, Angela Maria foi cantar na audição de "Papel Carbono", de Renato Murce, na Rádio Nacional.

"Ela podia ser cópia de Dalva de Oliveira, a cantora do momento", disse Renato Murce em 1949.

Angela foi e, depois de ensaiar com o pianista Ferreira Filho, cantou "Olhos Verdes", pela primeira vez em programa de calouros, deixando de interpretar páginas semi-líricas ("Estrelita", "Granada", etc.).

"Fiquei depois implorando dois anos a produtores, diretores e programadores da Nacional para entrar para o rádio. Não me ligavam e diziam que eu deveria aprender a cantar música popular para agradar aos auditórios", diz Angela.

CANSADA de esperar pelo rádio e querendo cantar por vocação, Angela pediu à sua irmã Abedinar um vestido emprestado, penteou-se com carinho, pintou os lábios para parecer mais velha e foi tentar emprêgo em "boites".

"De manhãzinha, um dia, quando a calçada em frente à "boite" "Flair", em Copacabana, estava sendo lavada, eu passei e perguntei ao moço se podia cantar à noite porque queria mostrar que tinha voz. O moço olhou para mim e disse que eu era muito criança. Mas de tanto insistir ele disse que eu podia voltar à noite para falar com o dono. Fui aceita e fiquei trabalhando na "Flair" durante quatro meses, mas tive de ir embora. Porque os casais paravam de dançar quando eu cantava e o dono disse que não queria uma cantora que não deixasse os fregueses se divertir", diz Angela, que ganhou Cr\$ 6 mil em seu primeiro emprêgo noturno como cantora.

Foi o compositor Erasmo Silva o responsável pela ida de Angela Maria para o rádio.

Frequêntador diário do Avenida Danças, onde sempre trabalharam músicos e cantores que mais tarde viraram cartazes (Elizete Cardoso, Carlos Augusto, Dorinha Freitas, Nora Ney, Os Copacabana, Júlio Barbosa, Darcy Barbosa), Erasmo Silva foi chamado um dia por Agnaldo, dono do "dancing" para ouvir "uma cantora que parecia a Dalva de Oliveira".

"No segundo dia de Angela no Avenida", conta Erasmo Silva, "ela cantou "Olhos Verdes" e foi o bastante para que

eu dissesse: está aí uma grande cantora que não tem nada de Dalva e que vai fazer sucesso".

Apesar de há dezoito anos ser contratado da Rádio Tupi, onde dirige o Côro Popular, Erasmo Silva pensou em levar Angela para a Rádio Mayrink Veiga, que na época (1951) estava sendo reformada. Lá ela teria chance de aparecer.

Custou muito, porém, até que os diretores da Mayrink Veiga, apesar da insistência de Erasmo, fôssem até ao Avenida Danças para ouvir Angela Maria. Erasmo nada dissera a Angela porque queria que ela cantasse despreocupada, sem se dirigir para gente de rádio nela interessada.

"Uma noite, Gilberto Martins, diretor da Mayrink, resolveu atravessar a Cinelândia para ouvir Angela. Ela tinha três meses no Avenida, ganhava três mil cruzeiros, arrumava com Romilda, a companheira de Agnaldo, vestidos emprestados para cantar, era querida pelas dançarinas, que chegavam até a chorar quando Angela cantava", diz Erasmo, acrescentando: "Cada uma dessas mulheres tem sempre uma música que lhes toca o coração e Angela sempre cantava essas músicas".

Só depois de estar na Mayrink Veiga, levada por Gilberto Martins, foi que Angela soube que fora indicada por Erasmo Silva. Ela estreou a 1.º de março de 1951, cantando seis músicas inéditas, fazendo sucesso e ganhando 4 mil cruzeiros por mês. O cantor Ciro Monteiro apresentou-a a Vittorio Lattari, na RCA Victor, e Angela gravou seu primeiro disco, "Quando alguém vai embora" e "Sou bem feliz".

Dizem que Angela foi a cantora que deu oportunidade aos novos compositores, gravando músicas de José Nunes, Milton Legay, Paulo Menezes e Waldir Rocha.

DESDE sua estréia no rádio, em 1951, até hoje, Angela só conseguiu sucessos e um de seus primeiros namorados, o compositor Othon Russo, de quem ela gravou oito músicas, diz que "Angela sempre foi muito combatida no princípio do rádio. Muitos acham que o artista sempre tem de andar com o sorriso nos lábios e não compreendem que uma cantora também tem aborrecimentos".

"Continuo amigo de Angela até hoje", diz Othon Russo, que acompanhava sua namorada até à "boite" Casablanca

"Vou ensinar a bíblia às crianças"



"Chico Alves não descobriu Angela", diz Erasmo Silva.



Othon Russo e Dóris Monteiro (de nariz novo).

quando ela cantava com a Orquestra de Roberto Inglez e diz que nunca viu uma cantora entrar firme na música, apesar de a orquestra tocar dois tons mais alto, como aconteceu com um samba de Dunga cantado por Ângela no princípio da Mayrink.

Ainda no início do rádio, Ângela foi fazer um "show" na sede do Vasco da Gama e perdeu a voz na hora de cantar, recuperando-a minutos depois.

Othon Russo lembra: "Mas ela não ficou nervosa e cantou até o fim, sendo muito aplaudida".

Ângela Maria, que começou a estudar canto (mas deixou logo) com um professor alemão, trabalhou no "Night and Day" num "show" de Ari Barroso, que queria "uma cantora que não fôsse cartaz" e já chorou quando ouviu Ângela cantar seu samba "Terra Sêca".

Erasmo Silva é quem esclarece: "Francisco Alves não descobriu Ângela Maria. Ele apenas tirou uma foto abraçado com ela, quando a moça surgia e um repórter seu amigo publicou a fotografia dizendo que "Francisco Alves abraçava sua descoberta". Ângela veio do Avenida para a Mayrink sem passar pelas mãos de Chico".

Milton Carvalho foi o namorado de Ângela depois de Othon Russo. Andaram juntos durante muito tempo e tudo indicava que se casariam. Mas se separaram, houve muita gente dizendo que "êle só gosta dela por interesse", mas hoje Milton Carvalho diz:

"Ângela é ótima moça, muito minha amiga e uma grande artista".

É o que dizem também seus empresários, Armando Louzada (antigo) e Augusto Mesquita (o atual).

A casa que Ângela deu para seus pais na Penha tem três quartos, salas, cozinha grande e um pequeno apartamento no quintal e custou um milhão e trezentos mil cruzeiros.

Albertino Coutinho da Cunha, pai de Ângela e aposentado da Marinha, diz que a filha visita sempre a família, já esteve lá com seu namorado egípcio e sempre beija a menina Vera Lúcia, uma lourinha de 5 anos que Ângela Maria ganhou de uma enfermeira em São Paulo para criar.



"Nós damos educação e comida a Vera Lúcia; Angela dá roupas e remédio", diz o casal Albertino e Julita da Cunha.

Hoje, no sucesso, Angela às vezes lembra que os radialistas (da Nacional) Edmo do Vale e Renato Murce se lamentaram quando ela foi para a Mayrink Veiga ("Mas eles não me deram chance quando eu era caloura"); que "o rádio é ruim até para quem é estrela" e que a maioria dos artistas da Nacional "vive sob a lei da chibata: têm de cantar em festas oficiais e nada ganham".

Para ela, as grandes vozes do rádio são Lenita Bruno, Dolores Duran, Zezé Gonzaga, Lana Bittencourt, Dóris Monteiro, Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Carlos Augusto, Cauby Peixoto, Agostinho dos Santos, Lúcio Alves e Dick Farney (em inglês).

Angela diz que "não sei se tenho inimigos" e sobre a versão de que as irmãs Batista a teriam prejudicado um pouco no início de sua carreira ela respondeu:

"Não acredito. As irmãs Batista têm prioridades no rádio".

O cantor Almir Ribeiro, que morreu afogado em Ponta del Este no mesmo ano em que começava a aparecer no rádio, dizia que Angela sempre ajudava os novos. Quando Almir já era sucesso na "boite" "Oásis", em São Paulo, dedicou, numa noite, todo um recital para Angela Maria.

Com lágrimas nos olhos e chamada pelo público para cantar também em homenagem a Almir Ribeiro, Angela interpretou "Nem eu" e foi depois abraçada pelo cantor nos bastidores:

"Você é grande amiga", disse-lhe Almir.

ANGELA calça sapato 34, tem um metro e meio, dorme quase sempre às 4 da manhã e acorda às 11 horas, usa perfumes Dior, Dorothy Gray, gosta de risoto de peru, é Flamengo, adora cinema, crianças, gosta de calças compridas e de sapatos baixos, pesa 46 quilos, é fã de Farley Granger, gosta das cores lilás, preto, branco e amarelo claro e costuma cantar enquanto prova vestidos.

José, que encera o apartamento de Angela, diz que ela "levanta cantando e passa o dia inteiro ouvindo discos e brincando com "Like", "Orgulho" e "Baronesa", três cachorrinhos pequeninos".

Porque muita gente dá trotes diários em Angela, suas

empregadas atendem com cuidado o telefone. O coronel Silvestre Travassos, diretor da Guarda-Civil telefonou para a casa de Angela uma manhã e foi atendido um pouco rispidamente porque a empregada não acreditou que fosse ele mesmo.

Ivone, a secretária de Angela, disse quando o coronel telefonou novamente: "Desculpe, coronel, mas o senhor sabe, os trotes aqui não param".

Angela, que gosta muito da expressão "Está doida?" quando comete qualquer erro, deixa um disco cair no chão ou escorrega, está filmando "Uma Canção de Amor", em São Paulo, sendo a principal artista, e vai lançar um "long playing" inédito, cantando de improviso com um conjunto pequeno do vibrafonista Chuca-Chuca. Entre as músicas gravadas estão "Drume Negrita" (pela primeira vez ela grava em castelhano), "Amendoim Torradinho", "Se todos fossem iguais a você", "Nunca Jamais", "Balada Triste", "Salve a Cabrocha", "Por causa de você" e "Doutor Batu-cada".

Muitos dizem que "Angela não cuida do repertório", outros acentuam que "Angela faz sucesso por causa do material magnífico de sua voz".

A cantora Claudete Soares acha que "Angela é insuperável" e o pianista, compositor e contrabaixista Eduardo Lincoln diz que "para a voz de Angela só a voz de Angela".

COM um guarda-roupa onde os vestidos esporte, passeio ou rigor são mais de trezentos, proprietária de quase dez apartamentos, usando telefones brancos comprados nos Estados Unidos e morando num dos mais luxuosos apartamentos de Copacabana, Angela Maria, entre um programa de rádio, um "show" de televisão e uma filmagem não perde seu jeito simples de garôta que veio de baixo.

Quando ela fica preocupada morde o lábio inferior, põe um disco na vitrola (gosta muito de Sarah Vaughn e Nat "King" Cole) e fuma muitos cigarros.

Uma amiga de infância de Angela diz que "ela pode ter defeitos, mas suas qualidades de coração são insuperáveis".

Muitos cronistas de rádio acham que "Angela está muito importante e não liga mais àqueles que no início de sua carreira fizeram muita publicidade de sua voz".

Alegam estes cronistas que:

1. Angela acha ruim toda vez que se faz uma reportagem dizendo que ela tem um novo amor;
2. ela está escondendo o seu atual namorado, o egípcio Rodolfo, que também é decorador;
3. ele não vai casar com ela, só quer passar tempo;
4. ela está-se descuidando na escolha de repertório só porque já é cartaz feito.

O que Angela Maria responde:

1. Ninguém tem nada com sua vida particular;
2. a maioria das calouras a imita para ganhar prêmios;
3. isto é sinal de sucesso;
4. grava determinada música porque gosta e sente que será sucesso;
5. é honesta artisticamente e amiga de todos;
6. quem tem valor vence de qualquer jeito.

Ela, que fez seu grande sucesso em disco com o sambacção "Não tenho você", que acha o violonista Manoel da Conceição (que a acompanha sempre nas excursões) "um grande músico" e os maestros Guaraná e Gaya "excelentes", não irá mais a Portugal porque o empresário adiou a temporada para junho próximo.

Mas é provável que Angela Maria não viaje mais mesmo porque está filmando em São Paulo e depois terá de fazer televisão durante 60 dias seguidos, já que este é o período mínimo de suas apresentações.

Há os que dizem que "difícilmente Angela Maria casará porque seu temperamento não é fácil de ser compreendido".

O certo é que Angela não pode sair para a rua sem ouvir elogios e comentários de homens, mulheres e crianças. Ela sempre sorri, não deixa de dar autógrafos, mas não gosta de falar com os fãs sobre amor. Só uma coisa Angela garante:

"Não vou casar de véu e grinalda porque não quero publicidade no meu casamento".

TITINA VEM AÍ

D.E.





COMUNICADO II/58

A Direção do D.E. comunica aos brasileiros do Norte, do Sul, do Centro, do Nordeste, do Leste e de Brasília que recebeu esta semana uma carta da senhorita uruguaia Titina Aguirre, anunciando sua próxima visita ao Brasil, inclusive com o Biquíni que salu com ela na capa da RS n. 16.

Segue a carta em espanhol mesmo, como Titina escreveu:

"Montevideo, 11 de abril de 1958.

Querido D.E.

En este momento me siento radiante debido a la gran sorpresa que recibí junto con su carta. Yo sinceramente lo esperaba aunque no tan pronto, demás está decirle el efecto que me causó.

Vds. sabem demasiado el gran deseo que tengo de conocer Brasil, si a eso se le suma la forma em según Uds. piensan recibirme és ya decir demasiado.

Ante todo puede contar desde yá que acepto.

Ahora bien, esto que les voy a nombrar es lo único que me preocupa. Uds. en especial mencionan el vestuário. Uds. conocen mi situación, que soy empleada y saben que lógicamente mi guardarropas no puede ser en ningún momento excepcional aunque trataré dentro de mis medios de hacerlo lo más adecuado posible.

Las fotos se las mandaré dentro de três dias a más tardar. Les ruego mi envíe más detalles referentes al viaje — supongo que lo haré por la Varig. También quisiera saber se voy directamente a Rio de Janeiro y como será el itinerário.

Yo desde este momento quedo pendiente de sus noticias. Espero que la fecha que Uds. me dan sea concreta porque ya he pedido la licencia em mi empleo para ese día.

Como ya les dije antes espero saber lo antes posible.

Lo único que me resta decirles es "muchas gracias" por esta alegría que me han dado y hasta pronto.

a) Titina Aguirre

PD. — Decididamente, según sus critérios no puedo entrar a Brasil si no llevo el BIKINI. ¿No? Hasta el 2 de mayo.

de nuevo, a) Titina."

PS (ou PD)

Titina, que vocês já conhecem muito bem de fotografia e de ouvir falar, chegará ao Rio, convidada pelo Departamento Especializado da REVISTA DA SEMANA, no próximo dia 2 de maio de 1958, viajando de Montevideu ao Rio num avião da Varig.

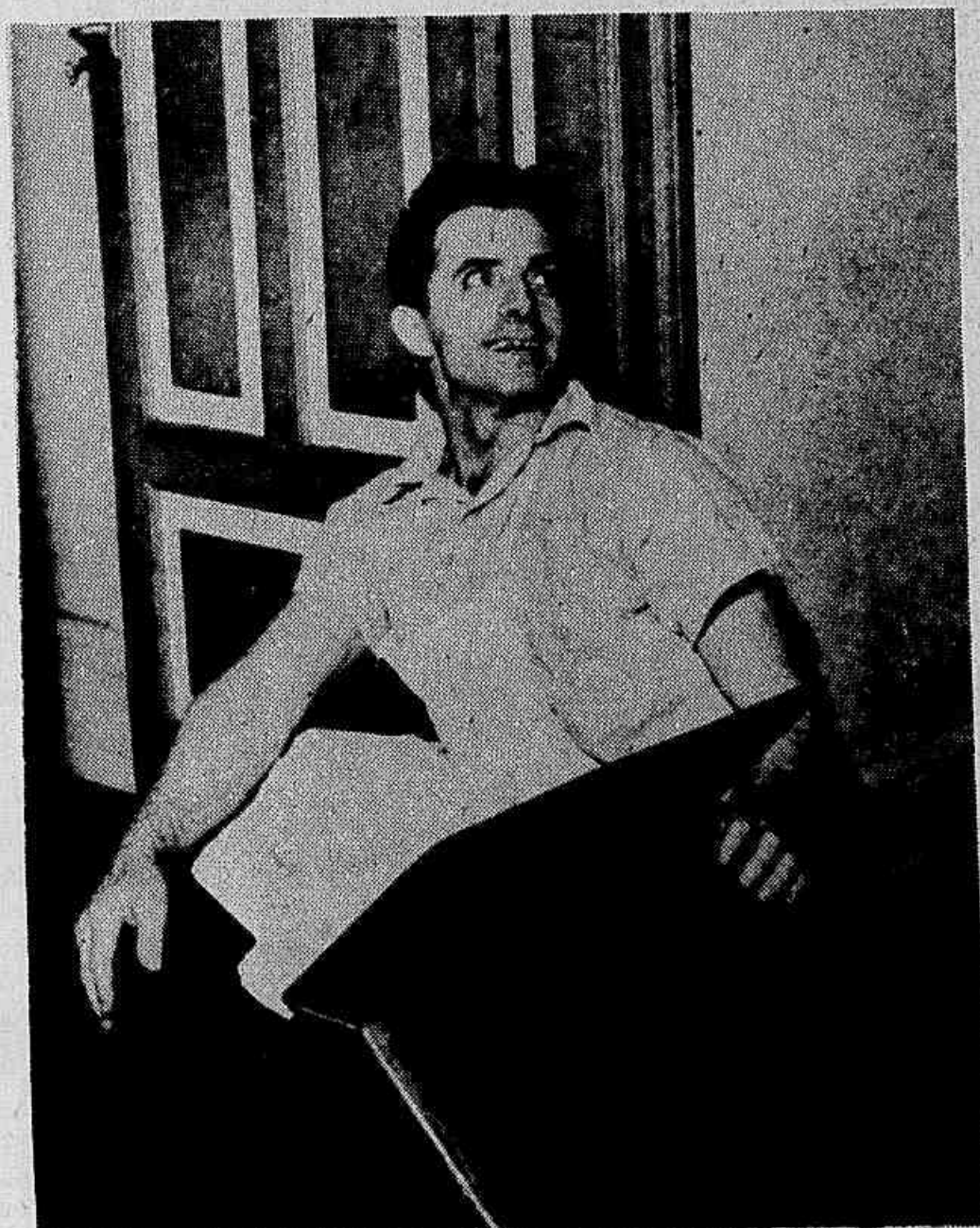
Ela ficará hospedada num apartamento do Copacabana-Palace que vocês podem ver (na fotografia), desfilará, desfilará, irá à praia, à piscina do hotel, etc.

Bem. Depois, ela seguirá viagem para o Norte, Salvador, Recife, Fortaleza, depois os mineiros vão conhecê-la, e os paulistas também, e também os gaúchos. Aí então, estando pertinho de sua terra, ela tomará outro avião da Varig, e adeus.

No Copacabana-Palace, Titina será atendida pelo arrumador Antônio Afonso Dias, pela arrumadeira Helena Luchesi (que tem 23 anos de Copacabana-Palace) e pela governanta Gertrudes Buchsbaum, que atendeu a Fleming da penicilina, Peter Townsend de Margaret, Amália Rodrigues de Antônio Maria e agora atenderá a Titina do D.E.



O camareiro do Copacabana-Palace prepara o quarto que receberá Titina.





A MÃE DO

GANHE VOCÊ MESMO
O PRESENTE PARA SUA MÃE

MAIS DE 40 MIL CRIANÇAS
CONCORRERÃO AOS PRÊMIOS

SERA QUE ESSE Zézinho é um moleque?

O júri estava na dúvida. Dois jurados achavam que não. Os outros três sugeriam uma investigação.

A carta de Zézinho tinha sido selecionada entre mais de 14 mil, para ganhar o primeiro prêmio, mas o júri não queria se arriscar: o garoto tinha dez anos "e nessa idade os garotos costumam ser muito impertinentes".

A carta do Zézinho dizia:

"O Manuel tem uma mãe tão boa! Viva a mãe dele!"

O júri estava reunido numa quinta-feira de maio de 1955, às vésperas do "Dia das Mães". Não havia tempo para a investigação. O número de cartas havia sido tão grande que o júri atrasara a entrega do resultado. Agora, era impossível adiar. Os nomes dos premiados devia sair de qualquer maneira no dia seguinte (sexta-feira), para que a entrega dos prêmios fosse no sábado, a tempo dos premiados comprarem ainda o presente para a mamãe.

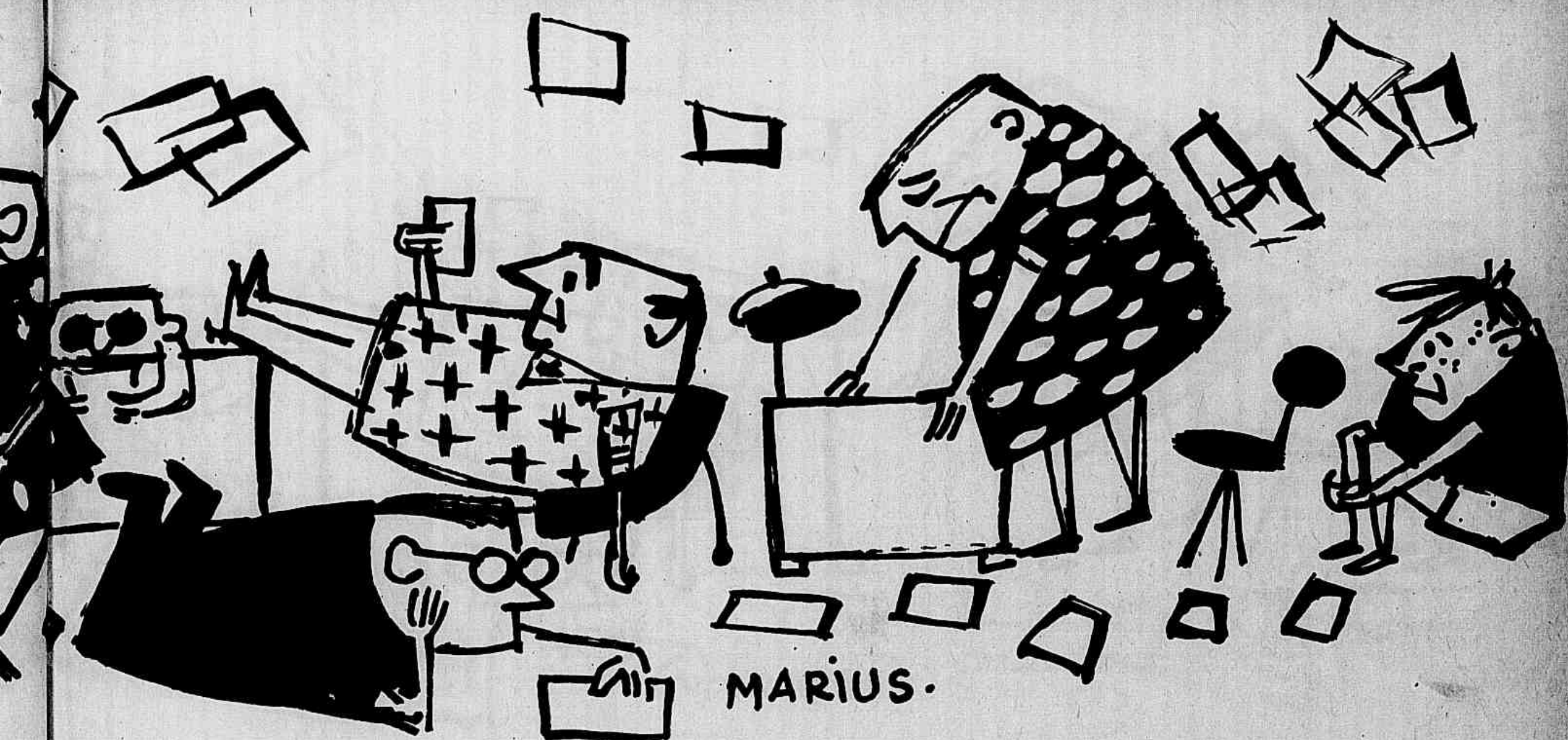
Depois de bastante discussão chegou-se ao resultado. Não era justo arriscar a fazer uma injustiça baseado numa suspeita maldosa. E se Zézinho fosse mesmo um moleque, o remédio era desclassificá-lo depois — o que seria um bom castigo.

No dia seguinte a "Tribuna da Imprensa" publicou o resultado do seu concurso "Ganha você mesmo um presente para sua mãe". Com o Zézinho premiado em primeiro lugar.

E publicava as outras cartas premiadas:

"Não preciso mais ganhar o prêmio do jornal porque minha mãe já morreu. Se eu pudesse dava a você, mãezinha, esta lágrima branquinha que saiu lá do fundo do meu coração. Está vendo? Até molhou o papel".

"Eu queria dar um presente a mamãe, mas estou triste por não poder comprar nada, pois nada tenho, e ainda mais triste porque o que eu mais queria dar só Deus pode: queria ter o poder de fazer papai voltar ao nosso lar, tão alegre antigamente e agora tão vazio sem ele. Nas vésperas do dia



ZÈZINHO É BOA

que seria feliz em nossa casa, porque era o "Dia das Mães", foi justamente quando um caminhão malvado o matou".

E as outras cartas que pediam óculos, máquinas de costura, batedeiras de bôlo, liquidificadores, umas folhas de zinco para fazer um barracão, uma caneca escrita "Amizade", uma dúzia de rosas brancas, um sabão que não estragasse as mãos, uma máquina de costura, um sapato, um vestido justo e de setim vermelho, uma dentadura nova, um saco de bala "prá ela me dar umas", um lenço de côr "e se não fôr possível dou um beijo nela".

Um menino pediu os dois mil cruzeiros para dividir: mil para os americanos e mil para os russos, para que eles parassem de fabricar bombas atômicas, "o melhor presente pra mamãe".

A carta do Zèzinho vinha em destaque.

Naquele dia os repórteres da "Tribuna da Imprensa" foram entrevistar os vencedores e os que ganharam menção honrosa.

No dia seguinte houve a entrega dos prêmios, entre palmas. Zèzinho estava entre os quinze premiados de 1955. Em 56 mais quinze meninos foram premiados. Em 57 mais quinze meninos ganharam prêmios. E cada vez chegam mais cartas — 14 mil em 55, 21 mil em 56, 32 mil e 500 em 57. Este ano já chegaram mais de 35 mil, até a semana passada. E cada ano aumenta o número de menções honrosas. Mas a carta do Zèzinho é sempre lembrada, quando se fala no concurso. (A dêle e a da menina que escreveu "Viva a mamãe. Ó Bandeira do Brasil!")

A história do Zèzinho:

Quatro dias antes de encerrar o concurso o Zèzinho ainda não havia escrito a sua carta. Tinha dez anos, era muito estudioso (um dos primeiros da turma), sabia do concurso patrocinado pela "Tribuna da Imprensa" mas não conseguia escrever a carta. Zèzinho, José Martins Pena, já fizera força

para escrever, mas tinha uma dificuldade: não lembrava mais da mãe, de como ela era. Se encontrasse com a mãe na rua não era capaz de reconhecê-la.

A professora insistiu: "Escreva, Zèzinho".

Zèzinho teve uma idéia e escreveu. Escreveu pensando na mãe do Manuel, o seu amigo de "peladas", o "mocinho" nas brincadeiras de que êle era o ajudante. A mãe do Manuel que gostava dêle, que tratava bem dêle, que dava merenda pra êle, que era boa para o Manuel que chegava a sobrar para êle.

Escreveu:

"A mãe do Manuel é tão boa! Viva a mãe dêle!"

O concurso, hoje, já ultrapassou os limites das promoções rotineiras dos jornais para interessar a todos: escolas, professoras, alunos, mães, pais, filhos, irmãos, agências de publicidade. Todos ficam esperando o resultado do concurso para ler as cartas premiadas.

E são milhares os que compram, nesta época, a "Tribuna da Imprensa", ao lado do seu jornal preferido, para acompanhar o concurso, hoje uma das mais belas promoções da imprensa brasileira.

É fácil concorrer à escolha do presente para a mamãe. Basta que um garoto ou uma menina escreva uma carta à "Tribuna da Imprensa" (Rua do Lavradio, 98, Rio) para o concurso "Ganhe você mesmo um presente para a sua mãe", dizendo qual o presente que gostaria de dar a ela.

O júri selecionará as quinze melhores cartas e as premiará. Cinco professores das escolas primárias serão também premiados entre aqueles cujos alunos escreverem as melhores cartas.

Os prêmios serão entregues pela "Tribuna da Imprensa", numa grande festa para a qual serão convidados os garotos e suas mães e que se realizará num grande auditório da cidade. (O ano passado foi no auditório da "Mesbla".)

E mesmo os garotos não premiados ganharão balas.

A IGREJA E A NAÇÃO

1 A semana política foi dominada pela presença da Igreja na apreciação da crise nacional.

Começou com a discutida participação do cardeal Mota, de São Paulo.

A sua vinda ao Rio atribuiu um matutino o objetivo de advertir o Governo sobre os erros da política econômico-financeira do país, a infiltração comunista após a libertação de Prestes, e a gravidade da situação social de São Paulo, conseqüente dos dois fatores anteriores, e retratada no quebra-quebra de trens da Central.

O cardeal Mota, que andou em conferências com o presidente da República e com os ministros da Guerra e da Fazenda, desmentiu veementemente os intuitos atribuídos à sua viagem. Foi além: fez louvores derramados à orientação econômico-financeira do ministro da Fazenda, à sua política do café, e ao próprio Alkmim, a quem consagrou como "Inatacável".

Poucos dias depois, veio à publicidade o manifesto dos bispos do Rio, do Espírito Santo e do Estado do Rio, à frente o cardeal Câmara, no qual se faz severa crítica à situação brasileira, denunciando-se: 1) a infiltração comunista inclusive em postos de responsabilidade; 2) a existência de entidades de orientação nacional (Instituto de Estudos Brasileiros, do Ministério de Educação?) marchando em compasso com interesses comunistas; 3) a situação econômica, cuja revisão se exige sob pena de cairmos no pânico e no caos; 4) a necessidade de um regime de "austeridade", cujos exemplos devam ser dados de "cima para baixo".

Posteriormente, o arcebispo auxiliar Hélder Câmara procurou dar, em seu nome pessoal, uma interpretação retrospectiva ao pronunciamento, segundo a qual os erros e culpas apontadas quase vêm da descoberta do Brasil.

O terceiro documento, emanado da Igreja, é o manifesto dos bispos mineiros, cujos tons dominantes caracterizam a infiltração comunista — reativada com a liberdade de Prestes; a corrupção eleitoral — através de empregos, dinheiro e negócios; o hibridismo das alianças partidárias — entre partidos democráticos e não democráticos; e, por fim, a condenação ao "monopólio do ensino" — que estaria sendo defendido e pôsto em prática pelo professor Anízio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério de Educação, cujo afastamento já fôra pedido, também em manifesto, pelos bispos gaúchos.

2 Nos bastidores do meio político e jornalístico, correm, então, rumores e versões múltiplas sobre todos estes episódios. Registremo-las, com a possível exatidão, para um julgamento isento e preciso.

1.^a versão: Teria o cardeal Jaime Câmara, após ouvir do chefe de Polícia, general Krueel e do delegado da Ordem Social, cel. Danilo Nunes, um relato sobre a inocuidade dos meios legais para combate ao comunismo, além de informações sigilosas sobre a participação de comunistas em funções civis e militares, consultado os cardeais de S. Paulo e Bahia sobre a conveniência de divulgação, pelos Três Chefes Espirituais, de uma advertência às autoridades e à Nação sobre os perigosos rumos desta hora, com a reativação da propaganda comunista, os riscos de múltiplas alianças no pleito de outubro, propiciando uma representação disfarçada do extinto PCB, o agravamento da crise econômica, gerando perigos de convulsão social, e os erros doutrinários e práticos do "monopólio do ensino" pelo Estado.

O cardeal Mota teria vindo trocar idéias sobre o assunto, e aqui discordara dos termos em que o problema estava

sendo pôsto. O cardeal da Bahia julgara também inconveniente o pronunciamento coletivo, ressaltando, na oportunidade, seu julgamento favorável à obra do prof. Anízio Teixeira.

2.^a versão: Elementos do Governo, advertidos sobre a existência, ainda nos bastidores, do Manifesto dos Cardeais, teriam conseguido a vinda do cardeal de S. Paulo com o objetivo de, por seu intermédio, impedir a divulgação. E levam a sua empáfia ao ponto de insinuarem, de maneira certamente injuriosa ao chefe da Igreja, em São Paulo, que, por coincidência, dependiam do ministro da Fazenda o pagamento do auxílio de 30 milhões de cruzeiros à Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo e a licença para importação de sinos da Catedral paulistana.

Tais versões se referem ao período da pré-publicação.

Há outra posterior à divulgação do manifesto. Segundo esses rumores, o sr. Juscelino Kubitschek teria manifestado aos seus íntimos profunda irritação em face dos termos do documento, que interpretava como perigosa crítica ao seu governo, alegando, nesse desabafo áspero, a presteza com que vinha atendendo a todos os pedidos feitos pelos bispos. Daí, convocara a presença do sr. Núncio Apostólico, a quem interpelara sobre a nova posição assumida pela Igreja, sem razões ponderáveis que justificassem essa separação com o Governo. Surgira desses entendimentos a idéia da interpretação do arcebispo Hélder Câmara, feita em caráter pessoal, pois o cardeal Jaime Câmara considerava o manifesto em termos precisos e inequívocos.

Veio, mais tarde, o manifesto dos bispos mineiros, outros estão sendo anunciados, e tudo isto ressalta a singular importância que terá a Reunião dos Bispos Brasileiros, a realizar-se próximamente em Goiânia.

3 Sumariados os fatos, reveladas as versões de bastidores, cabem, ao final, algumas perguntas:

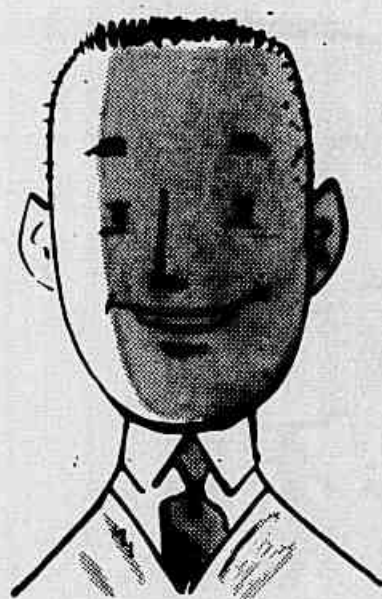
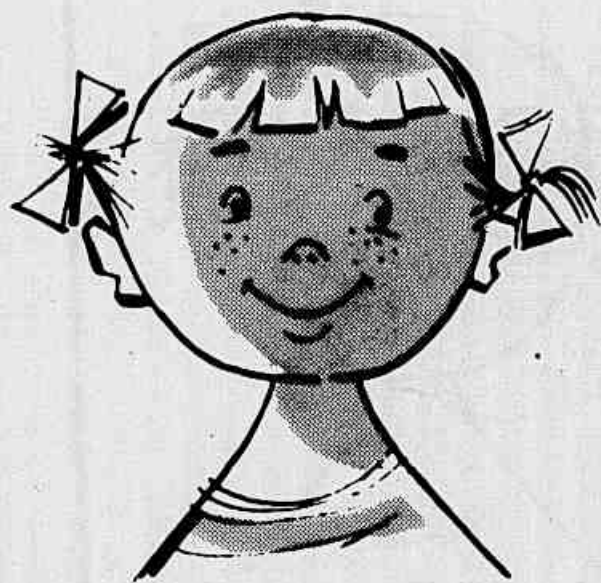
1. Será mesmo espontânea e convicta a apreciação do cardeal Mota sobre a situação econômico-financeira do país, quando as cifras, os índices, os depoimentos de economistas e técnicos, não escondem a crise excepcional, um país em deficits orçamentários, com o seu principal produto (e na maior parte produzido em S. Paulo) sem comprador, o dólar subindo semana a semana, o encarecimento da vida aumentando a penúria e a fome?

2. A interpretação retrospectiva de d. Hélder poderá esconder que, se erros vêm acumulados do passado, estão eles sendo agravados dia a dia, e, final, o Governo atual responsável pela não solução desses problemas? Poderiam, agora, arrancar do túmulo o sr. Vargas e do seu ostracismo o marechal Dutra e o sr. Café Filho para conduzir soluções, que dependem do sr. JK? E se o atual presidente não encaminha tais soluções, não será a ele que certamente se dirigem as críticas à situação presente, mesmo originária de outras épocas?

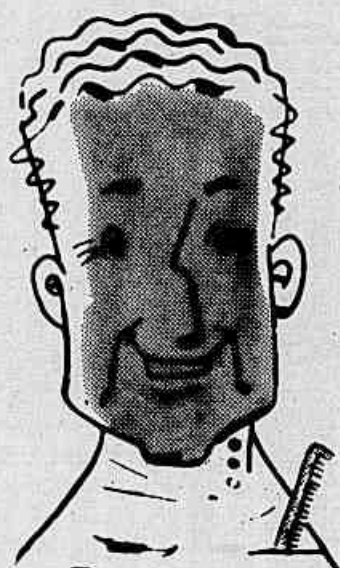
3. Admitindo a hipótese do sr. Anízio Teixeira estar errando na direção do INEP, será dele a maior responsabilidade, quando, acima de sua autoridade, estão o ministro da Educação e o presidente da República? Poderia o diretor do INEP promover o monopólio do ensino, sem a aprovação expressa do Governo a que serve?

4. A "Lei de Fidelidade", que se quer dar ao Governo é indispensável para que este afaste de comandos militares e de postos civis militantes comunistas, ali colocados por simples escolha pessoal, facilmente revogável, do Governo atual?

ALUIZIO ALVES



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

TITINA

a garôta que nos esgotou

VEM AÍ



**A "garôta
do D. E."
chega ao Brasil
no dia
2 de maio**

**voando pela
VARIG**